



VOCAÇÃO

DESCOBRINDO O SEU CHAMADO



Elias Torralbo



VOCAÇÃO

DESCOBRINDO O SEU CHAMADO



Elias Torralbo

Elias Torralbo

VOCACÃO

DESCOBRINDO O SEU CHAMADO

1ª edição



Rio de Janeiro
2020

Todos os direitos reservados. Copyright © 2020 para a língua portuguesa da Casa Publicadora das Assembleias de Deus. Aprovado pelo Conselho de Doutrina.

Preparação dos originais: Daniele Pereira

Revisão: Miquéias Nascimento

Capa: Fábio Longo

Projeto gráfico e ditoração: Anderson Lopes

Conversão para ePub: Cumbuca Studio

CDD: 250 – Congregações cristãs, prática e teologia pastoral

e-ISBN: 978-65-86146-44-8

As citações bíblicas foram extraídas da versão Almeida Revista e Corrigida, edição de 2009, da Sociedade Bíblica do Brasil, salvo indicação em contrário.

Para maiores informações sobre livros, revistas, periódicos e os últimos lançamentos da CPAD, visite nosso site: <https://www.cpad.com.br>.

SAC — Serviço de Atendimento ao Cliente: 0800-021-7373

Casa Publicadora das Assembleias de Deus

Av. Brasil, 34.401, Bangu, Rio de Janeiro – RJ

CEP 21.852-002

1ª edição: 2020

Sumário

-

[Capa](#)

[Folha de Rosto](#)

[Introdução](#)

[Capítulo 1](#)

[Chamado ou Vocacionado?](#)

[Capítulo 2](#)

[Qual É a minha Vocação? A Descoberta](#)

[Capítulo 3](#)

[A Vocação e sua Natureza](#)

[Capítulo 4](#)

[Desperte o Dom que em ti Há](#)

Capítulo 5

Eu Sou Vocacionado?

Capítulo 6

As Evidências de uma Vocação

Conclusão

Referências

Landmarks

Capa

Folha de Rosto

Página de Créditos

[Sumário](#)

[Introdução](#)

[Bibliografia](#)

Introdução

-

Nada é mais trágico do que pessoas que vivem sem direção e perdidas, sem conhecer o propósito para o qual existem. Essa tragédia tem levado pessoas a passarem pela existência sem a bênção de influenciar outras pessoas, não deixando um legado para a geração vindoura. Aliás, muitos são os que, por não conhecerem o propósito de Deus para suas vidas, são incapazes de influenciarem a si mesmas.

Você pode pensar que este é um mal que não afeta crentes fiéis. Ledo engano. Não são poucos os crentes que desconhecem o plano de Deus para sua vida, inclusive, no que diz respeito ao seu chamado. A falta de conhecimento da própria vocação cristã não prejudica só esse cristão, individualmente, mas também priva a igreja de ser beneficiada com o exercício daquilo que Deus entregou a ele.

Portanto, precisamos reconhecer que a nossa existência é um sinal de que Deus tem um propósito para nossa vida, e o que precisamos fazer é descobri-lo. Nenhum crente é inútil; todos temos algo a fazer para Deus, em favor de sua igreja e também a favor daqueles a quem o Senhor nos enviar.

Abordaremos o tema da vocação com ênfase naquele ato glorioso de Deus em escolher pessoas para usá-las à sua maneira, visando a finalidades que o próprio Senhor estabelece. Sendo assim, iremos considerar alguns pontos que nos colocarão dentro daquilo a que nos propomos nesta obra.

Deus é quem dá obreiros à sua igreja (Ef 4.11), assumindo um significado ainda mais especial se considerarmos o fato de que, nas cartas enviadas às sete igrejas da Ásia, o texto é enfático, ao dizer: “Ao anjo da igreja” (Ap 2.1,8,12,18; 3.1,7,14), ou seja, aqueles que são dados à igreja passam a pertencer a ela, para servi-la.

É impossível imaginar o desenvolvimento da história relatada na Escritura acerca do que Deus está realizando no mundo desde a Criação até os dias atuais sem considerarmos as pessoas que o Senhor escolheu para usar, tendo em vista o cumprimento do seu propósito. Portanto, debruçar sobre o tema da vocação é

lidar com algo muito precioso, por algumas razões, como: 1) o ato de Deus escolher homens para usá-los é obra da sua graça; 2) todo o processo vocacional visa ao benefício do outro e, nesse caso, da igreja; 3) é no mínimo misterioso que Deus (perfeito e santo) utiliza-se de pessoas (imperfeitas e impuras) para usá-las, dentro de suas muitas limitações, para a realização da obra dEle.

Nosso objetivo é tratar sobre este tema, mas com ênfase em alguns pontos-chave, como a importância de se descobrir a própria vocação, de que forma isso é possível, quais as vantagens em descobrirmos nossa vocação e quais os prejuízos quando isso não acontece. Além disso, elucidaremos também a respeito da origem da verdadeira vocação, o que nos ajudará a não somente conhecermos a fonte de nosso chamado, mas também como e quais métodos devemos usar para executá-lo, bem como identificar de maneira clara o objetivo de toda vocação divina.

Muita atenção à minha pergunta: “Você sabe qual é a sua vocação?” Você sabe qual é o seu chamado?” Você sabe diferenciar vocação de chamado?” “É possível descobrir a própria vocação?” É importante descobrir a vocação?” “Como podemos descobrir nossa vocação?”

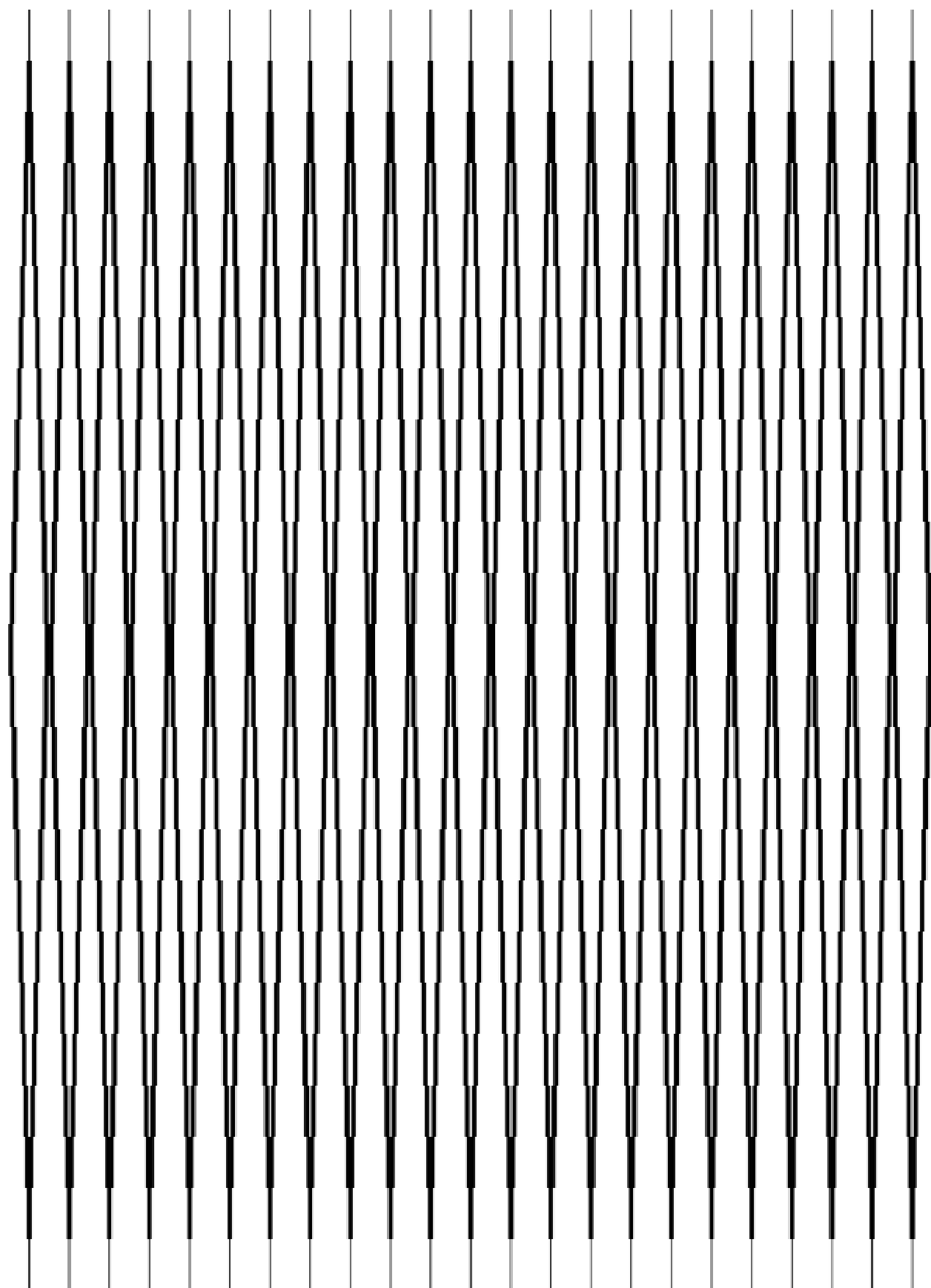
Leia este livro e caminhe na direção da descoberta de sua vocação.

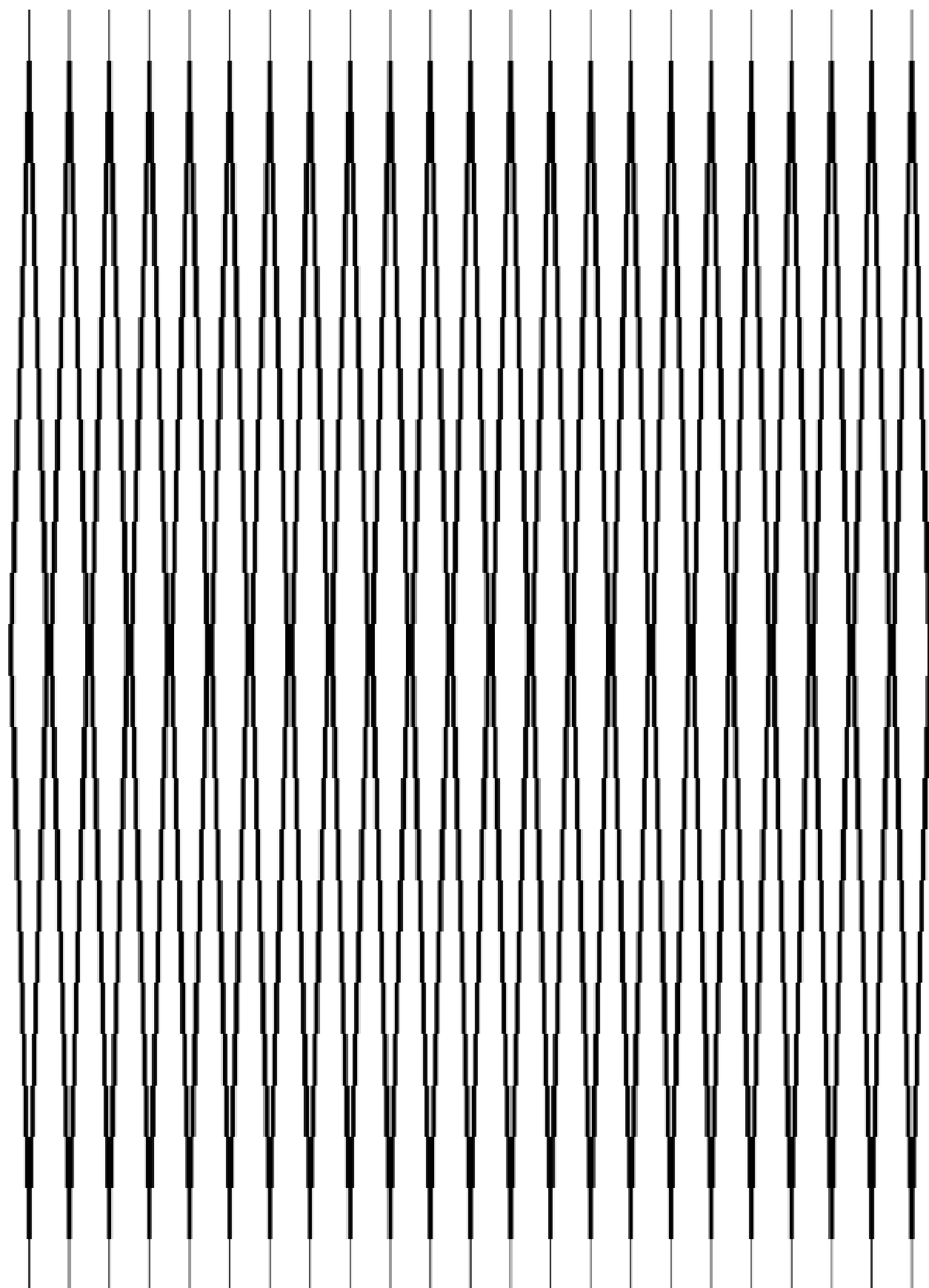
Para você que já descobriu sua vocação, leia para que possa cumpri-la.

Para você que já tem cumprido sua vocação, convido-o a ler este livro tendo como objetivo a reavaliação das motivações, dos métodos e dos objetivos do seu ministério, pois, fazendo isso, você poderá potencializar ainda mais aquilo que já tem feito no Reino de Deus.

Nunca se esqueça: “Não existem pessoas ruins; o que existem são pessoas no lugar errado”.

Descubra o propósito de sua vida. Descubra sua vocação. Viva intensamente aquilo que Deus tem preparado para realizar por você e através de você!





Chamado ou Vocacionado?

Apresentar uma abordagem sobre vocação é desafiador por diversas razões, dentre as quais, atendendo aos objetivos deste livro, destaco duas: 1) diz respeito a um assunto de vital importância, tanto para o crente, individualmente, quanto para a saúde espiritual da própria igreja de Deus, coletivamente; 2) é um tema tão rico que abre muitas opções de abordagem e, por isso, exige um cuidado especial para que o objetivo da análise proposta não se perca.

Tendo dito isso, proponho, para começar esse percurso, o conhecimento do significado geral da expressão e suas implicações, considerando que tal conhecimento se faz necessário como base para a nossa “construção” em torno desse assunto, que aqui tem como finalidade identificar os meios pelos quais podemos descobrir a nossa vocação.

De modo geral, o primeiro passo para a compreensão de um determinado assunto é, sem dúvida, conhecer o seu significado. Nesse sentido, começaremos por uma análise resumida, objetiva e clara dos termos vocação e chamado. Contudo, convém destacar que reconheço a existência de muitos outros termos empregados no que se refere a este assunto, porém, tendo em vista o nosso objetivo, abordaremos somente esses dois.

Sou Chamado ou Vocacionado?

“Chamado” e “Vocação” são termos correlatos e seus respectivos significados e implicações estão intimamente ligados. Eis uma das razões por que se torna desafiadora e imprescindível uma definição clara e bem fundamentada acerca de seus respectivos significados e distinções. E é a esse desafio que nos propomos agora.

Por estarem diretamente ligadas, essas expressões costumam ser utilizadas – de forma equivocada – como sinônimas, ainda que em muitos casos de maneira involuntária e inconsciente.

Desse modo, a falta de uma compreensão correta e bem definida do significado e das diferenças existentes entre “chamado” e “vocação” traz consequências negativas para a carreira cristã que está preparada para cada um de nós, das quais podemos citar: 1) gera confusão sobre o assunto; 2) traz privação de um conhecimento amplo e profundo sobre o tema; 3) afeta negativamente o desenvolvimento e os resultados da execução da tarefa para a qual fomos chamados.

O que É uma Vocação?

Em linhas gerais, o termo “vocação” diz respeito à inclinação, tendência, ou ainda, pender para o exercício de uma tarefa que é capaz de dar ao vocacionado verdadeira satisfação, por estar diretamente ligado ao propósito de sua vida.

Em sua raiz etimológica, essa palavra é oriunda do latim e se origina do verbo “vocare”, que aponta para o ato de “chamar”, “convocar”, “apelar”. Desse modo, se atentarmos para a raiz da palavra, encontraremos as expressões “vox”, “vocis”, “voz”.

Vocação, no que diz respeito diretamente à vida cristã, é entendida como a forma que Deus comunica aos seus escolhidos a sua missão, isto é, aquilo para o qual foram chamados. Ou seja, a vocação é o meio pelo qual Deus imprime no interior de cada crente o desejo e a inclinação para uma tarefa específica, por meio da qual este tem a oportunidade de tornar-se participante da obra que Ele está realizando na terra.

Sendo assim, podemos afirmar que vocação tem a ver com a percepção interna que o crente tem, ou deve ter, a respeito daquilo que Deus espera dele no que diz respeito a um trabalho específico a ser desenvolvido.

E o Chamado, o que É?

No que se refere ao chamado, o pastor e teólogo Sinclair Ferguson, em certa ocasião, disse que, no Novo Testamento, uma das mais frequentes descrições do crente, em uma única palavra, é “chamado” (HARVEY, 2013, p. 37).

Diante dessa afirmação resumida, porém verdadeira, precisamos direcionar a nossa atenção para o que vem a ser o chamado, pois tal compreensão irá nos favorecer em nosso objetivo. No entanto, antes que avancemos no sentido de compreendermos esse termo, precisamos ter em mente que o chamado de alguém não o distingue dos demais cristãos. Afinal, todos são chamados pelo Senhor, conforme lemos nas palavras de Colin Marshal e Tony Payne:

No nível mais básico, a Bíblia diz que Jesus não tem duas classes de discípulos: aqueles que dedicam sua vida ao serviço de Cristo e aqueles que não a dedicam. A chamada ao discipulado é a mesma para todos... Não há dois tipos de discípulos – o grupo mais íntimo que serve a Jesus e ao seu evangelho e os demais. Ser um discípulo é ser um escravo de Cristo e confessar seu nome abertamente diante dos outros... (MARSHAL E PAYNE, 2015, p. 50)

Ou seja, na Nova Aliança, inaugurada e cumprida em Cristo, fomos todos colocados no mesmo nível. Essa igualdade é central nos ensinamentos bíblicos conforme lemos nas palavras do apóstolo Paulo: “Dessarte, não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus” (Gl 3.28, ARA).

Desse modo, aqueles que exercem ministério como fruto de um chamado específico não fazem parte de uma classe selecionada de homens, embora tenham que ser tratados com as devidas honras, conforme ensinado nas Escrituras (1 Ts 5.12-13).

De acordo com os ensinamentos bíblicos, por meio de sua profissão ou de seu

trabalho o crente é convocado a glorificar a Deus, manifestando assim os princípios do Reino, além de ser uma demonstração de crescimento e maturidade espiritual (1 Ts 4.10-12).

A. A. Hoekema nos ajuda a entender melhor essa convocação quando afirma que “Todos os chamados são de Deus, e tudo o que nós fazemos na vida cotidiana deve ser feito para o louvor de Deus, seja estudo, ensino, pregação, negócios, indústria ou trabalho doméstico” (HOEKEMA, 1999, p. 74).

Enfim, tendo pontuado que aqueles que exercem ministérios específicos são tão preciosos para Deus quanto aqueles que não exercem, podemos prosseguir em direção ao nosso objetivo: abordar o termo “chamado” exclusivamente no aspecto ministerial. A partir disso, consideremos as seguintes questões: “O que é ser chamado?”; “Como identificar um chamado de Deus?”; “Quais as relações e diferenças entre vocação e chamado?”.

Identificando um Chamado

Possuir um “chamado” é ter sido convocado por Deus para o cumprimento de uma tarefa que, com base em sua autoridade, é Ele mesmo quem estabelece o que deve ser feito, como deve ser feito e por quem deve ser feito. Com base nisso, podemos destacar três lições:

1. O mérito não é de quem é chamado, mas de quem chama.
2. A tarefa a ser realizada não pertence a quem foi chamado, mas a quem chamou.
3. Não se trata de um peso, mas um privilégio concedido pela graça divina.

Dave Harvey (2013) afirmou que esse “chamado” é o mesmo que uma convocação. Para ele, “uma convocação é uma chamada para deixar uma coisa em direção a outra” (p. 20).

Concordo com a posição de Harvey não somente por experiência pessoal, mas, e principalmente, porque encontramos na Bíblia exemplos de homens ocupados que foram designados por Deus para uma obra específica e que, para cumpri-la, tiveram que mudar tanto de direção quanto de função. Muitos são os exemplos que poderíamos destacar, mas fiquemos apenas com quatro (dois do Antigo Testamento e dois do Novo Testamento).

Moisés e o chamado para apascentar.

“E apascentava Moisés o rebanho de Jetro, seu sogro, sacerdote em Midiã; e levou o rebanho atrás do deserto e veio ao monte de Deus, a Horebe. E apareceu-lhe o Anjo do Senhor em uma chama de fogo, no meio de uma sarça; e olhou, e eis que a sarça ardia no fogo, e a sarça não se consumia. [...] Vem agora, pois, e eu te enviarei a Faraó, para que tires o meu povo, os filhos de Israel, do Egito. [...] Tomou, pois, Moisés sua mulher e seus filhos, e os levou sobre um jumento, e tornou à terra do Egito; e Moisés tomou a vara de Deus na sua mão” (Êx 3.1-2,10; 4.20).

Elias e Eliseu: chamado e comunhão.

Partiu, pois, Elias dali e achou a Eliseu, filho de Safate, que andava lavrando com doze juntas de bois adiante dele; ele estava com a duodécima. Elias passou por ele e lançou o seu manto sobre ele. Então, deixou este os bois, correu após Elias e disse: Deixa-me beijar a meu pai e a minha mãe e, então, te seguirei. Elias respondeu-lhe: Vai e volta; pois já sabes o que fiz contigo. Voltou Eliseu de seguir a Elias, tomou a junta de bois, e os imolou, e, com os aparelhos dos bois,

cozeu as carnes, e as deu ao povo, e comeram. Então, se dispôs, e seguiu a Elias, e o servia” (1 Rs 19.19-21, ARA).

Simão, André, Tiago e João: chamado, profissão e missão.

“E, andando junto ao mar da Galileia, viu Simão e André, seu irmão, que lançavam a rede ao mar, pois eram pescadores. E Jesus lhes disse: Vinde após mim, e eu farei que sejais pescadores de homens. E, deixando logo as suas redes, o seguiram. E, passando dali um pouco mais adiante, viu Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão, que estavam no barco consertando as redes, e logo os chamou. E eles, deixando o seu pai Zebedeu no barco com os empregados, foram após ele [Jesus]” (Mc 1.16-20).

Paulo, confronto e recomeço como princípios do chamado.

“Saulo, respirando ainda ameaças e morte contra os discípulos do Senhor, dirigiu-se ao sumo sacerdote e lhe pediu cartas para as sinagogas de Damasco, a fim de que, caso achasse alguns que eram do Caminho, assim homens como mulheres, os levasse presos a Jerusalém. Seguindo ele estrada fora, ao aproximar-se de Damasco, subitamente uma luz do céu brilhou ao seu redor, e, caindo por terra, ouviu uma voz que lhe dizia: Saulo, Saulo, por que me persegues? Ele perguntou: Quem és tu, Senhor? E a resposta foi: Eu sou Jesus, a quem tu persegues [...] Mas o Senhor lhe disse: Vai, porque este é para mim um instrumento escolhido para levar o meu nome perante os gentios e reis, bem como perante os filhos de Israel; pois eu he mostrarei o quanto lhe importa sofrer pelo meu nome. [...] E, depois de ter-se alimentado, sentiu-se fortalecido. Então, permaneceu em Damasco alguns dias com os discípulos. E logo pregava, nas sinagogas, a Jesus, afirmando que este é o Filho de Deus” (At 9.1-5,15-16,19-20, ARA).

Tomando tais exemplos como ponto de partida, vamos extrair diversas e ricas lições acerca das especificidades do chamado de determinada pessoa. Destaco, no entanto, que, em todos eles, a iniciativa não foi humana, mas do próprio Deus, e que tal entendimento evidencia que todo chamado tem a sua origem no próprio Deus.

Há outro lugar, muito mais importante, onde devemos começar: Deus. A chamada ao ministério diz respeito ao caráter e à atividade de Deus, à sua misericórdia e amor e, em última análise, à sua provisão para aqueles pelos quais Cristo morreu. Se a iniciativa daquele que chama é tudo, então, temos de nos preocupar com o Chamador Supremo! Isto é simples – e profundo! (HARVEY, 2013, p. 36-37)

A clareza acerca dessa verdade tem o poder de mudar absolutamente tudo em relação à visão sobre o chamado de Deus para alguém, tocando e afetando positivamente sua motivação, métodos e propósitos.

Assim sendo, quem chama passa a ser visto como infinitamente mais importante do que quem é chamado e isso significa dizer que, as razões, as formas e objetivos devem sempre girar, única e exclusivamente, em torno da Pessoa de Deus, que é o Chamador.

Sendo assim, é impossível que alguém – por meio das Escrituras e também por experiências pessoais – que tenha uma correta concepção acerca da grandeza de Deus e de que seu chamado procede dEle, venha de alguma forma, no cumprimento desse ministério, orgulhar-se em si mesmo, utilizar-se de métodos carnaís ou ter propósitos meramente humanos.

Ao contrário disso, essa pura consciência gera na pessoa aquilo que pode ser notado nas palavras registradas do apóstolo Paulo.

Eu sou devedor tanto a gregos como a bárbaros, tanto a sábios como a

ignorantes. E assim, quanto está em mim, estou pronto para também vos anunciar o evangelho, a vós que estais em Roma. Porque não me envergonho do evangelho de Cristo, pois é o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê, primeiro do judeu e também do grego. Porque nele se descobre a justiça de Deus de fé em fé, como está escrito: Mas o justo viverá da fé. (Rm 1.14-17)

Esses versículos compõem a abertura e a apresentação da importante carta que o apóstolo Paulo enviou à igreja que estava em Roma. Nela estão expostos elementos fundamentais de alguém que reconhece a sua dependência daquele que o chamou:

Apresentação pessoal.

Argumentação a respeito de sua autoridade apostólica que, de acordo com as suas palavras, repousa em Deus, e não nele próprio.

Além de mencionar seu apostolado, ele também aponta para a graça divina no aspecto salvífico.

Exalta a fé dos cristãos romanos.

Manifesta seu ardente desejo de estar com a igreja em Roma, além de dizer que, constantemente, os incluía em suas orações.

Seu comprometimento com a evangelização e o poder de Deus que se manifesta pelo evangelho.

Apresenta o estado em que a humanidade se encontra como resultado do pecado.

A forma como Deus trata o pecado do homem.

A partir de uma leitura atenta do texto e tendo como base esse pequeno esboço do primeiro capítulo, podemos chegar a uma possível conclusão do que Paulo tinha em mente quando afirma ser “devedor”: ele utiliza as conjunções “pois”, “por isso”, “porque” e “visto que” com a mesma finalidade – argumentar, isto é, mostrar a razão pela qual ele crê e prega o evangelho de forma incansável.

Todavia, não podemos esquecer também de que Paulo está introduzindo a carta que contém sua autoapresentação, e, por isso busca ressaltar que seu chamado tem origem em Deus, e que, por essa razão, ele é digno de ser ouvido e atendido em seus ensinamentos.

Além dessa e das muitas outras lições que podemos extrair desse texto, fica explícita a consciência que o apóstolo tinha de que a graça divina o alcançara, salvando-o e fazendo dele um pregador do evangelho. E em sua compreensão isso o tornava devedor e o motivava a continuar pregando (exercendo seu ministério), não por interesses pessoais, mas como forma de pagamento da dívida.

A consciência de Paulo de que Deus é o autor de sua salvação e chamada conduzia-o a um comportamento verdadeiramente cristão e o levava a afirmar: “Porque, se anuncio o evangelho, não tenho de que me gloriar, pois me é

imposta essa obrigação; e ai de mim se não anunciar o evangelho!” (1 Co 9.16).

Os Tipos de Chamado

Após essa breve exposição do que diferencia vocação e chamado, vamos agora colocá-los lado a lado a fim de analisá-los. Destaco que, à medida que formos avançando em nossa análise, será possível perceber o quanto eles estão intimamente ligados e concluir a riqueza de suas implicações, que são indispensáveis aos que possuem uma chamada específica da parte de Deus.

Contudo, para prosseguirmos, convém ressaltar que qualquer ministério só pode ser verdadeiramente reconhecido caso tenha nascido do próprio Deus. Sendo assim, a fonte não somente do chamado, mas também da vocação, deve ser divina.

Para desenvolver a análise a que nos propomos, abordaremos a vocação identificada como “chamada interna”, enquanto que o chamado pode ser definido como “chamada externa”.

Vocação: Uma Chamada Interna

A vocação é a comunicação de Deus ao interior de alguém.

Tal comunicação diz respeito ao desejo, capacidade, dom e inclinação à realização de algo específico.

O pastor D. J. MacDonald utiliza a definição dada pelo pastor Thomas Manton acerca de chamada interna ao discorrer sobre a visão que os puritanos tinham de ministério.

Agora o que é o chamado interno? Eu respondo, Deus nos chamou quando ele nos fez capazes e desejosos; a inclinação e a capacidade são de Deus; dons e talentos são nossas cartas de apresentação que trazemos ao mundo (para mostrar) que somos chamados por Deus e autorizados para a obra. (MACDONALD, p. 2)

Concordo com MacDonald, mas acrescento que, para fundamentar um pensamento como esse, é preciso um texto bíblico. Afinal, como comprovar que algo interno, ou mesmo invisível, pode ser tratado como evidência real de um chamado?

Destaco um texto bíblico que sinaliza claramente para essa evidência que são as célebres palavras de Paulo a Timóteo: “Fiel é a palavra: se alguém aspira ao episcopado, excelente obra almeja” (1 Tm 3.1, ARA).

Aspirar é desejar ardentemente, é ter a pretensão de possuir, ou seja, o primeiro passo para ser um vocacionado é sentir o desejo de servir, de ser útil.

Entretanto, tal desejo é também um desafio, visto que, quando se fala em almejar algo, é preciso ter coragem e honestidade para enfrentar a problemática da ambição. Afinal, aspirar e ambicionar são termos que dizem respeito à mesma coisa; e, por conta do pecado, nem sempre a ambição é bem administrada pelo homem, que é carnal.

Contudo, não podemos desprezar o importante fato de que estamos tratando de uma chamada que procede de Deus, que é o Todo-Poderoso, e é capaz de trabalhar e forjar a ambição, tornando-a uma aliada em seu propósito (espiritual).

No que se refere à essa questão, embora ele esteja falando especificamente sobre o ministério pastoral, considero importante que leiamos com atenção as palavras de Dave Harvey acerca desse tema:

Deus tem uma maneira de corrigir a ambição egoísta e insensata quando ela aparece em homens chamados. Portanto, quando você vê um homem que aspira o ministério pastoral, não o rejeite. Sussurre uma oração em favor dele. Pode

haver uma mão invisível se movendo em favor dele. E o mais importante é que você pode estar vendo um sinal de uma chamada. (HARVEY, 2013, p. 63)

Uma certeza nós podemos ter: é certo que Deus jamais erra em suas escolhas. Afinal, Ele é Perfeito, Soberano e Onisciente. Sendo assim, podemos afirmar que a pessoa escolhida e chamada por Deus já terá recebido em seu interior as qualidades necessárias que servirão como matéria-prima a ser moldada, trabalhada e potencializada pelo próprio Senhor. Podemos afirmar isso biblicamente a partir da história de Neemias, cujas qualidades foram muitas e, dentre as quais, destaco:

Sua perspicácia – aproveitou uma oportunidade para colher as informações que desejava (1.2).

Sua abnegação – primeiro ele pergunta pelas pessoas e só depois pela estrutura da cidade, ou seja, valorizava mais as pessoas do que coisas (1.2).

Seu altruísmo – era disposto a mudar de direção em favor dos outros, pois em seu ofício de copeiro ele trabalhava em pé, mas, ao tomar conhecimento da situação de seus irmãos, assentou-se para chorar, lamentar e orar pelos judeus e por Jerusalém.

Sua misericórdia – compadecia-se da dor de seus irmãos, embora estivesse longe de Jerusalém, vivendo em situação confortável (1.4).

Seu oportunismo – estava no lugar certo e tinha acesso ao rei, que pôde lhe dar as condições necessárias para se dirigir à Jerusalém a fim de cumprir sua missão.

Há ainda inúmeras qualidades de Neemias que poderíamos citar, no entanto, mediante a nossa afirmação da infalibilidade de Deus no chamado de alguém, essas são suficientes não só para mostrar que Ele não erra em suas escolhas, mas para evidenciar que, em tempo oportuno, aquilo que Ele plantou será por Ele colhido, tendo em vista a sua própria glória e cumprimento de seu perfeito propósito.

A chamada interna pode então ser entendida como uma espécie de antecipação de Deus em relação ao tempo, ou seja, antes mesmo que a pessoa tenha a consciência de sua chamada, as qualidades necessárias já são impressas no seu interior.

Acerca disso, aprecio as palavras do pastor Eugene Peterson ao referir-se ao profeta Jeremias: “Divorciado do antes, o agora tem pouco significado. O presente apenas é uma fatia fina do que sou; isolado dos ricos depósitos do antes, ele não pode ser compreendido” (PETERSON, 2003, p. 42).

Peterson expõe essa verdade a partir da leitura do texto de Jeremias 1.5 (que iremos abordar com mais detalhes à frente), considerando o fato de que Deus comunicou ao recém-chamado profeta que o conhecera e o santificara antes mesmo que ele tivesse noção de sua própria existência. Sendo assim, foi com a noção clara de mistério que Jeremias pôde compreender não somente a natureza de seu chamado, mas tudo o que o envolveria, tanto os sofrimentos quanto as conquistas.

Portanto, a chamada interna diz respeito à ação de Deus em capacitar antecipadamente aquele que haverá de cumprir determinado ministério, e isso é o mesmo que vocação.

O Chamado: Uma Chamada Externa

Depois de termos abordado a chamada interna ligando-a à vocação, façamos agora uma análise da chamada externa enfatizando tanto o aspecto visível da chamada como o meio de sua confirmação.

Para introduzir essa análise, algumas questões são norteadoras: Como a chamada externa se manifesta? Onde ela se manifesta? Quem possui autoridade para identificar e reconhecer uma chamada quando ela se manifesta?

Antes de prosseguirmos, cabe destacar que por “chamado” estamos nos referindo ao ato de Deus escolher, apontar e convocar alguém para um ministério que, do ponto de vista bíblico, significa “serviço”, isto é, trabalhar em favor de sua igreja. Partindo desse princípio e, principalmente, das referências bíblicas, o que se conclui é que a chamada externa se dá na igreja, mesmo porque, é ela quem será servida por aqueles que forem chamados.

Vejamos alguns exemplos bíblicos para exemplificar:

a) Quando enviou, por meio de João, as cartas às sete igrejas da Ásia, o Senhor Jesus dirigiu-se da seguinte forma: “ao anjo da igreja” (Ap 2.1,8,12,18; 3.1,7,14). Diante dessa expressão, podemos afirmar que, se o anjo é da igreja, conseqüentemente, a igreja não pertence ao pastor, pelo contrário, é o pastor que pertence a ela, pois ele é dado por Deus à sua igreja.

b) O apóstolo Paulo é um exemplo de que receber e atender a um chamado é tornar-se servo não somente de Deus, mas também da igreja, conforme observamos em suas palavras: “De maneira que em nós opera a morte, mas em vós, a vida” (2 Co 4.12).

Ao escrever tais palavras, o apóstolo não tinha em mente outra intenção senão ressaltar uma das principais características de um ministério verdadeiramente dado por Deus: a disposição de sofrer para privar a igreja de sofrimentos.

Diante do que fora analisado até aqui, desejo sinceramente ter exposto de forma clara e direta que toda chamada deve ser submetida à igreja. De todo modo, caso haja ainda alguma dúvida, quero, mais uma vez, me valer das colocações de Thomas Manton:

O chamado interno não é suficiente; para preservar a ordem na Igreja um chamado externo é necessário. Como Pedro, em Atos 10, foi chamado por Deus para ir até a casa de Cornélio e então, além disso, ele recebeu um chamado do próprio Cornélio, assim devemos também nós, tendo um chamado interno do Espírito, esperar por um chamado externo da Igreja, do contrário não podemos legalmente ser admitidos para o exercício de um ofício e função tais. Assim, como no Antigo Testamento, a tribo de Levi e a casa de Aarão foram indicados por Deus para o serviço do altar, ainda assim ninguém poderia exercer o chamado de um Levita ou servir como um sumo sacerdote até ser ungido e purificado pela Igreja (Êxodo 28.35). Assim os ministros do evangelho, embora chamados por Deus, devem ter sua separação externa e apartados para aquela obra pela Igreja, como diz o Espírito Santo: “Apartai-me a Barnabé e a Saulo para a obra a que os tenho chamado” (Atos 13.2). Vejam, o Espírito de Deus os havia escolhido, todavia comanda à Igreja, aos anciãos em Antioquia, para apartá-los para a obra do ministério. (MACDONALD, p. 3)

As palavras de Manton são claras e, quando somadas aos três exemplos bíblicos por ele mesmo apresentados como fonte argumentativa tornam-se convincentes de que, verdadeiramente, todo e qualquer chamado divino devem ser submetidos ao crivo e à aprovação da igreja, onde o mesmo virá a ser cumprido e exercido.

Dessa maneira, a avaliação do chamado e da competência daquele a quem foi confiado é papel da igreja à qual ele foi designado. Sobre esse pressuposto, leiamos com muita atenção as palavras de Harvey:

Estou pensando especificamente em identificar homens chamados, avaliar sua chamada, averiguar seu caráter e posicioná-los para serem frutíferos em sua chamada. Essa é a responsabilidade da igreja local. (HARVEY, 2013, p. 58)

Desse modo, na confirmação de um chamado, temos duas partes envolvidas: a pessoa que é chamada por Deus (internamente) e a igreja, que deve identificar e confirmar essa chamada (externamente).

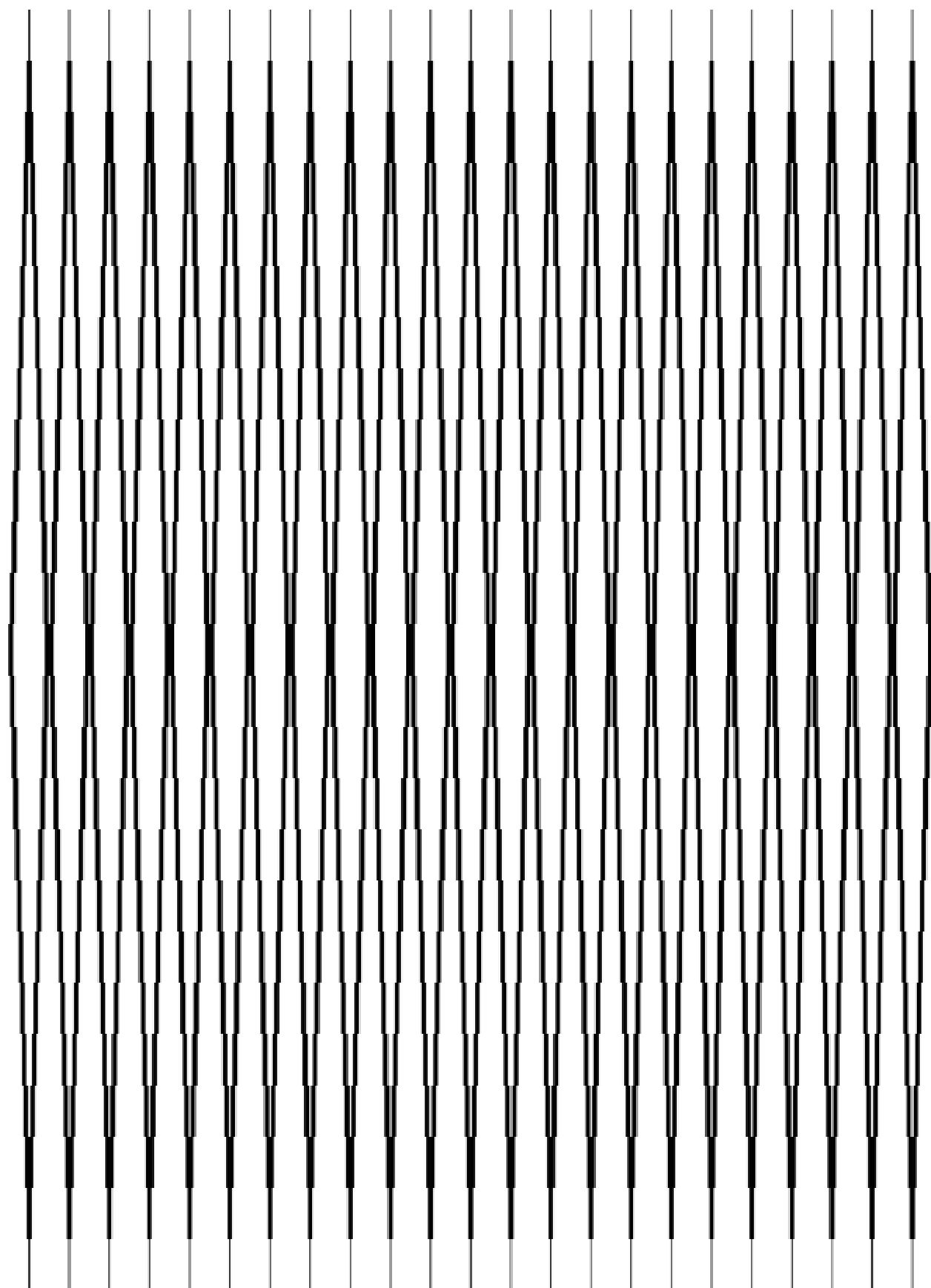
Diante dessa certeza, embora o nosso objetivo nesta obra seja tratar aquele que é chamado por Deus, faz-se necessário destacar que a igreja precisa de sensibilidade, imparcialidade e direção divina para também cumprir o seu papel. Todavia uma igreja madura e verdadeiramente conduzida pelo Espírito de Deus não terá dificuldade em cumprir este tão importante papel.

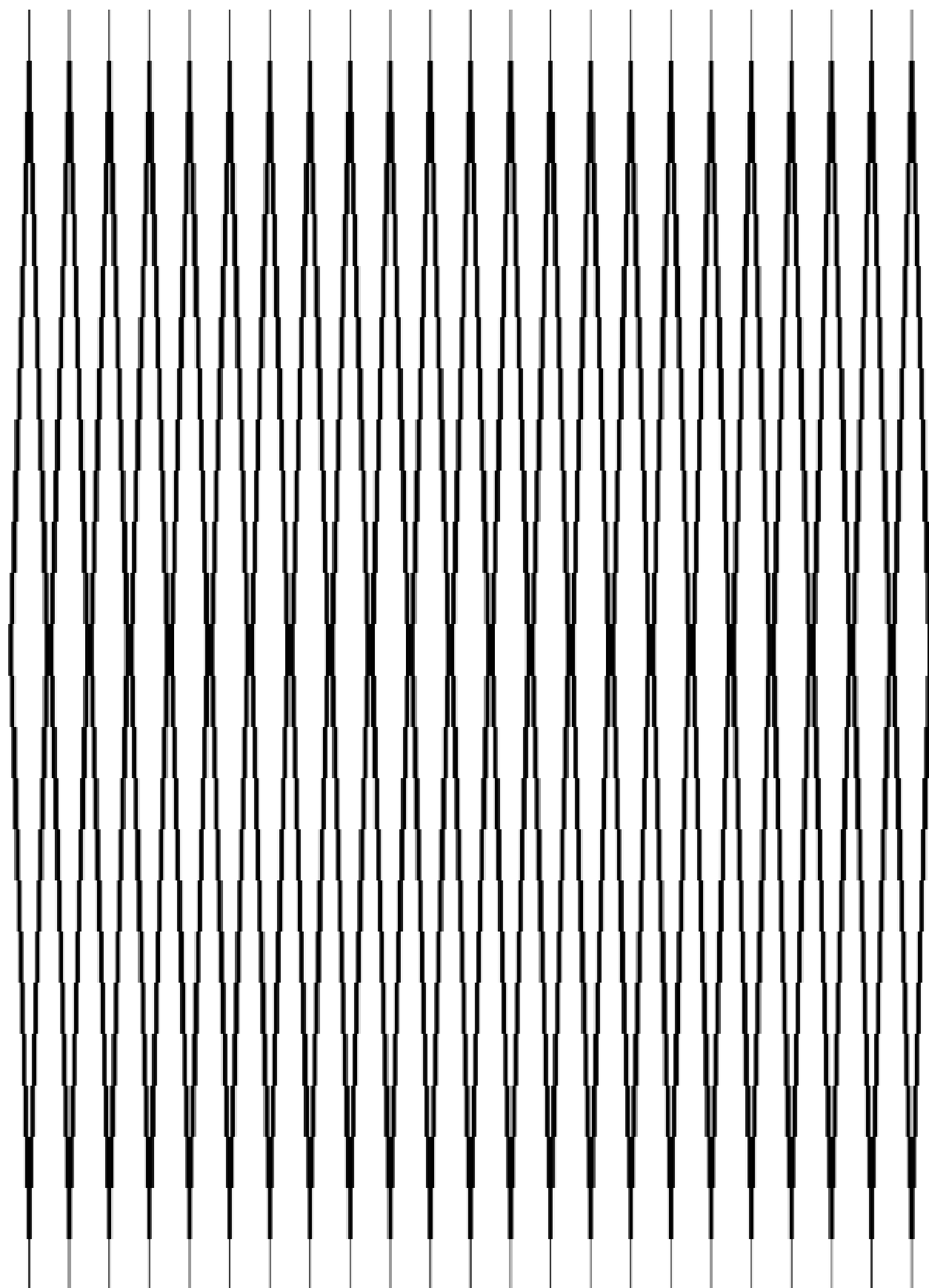
Por outro lado, aquele que acredita ter de Deus um chamado, precisa submeter-se à igreja e sua liderança, pois é somente por meio dela que um ministério pode ser efetivamente confirmado pelo Senhor da Seara.

Tendo em vista a conclusão deste capítulo, optei por buscar uma forma de relacionar as duas esferas de um chamado: a interna e a externa, visando a uma boa compreensão sobre isso, além de conduzir aqueles que o possuem a buscar o equilíbrio.

Para melhor explicitar isso, leiamos as palavras de William Perkins:

Saberias tu se Deus te enviaria ou não? Então tu deves perguntar à tua consciência e perguntar à Igreja. Tua consciência deve julgar a tua disposição e a Igreja, a tua capacidade. Da mesma forma como tu não podes confiar no teu próprio julgamento para julgar a tua inclinação ou afeição, assim também tu não podes confiar no teu próprio julgamento para julgar a tua suficiência ou o teu valor. Se a tua consciência testifica a ti que o teu desejo de servir a Deus e à Sua igreja acima de qualquer outro desejo, e se em provas feitas dos teus dons e aprendizado a Igreja aprova o teu desejo e a tua capacidade de trabalhar a serviço de Deus no Seu ministério, e portanto através de um chamado público te permitem seguir, então Deus ele próprio te permitiu seguir. (MACDONALD, p. 4)





Qual é a minha Vocação?

a Descoberta

Após o entendimento do que é chamado e do que é vocação, talvez você ainda esteja se perguntando, afinal, qual o valor e a importância de descobrir minha vocação? Em quê isso poderá influenciar minha vida? Como essa descoberta pode contribuir com a qualidade do meu ministério?

A partir disso, iniciamos este segundo capítulo ressaltando o nosso objetivo principal, que é realçar o valor e a importância da descoberta da vocação visando ao seu aperfeiçoamento, sua potencialização e seu cumprimento eficaz. Veremos, a partir de agora, que a descoberta da vocação é imprescindível não somente para a pessoa individualmente, mas para a igreja coletivamente. Aliás, isso é tão relevante que, ao longo dos registros bíblicos, encontramos o próprio Deus incentivando e trabalhando no sentido de levar os homens a descobrir o propósito para o qual os tinha chamado.

Tal descoberta, no entanto, exige alguns passos: autoconhecimento, tomada de consciência e satisfação.

Descobrir a Vocação É uma Questão de Qualidade de Vida

O sucesso na execução da vocação passa incondicionalmente pelo endereço do conhecimento que temos do propósito de Deus para a nossa existência, e, consequentemente, o conhecimento de nós mesmos. Caso contrário, não somente a qualidade desse exercício estará comprometida, mas, e principalmente em tempos de adversidades, a nossa fidelidade será afetada.

O autoconhecimento é um exercício árduo e longo a que são submetidos todos os seres humanos na busca por uma vida feliz e realizada. O conhecimento de si

mesmo é também uma necessidade do cristão e envolve a descoberta da vocação.

Contudo, não há dúvidas de que Jesus Cristo é o nosso maior exemplo no que concerne ao conhecimento do propósito de vida, e foi esse o conhecimento que o conduziu em todo o seu ministério terreno, pois desde a sua meninice Ele tinha a clareza quanto à origem e ao propósito de sua vida.

Ele era consciente de sua identidade.

“Ora, todos os anos, iam seus pais a Jerusalém, à Festa da Páscoa. E, tendo ele já doze anos, subiram a Jerusalém, segundo o costume do dia da festa. [...] passados três dias, o acharam no templo, assentado no meio dos doutores, ouvindo-os e interrogando-os. E todos os que o ouviam admiravam a sua inteligência e respostas. E, quando o viram, maravilharam-se, e disse-lhe sua mãe: Filho, por que fizeste assim para conosco? Eis que teu pai e eu, ansiosos, te procurávamos. E ele lhes disse: Por que é que me procuráveis? Não sabeis que me convém tratar dos negócios de meu Pai?” (Lc 2.41,46,49)

Ele era consciente de sua vocação.

“Desde então, começou Jesus a mostrar aos seus discípulos que convinha ir a Jerusalém, e padecer muito dos anciãos, dos principais sacerdotes, e dos escribas, e ser morto, e ressuscitar ao terceiro dia. E Pedro, tomando-o de parte, começou a repreendê-lo, dizendo: Senhor, tem compaixão de ti; de modo nenhum te acontecerá isso. Ele, porém, voltando-se, disse a Pedro: Para trás de mim, Satanás, que me serves de escândalo; porque não compreendes as coisas que são de Deus, mas só as que são dos homens” (Mt 16.21-23).

Ele aceitou as adversidades de sua vocação.

“Então, chegou Jesus com eles a um lugar chamado Getsêmani e disse a seus discípulos: Assentai-vos aqui, enquanto vou além orar. E, levando consigo Pedro e os dois filhos de Zebedeu, começou a entristecer-se e a angustiar-se muito. Então, lhes disse: A minha alma está cheia de tristeza até à morte; ficai aqui e vigiai comigo. E, indo um pouco adiante, prostrou-se sobre o seu rosto, orando e dizendo: Meu Pai, se é possível, passa de mim este cálice; todavia, não seja como eu quero, mas como tu queres” (Mt 26.36-39).

Note que as três referências bíblicas remetem a diferentes etapas da vida de Jesus: I. na sua pré-adolescência; II. em pleno exercício de seu ministério; e III. já nos momentos que antecederiam a sua crucificação. É digno de nota o exemplo que Ele nos deixa, pois em todos esses momentos, na infância, juventude ou maturidade, há em Jesus uma resolução absoluta no que concerne à sua missão, e foi nela que, em todo o tempo, Ele se firmou para seguir desconsiderando as palavras, os sentimentos e investidas que visavam tirá-lo do cumprimento da missão. Atente-se para esta tão grande lição de nosso Mestre: ter a consciência de seu chamado não o isentará de ser desacreditado, afrontado e até mesmo, desanimado.

É interessante notar também que as oportunidades que Jesus teve de desviar-se de sua missão se manifestaram em ambientes diferentes, envolvendo situações e desafios diferentes. No primeiro exemplo, o ambiente é da esfera familiar, e acontece de maneira natural e com base em algo legítimo, pois era não somente um direito, mas dever de Maria e José, como pais de Jesus, cuidarem de seu filho. No entanto, Ele permaneceu firme em sua resolução acerca do propósito divino de sua vida.

O segundo caso, ocorreu a partir da tentativa de Pedro, discípulo e amigo de Jesus. Em uma demonstração de preocupação com o Mestre, busca dissuadi-lo daquilo que, aos olhos naturais, era loucura. Mas, da mesma forma, percebendo o que estava por trás daquelas palavras, Jesus o repreendeu e seguiu em seu propósito.

No terceiro e último caso, temos uma situação bem distinta, pois não ocorre em um contexto familiar, e muito menos envolvendo pessoas que buscavam proteger a Jesus. O momento era de conflito íntimo e antecedia o seu sofrimento vicário, mas, mesmo assim, o Mestre seguiu firme em seu propósito porque tinha a plena

consciência de sua missão, conforme podemos ver em suas próprias palavras: “Respondeu Jesus e disse-lhes: Posto que eu testifico de mim mesmo, o meu testemunho é verdadeiro, porque sei donde vim e para onde vou; mas vós não sabeis donde venho, nem para onde vou” (Jo 8.14, ARA).

Descobrir a Vocação É uma Questão de Satisfação Pessoal

Um segundo e não menos importante passo na vida de um vocacionado é a tomada de consciência. Uma pessoa consciente é aquela que nas interações com o meio e com o outro busca o equilíbrio de suas emoções e assimila os seus conhecimentos com o conhecimento novo que o outro ou o meio lhe apresenta. Esse movimento culmina na capacidade de refletir, compreender e explicar uma ação. A tomada de consciência é um dos passos do autoconhecimento que culmina na satisfação.

Entretanto, de onde procede o desejo de realização que há em todo ser humano? Como explicar a busca incansável do ser humano por sentido na vida? Por que todo ser humano busca descanso para sua alma? Por que há essa semelhança entre os seres humanos?

Com vistas responder a essas questões biblicamente, tendo em vista que a ciência também se propõe a esse exercício nas áreas da filosofia, antropologia, sociologia ou psicologia, precisamos voltar à origem do homem, ao que as Escrituras dizem sobre o ato criador de Deus, tanto da natureza como do homem.

Por meio da Bíblia Sagrada, somos informados a respeito do processo da criação e, de acordo com essas informações, a última obra criadora de Deus foi o homem:

Também disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; tenha ele domínio sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, sobre os animais domésticos, sobre toda a terra e sobre todos os répteis que rastejam pela terra. Criou, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou. (Gn 1.26-27, ARA)

Portanto, o homem foi formado no sexto dia (Gn 1.31), quando todas as demais coisas já haviam sido criadas, e isso se torna ainda mais significativo quando pensamos que, logo em seguida, Deus entrou em seu descanso (Gn 2.1-3). Ou seja, Deus incluiu o homem em seu descanso dando a ele a oportunidade de participar disso.

Todavia, é preciso uma compreensão correta sobre o significado desse descanso, pois Deus não se cansa (Is 40.28) e não havia um por que de estar cansado, uma vez que, quando foi formado, todas as demais coisas já estavam prontas. Na verdade, a relação do descanso de Deus com o sábado tem a ver com “cessar”, “encerrar”, “descansar” ou “chegar ao fim”; então, o descanso de Deus tem a ver com a conclusão perfeita da obra e a satisfação decorrente disso.

Atentemos então para a satisfação. Uma das definições para o conceito satisfação, do latim satis (em quantidade adequada) facere (fazer do modo desejado), isto é, a ação e o efeito de satisfazer ou de se satisfazer. Esse verbo refere-se a cumprir o que é devido/prometido, saciar um desejo, satisfazer exigências ou expectativas.

Diante disso, podemos afirmar que a busca pela realização pessoal está relacionada à satisfação de um desejo ou de uma exigência. Desse modo, quando o homem toma consciência de sua vocação, conseqüentemente, é produzida em seu interior a necessidade de atender às exigências e expectativas que esta lhe impõe.

Isso é acentuado quando lemos as palavras do próprio Deus: “Entre mim e os filhos de Israel é sinal para sempre; porque, em seis dias, fez o Senhor os céus e a terra, e, ao sétimo dia, descansou, e tomou alento” (Êx 31.17, ARA, grifo do autor). Esta última sentença do texto deixa claro que o descanso divino não aponta para a inércia ou o cansaço, antes tem a ver com o “deleitar-se” ou “assentar-se para admirar o que foi feito com perfeição”.

Por conseguinte, o descanso de Deus no sétimo dia não significa que Ele ficou ocioso ou desocupado, pois além de ser o Criador de todas as coisas, Ele é também o seu Sustentador (Cl 1.17; Hb 1.3):

Deus não descansou literalmente, Ele simplesmente terminou a Sua obra de Criação. Se Ele tivesse descansado, tudo o que Ele havia feito nos primeiros seis dias teria se desintegrado. Deus não se cansa; Ele esteve tão ativo no sétimo dia como estivera nos outros seis – sustentando tudo que Ele havia feito. (MACARTHUR, 2013, p. 97)

Em relação ao homem, quero chamar a sua atenção para um fato importante: a ordem divina quanto à sua responsabilidade de trabalhar não surge após a Queda, mas já no ato de sua criação: “E tomou o Senhor Deus o homem e o pôs no jardim do Éden para o lavrar e o guardar” (Gn 2.15). Ou seja, Deus continuou trabalhando no sustento de sua obra e convidou o homem a cooperar nisso, e é justamente nisso que consiste o deleite tanto de Deus como do homem, trabalhar na manutenção daquilo que, com perfeição, havia sido feito.

Contudo, além de deturpar o verdadeiro sentido e propósito do trabalho, o pecado também interferiu no descanso do próprio Deus e, por essa razão, Jesus diz: “[...] Meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho também” (Jo 5.17).

É, portanto, nesse sentido que a igreja é convocada a trabalhar em parceria com Deus (Mt 9.38), e é somente descobrindo o seu lugar nessa parceria que ela cumprirá o seu verdadeiro papel, bem como o vocacionado, que só se sentirá plenamente satisfeito quando descobrir e desempenhar sua missão.

Sendo assim, a verdadeira e real satisfação só poderá ser desfrutada por você no exercício daquilo para o que foi chamado, ou seja, para que você se sinta satisfeito lhe são dadas duas opções: 1) descobrir sua vocação, cumpri-la e ser satisfeito; 2) não descobrir sua vocação e, conseqüentemente, não a cumprir e viver sem sentido na vida.

No grupo daqueles que ainda não descobriram sua vocação, e por isso não a cumprem (e esse grupo é bem maior do que os que já descobriram), existem dois tipos de pessoas: 1) os que não acreditam que Deus tenha um propósito para sua vida, vivendo aquém do que poderiam viver; 2) os que sabem que Deus tem um propósito para sua vida, mas ainda não o descobriram, alegando que são indignos e incapazes de viver plenamente o propósito de Deus.

Existem ainda pessoas vivas que não vivem, sendo incapazes de influenciar a si mesmas; por outro lado, existem pessoas mortas que, apesar disso, ainda influenciam outras muitas outras com os frutos de sua vocação.

Sobre tais pessoas, Vitezlav Gardavsky explica que:

A terrível ameaça contra a vida não é a morte, ou a dor, nem qualquer variedade de desastres contra as quais nós, tão obsessivamente, procuramos nos proteger com nossos sistemas sociais e estratégias pessoais. A grande ameaça é “morrermos antes de realmente morrer, antes que a morte se torne uma necessidade natural. O verdadeiro horror repousa exatamente sobre essa morte prematura, após a qual continuamos a viver por muitos anos. (PETERSON, 2003, p. 19)

O profeta Jeremias é um exemplo clássico de que a vida só faz sentido quando vivida no sentido de cumprir o seu propósito, pois em plena execução de seu ministério e em um tempo de sofrimento agudo, ele afirmou: “Mas se eu disser: Não me lembrarei dele, e não falarei mais no seu nome, sua palavra me é no coração como fogo ardente, encerrado nos meus ossos. Estou fatigado de contê-lo, e não posso mais” (Jr 20.9, AEC). Com base nessa declaração, consideremos algumas lições:

Jeremias estava em grande sofrimento e agonia, em virtude de sua fidelidade na entrega da mensagem divina (1-6);

Considerando o seu sofrimento, o profeta ponderou sobre a possibilidade de abandonar seu ministério (9)

Em sua reflexão, Jeremias conclui que era impossível deixar o cumprimento de sua vocação;

Ele revela essa impossibilidade ao dizer que toda a sua constituição (coração e ossos) estava dominada pelo compromisso de ser um profeta, representado pelo fogo que, segundo ele, ardia intensamente;

Fica evidente que Jeremias reconhece que a razão de sua existência era o seu ministério, isto é, deixar de cumpri-lo era o mesmo que deixar de ter motivos para viver.

Temos aqui então a primeira razão – e a considero vital – pela qual entendemos ser de elevada importância a descoberta de nossa vocação, ou do propósito de nossa vida: o cumprimento de nossa missão é a razão maior de nossa vida, tendo em vista a glória de Deus, e por essa razão devemos descobri-la.

Descobrir a vocação e cumpri-la é encontrar o caminho para a realização e o sentido da vida.

Descobrir a Vocação É uma Questão de Direção

Descobrir a vocação é o mesmo que encontrar a rota da vida; descobrir a vocação é encontrar o destino a ser perseguido; descobrir a vocação é conhecer o propósito da própria existência; descobrir a vocação é prevenir-se de erros de

direção; descobrir a vocação é ser capaz de responder a perguntas centrais, como a razão, a fonte e o alvo da própria existência.

Portanto, a segunda razão pela qual devemos descobrir nossa vocação é a indicação da direção a ser seguida. Nada é mais trágico do que caminhar sem direção ou estar na direção errada, porque caminhar sem direção ou na direção errada implica gastar energia, tempo e perder as forças sem alcançar o destino.

Contudo, dirijo-me também àqueles que tomaram a direção errada e desejam redirecionar-se. Devo alertá-los que isso tem um alto preço a ser pago e exige muito esforço, dedicação, disciplina e constante oração. No entanto, é preciso também que seja nutrida a esperança no coração de que se trata de um maravilhoso caminho de restauração e bênçãos imensuráveis.

Tomar a direção certa não determina somente aonde queremos chegar, mas o caminho a ser percorrido. Na estrada da vida, depois de definido o destino, o viajante escolhe a melhor rota e, geralmente, opta pelo caminho mais rápido.

Do mesmo modo, descobrir a vocação é fundamental não somente para a definição do alvo a ser alcançado, mas também para a escolha da rota. Com respeito à vocação, o alvo tem a ver com Deus e o caminho também, ou seja, para cumprir um propósito divino, o homem não tem o direito e nem o poder de escolher seus próprios métodos; ao contrário, eles também tem devem ser divinos.

Em um excelente livro publicado pela Casa Publicadora das Assembleias de Deus, depois de elencar as cinco tendências não bíblicas que a igreja tem sofrido nos dias atuais, Richard Mayhue aponta as terríveis consequências dessas tendências e mostra que isso é fruto não somente dos desafios inerentes deste tempo, como também de um modelo ministerial que não glorifica a Deus, conforme lemos em suas palavras:

Por causa dessas tendências crescentes, a igreja sofre cada vez mais o perigo de equiparar o Cristianismo com a religião, e a salvação com o fato de “ir à igreja”. A igreja substitui, cada vez mais, o poder de Deus pelo poder dos homens, a fala centrada diretamente em Deus pela fala periférica de Deus. A igreja confunde cada vez mais a adoração no Espírito com a emoção, e o poder do Evangelho

com a verdade e o brilhantismo de palavras humanas. Se a igreja evangélica permanecer em seu curso atual, tememos que, por exigência do povo, a próxima geração possa substituir o verdadeiro Cristianismo por uma religião impotente e idólatra. (MACARTHUR JR, 1998, p. 34)

O conhecimento da direção certa e do caminho legítimo para o cumprimento de um determinado ministério passa primeiro pela descoberta da vocação, e é somente assim que a igreja poderá ser verdadeiramente preservada dos males deste tempo.

Jesus não somente ordenou que pregássemos em todo o mundo, mas também exigiu o conteúdo da mensagem: o evangelho (Mc 16.15). O apóstolo Paulo deixou claro à igreja que estava em Corinto que não se utilizou de métodos humanos para persuadi-los, mas que lhes apresentou o evangelho e nada mais (1 Co 2.1-5); o mesmo apóstolo afirmou que o evangelho é a escolha de Deus para salvar aos que creem (Rm 1.16; 1 Co 1.21). Como consequência disso, devemos sempre ter em mente que descobrir nossa vocação determina nossa direção ministerial, bem como os métodos que estão bem definidos e claros nas Escrituras. Somente assim a igreja será edificada e Cristo glorificado.

Descobrir a Vocação Simplifica a Vida

Nunca foi tão importante identificar e conhecer a vocação pessoal como nos dias atuais. Ser moderno é coisa do passado, pois vivemos o chamado tempo “pós-moderno” que, segundo as palavras de Tim Keller, é marcado por três grandes problemas:

Em primeiro lugar, existe o problema da verdade. Todas as declarações de verdade não são vistas como correspondendo à realidade, mas, basicamente,

como corações que visam a extrair forças de quem as declara. Em segundo lugar, existe o problema da culpa. Embora a culpa seja principalmente vista como uma neurose na era moderna (com o reinar do Freud), ainda é considerada um problema. Praticamente todas as antigas apresentações do evangelho pressupõem um sentimento de culpa de fácil acesso e uma deficiência moral do ouvinte. Mas hoje, isso está cada vez mais ausente. Em terceiro lugar, existe agora o problema de significado. Hoje existe um enorme ceticismo de que os textos e as palavras podem transmitir significado com exatidão. Se dissermos: “Aqui está um texto bíblico, e isto é o que ele diz”, a resposta será: “Quem é você para dizer que essa é a interpretação? Os significados textuais são variáveis”. (KELLER, 2007, p. 116-117)[não consta nas referências]

A verdade é uma questão que persegue a humanidade desde os primórdios. Contudo, em dias de intenso relativismo, ela tornou-se um problema que desestabiliza as demais bases do viver, como a culpa e o significado das coisas, e com isso os fundamentos da vida vão ficando vulneráveis ou destruídos.

É a partir dessa desestabilização que o homem passa a ter uma sensação inconsciente de insegurança, sentindo a constante necessidade de fazer algo que o livre desse sentimento desesperador, e o ativismo passa a ser a principal opção.

O ativismo é caracterizado pelo excesso de atividades que dá à pessoa o senso exagerado de importância, levando-a a assegurar-se nisso, dando-lhe a falsa sensação de segurança. O valor de uma pessoa não está na quantidade de atividades que ela desenvolve, mas no envolver-se naquilo que realmente importa, isto é, com sua vocação.:

[...] a única maneira de qualquer um de nós ter vida no máximo de nosso potencial é vivê-la por intermédio de uma fé radical em Deus. Todos nós precisamos ser exigidos para dar o nosso melhor, ser conscientizados dos nossos hábitos de moral dúbia, ser sacudidos a fim de abandonar atividades insignificantes e triviais que nos tomam precioso tempo. (PETERSON, 2003, p. 18)

Diante disso, precisamos entender a urgente necessidade de nos desviarmos do ativismo que mina o sentido da vida, corrói o fundamento de nossas convicções com relação à direção a ser seguida e rouba-nos o foco do propósito divino para a nossa vida. Todavia, para que isso se torne uma realidade, precisamos de tomada de decisão no sentido de simplificar a vida, eliminando toda sorte de confusão que, além de desnecessárias, em muitos casos, contrariam os padrões bíblicos e sagrados.

Decidir simplificar a vida é optar por uma vida com qualidade. Muitas pessoas vivem sem qualidade de vida, e, em muitos casos, isso é fruto de uma vida extremamente agitada, envolvida em muitas coisas, sem direção pré-estabelecida e ao mesmo tempo, complexa. Aliás, esta foi a recomendação de Jesus a Marta: “[...] estás ansiosa e afadigada com muitas coisas, mas uma só é necessária [...]” (Lc 10.41-42).

Contudo, a simplificação da vida é um exercício que exige um sentimento e uma atitude: sensibilidade e coragem.

Sensibilidade é a capacidade de percepção em relação aos sentimentos, emoções ou aspectos físicos. Nesse caso, ela capacita-nos a identificarmos aquilo que está sobrando (os excessos desnecessários) e o que está faltando (ausência do que é necessário) em nós.

Tanto o excesso do que é desnecessário como a falta do que é necessário são prejudiciais, e a incapacidade de identificá-los tem sido a causa principal do fracasso de muitas pessoas, principalmente porque pessoas erradas passam a fazer parte de seus mais íntimos relacionamentos, afastando aquelas que são as certas, sem contar as inúmeras atividades infrutíferas que se tornam obstáculos para as que são frutíferas.

Kenneth Hildebrand nos chama a atenção para a superficialidade dessa vida que nos afasta do propósito:

Multidões de indivíduos à deriva para lá e para cá, sem um propósito definido,

negam a si mesmos a plena realização de sua capacidade, e a felicidade satisfatória que a acompanha. Eles não são perversos; são apenas superficiais. Eles não são maus ou agressivos, são simplesmente vazios – balance-os, e eles chacoalharão como as maracas. Eles não têm profundidade, alcance nem convicção. Sem propósito, sua vida finalmente vagueia para o charco da insatisfação. Quando exploramos nossas habilidades para um propósito firme e submetemo-nos à longa lida até à sua realização, somos ricamente recompensados. O senso de propósito simplifica a vida, e, portanto, concentra as nossas habilidades; e a concentração acrescenta força. (HILDEBRAND, 2013, p. 34)

E é por isso que a esta altura é preciso destacar que, além de sensibilidade para detectar tais obstáculos, é necessário também ter coragem para enfrentar os desafios e pagar o preço necessário para que os excessos sejam eliminados e as ausências supridas.

Desse modo, ressaltamos que simplificar a vida não é o mesmo que torná-la sem profundidade; pelo contrário, a simplificação da vida possibilita o seu aprofundamento, pois abre a visão, evita o cansaço, resgata o foco, redefine a linha que separa o que é prioridade do que é urgente, além de fortalecer as bases dos valores que devem reger nossa vida.

Enfim, literalmente, precisamos dar importância ao que de fato é importante!

Embora essa sentença seja verdadeira e de aceitação unânime, são poucas as pessoas que conseguem vivê-la de fato, dado que descobrir e estabelecer essa linha de separação entre prioridade e urgência não é uma tarefa nada fácil. Ainda assim, se realmente desejamos chegar ao destino de uma vida que cumpre o propósito de Deus e com qualidade, a sua simplificação é parte do roteiro.

A simplificação da vida nos ajuda a olhar para as nossas habilidades e nos lembrar da graça de Deus que as concedeu a nós, e isso auxilia-nos na renovação das forças, conforme afirmou John Wooden:

Para um atleta funcionar propriamente, ele precisa ser objetivo. É preciso haver um propósito e uma meta definidos se você quiser progredir. Se não for objetivo naquilo que faz, você não será capaz de resistir à tentação de fazer alguma outra coisa que possa ser mais divertida no momento. (WOODEN, 2013, p. 34)

Para continuar a nossa conversa quero trazer à memória um importante acontecimento da história da igreja, do qual dependia a sua ordem, o seu avanço e o seu crescimento.

Ora, naqueles dias, multiplicando-se o número dos discípulos, houve murmuração dos helenistas contra os hebreus, porque as viúvas deles estavam sendo esquecidas na distribuição diária. Então, os doze convocaram a comunidade dos discípulos e disseram: Não é razoável que nós abandonemos a palavra de Deus para servir às mesas. Mas, irmãos, escolhei dentre vós sete homens de boa reputação, cheios do Espírito e de sabedoria, aos quais encarregaremos deste serviço; e, quanto a nós, nos consagraremos à oração e ao ministério da palavra. (At 6.1-4, ARA)

Com base no texto, consideraremos algumas verdades:

Todo este quadro surge a partir do crescimento da igreja.

Havia murmuração por parte dos chamados helenistas, que eram judeus convertidos que haviam adotado o idioma e o estilo de vida grego.

O argumento desse grupo baseou-se na falta de atenção às necessidades às suas viúvas, uma vez que era marca da Igreja Primitiva ter tudo em comum.

Os apóstolos convocaram a igreja para uma reunião, com as seguintes finalidades: 1) deter a murmuração no seio da igreja; 2) indicar suas próprias prioridades, assim como daqueles que viriam a ser separados ao “serviço da mesa”, conforme eles mesmos chamaram.

Os apóstolos viram nesse problema a oportunidade de tornar conhecida à igreja a necessidade de haver prioridades no seu exercício diário.

Em nenhum momento os apóstolos sugerem que o “serviço da mesa” era menos honroso que o da “oração e da palavra”, até mesmo porque a expressão “serviço”, dedicada aos sete consagrados naquele dia, é justamente o significado do termo “ministério”, utilizado no contexto do trabalho apostólico.

No texto ora abordado, os apóstolos nos ensinam sobre a necessidade de estarmos atentos quanto ao perigo de nos envolvermos em atividades – às vezes legítimas e cristãs – que nos tiram a concentração, a energia, a determinação e as condições de cumprirmos o que realmente fomos vocacionados a fazer. Por essa razão, é necessário que a vocação seja descoberta, porque, do contrário, a vida continuará sem sentido, sem direção e complexa.

Descobrir a Vocação É Ter Clareza do Caminho

Segundo Robb Thompson:

A lei da clareza diz que, quanto mais clareza você tem sobre os seus objetivos, mais eficiente e eficaz será em alcançá-los. Quanto mais clareza você tiver, independente da direção da sua vida, mais rapidamente progredirá... Quanto maior clareza você tiver, mais perto você estará de seu verdadeiro potencial. (THOMPSON, 2013, p. 42)

De modo geral, ter clareza é tudo para quem deseja chegar a algum lugar. Nada é mais desesperador, arriscado e assustador do que andar em trevas. A ausência de claridade impede-nos de conhecer as dimensões do lugar onde estamos, enxergarmos as belezas ali existentes, os perigos que podem existir ali, o que está fora do lugar e precisa ser realocado e até mesmo as possíveis sujeiras que precisam ser removidas.

A descoberta da vocação clareia o caminho e influencia não somente as áreas da vida humana, mas – e principalmente – possibilita também a nítida percepção dos aspectos divinos dessa vocação. Ter percepção divina da vocação é imprescindível para a remoção daquilo que embaça a nossa visão, mina nossas forças e compromete a execução de nossa missão.

Sobretudo, não devemos nos esquecer de que: “A bênção do Senhor é que enriquece; e ele não acrescenta dores” (Pv 10.22). Na verdade, não há dor pior do que estar longe do propósito para o qual Deus nos chamou. Por essa razão, tudo o que nos afasta de nossa vocação deve ser removido, eliminado, mas isso só será possível se houver clareza em nosso caminho, que por sua vez só pode existir por meio da descoberta da vocação.

É trágico o estado de quem não possui clareza em seu caminhar, porque, dentre outras terríveis consequências, a falta de percepção divina a respeito da vocação impede que a pessoa conheça o seu próprio lugar no plano de Deus.

Com o objetivo de ampliar esse importante e vital assunto, leiamos as seguintes passagens bíblicas:

Pois dizes: Estou rico e abastado e não preciso de coisa alguma, e nem sabes que tu és infeliz, sim, miserável, pobre, cego e nu. Aconselho-te que de mim compres ouro refinado pelo fogo para te enriqueceres, vestiduras brancas para te vestires, a fim de que não seja manifesta a vergonha da tua nudez, e colírio para ungires os olhos, a fim de que vejas. (Ap 3.17-18, ARA, grifo do autor)

E disse ela: Os filisteus vêm sobre ti, Sansão. E despertou do seu sono e disse: Sairei ainda esta vez como dantes e me livrarei. Porque ele não sabia que já o Senhor se tinha retirado dele. (Jz 16.20, grifo do autor)

Os dois relatos são apresentados nas Escrituras separados pelo tempo, pelo contexto e pela diferença entre os dois testamentos. No entanto, as duas histórias se juntam por suas similaridades, não somente pelo aspecto trágico que possuem, mas por muitas outras questões dentre as quais destaco aquela que considero a maior e principal: tanto Sansão como a igreja que estava em Laodiceia não tinham consciência de seu triste estado diante de Deus.

De fato, muito pior que não ser é pensar que é não sendo. Da mesma forma, é desastroso alguém que age como se possuísse alguma coisa quando não possui absolutamente nada. Esse era o quadro do grande libertador de Israel que, acreditando que seria como das outras vezes, acabou sendo envergonhado e vencido; assim como era a situação da igreja que estava em Laodiceia, que julgava ser e possuir o que já tinha perdido há muito tempo, e por isso foi duramente repreendida pelo seu Senhor.

Atentemos que, nos dois casos, a raiz do mal foi a mesma; aliás, esta tem sido a raiz de todos aqueles que enveredam pelo sombrio caminho da destruição: a arrogância e a ausência de humildade. E esse mal só encontra guarida no coração de pessoas que não conhecem ou perderam de vista o seu lugar no plano de Deus.

Quanto a essa questão, observemos ainda esta outra passagem bíblica:

E desejava encher o seu estômago com as bolotas que os porcos comiam, e ninguém lhe dava nada. E, caindo em si, disse: Quantos trabalhadores de meu pai têm abundância de pão, e eu aqui pereço de fome! Levantar-me-ei, e irei ter com meu pai, e dir-lhe-ei: Pai, pequei contra o céu e perante ti. Já não sou digno de ser chamado teu filho; faze-me como um dos teus trabalhadores. E, levantando-se, foi para seu pai; e, quando ainda estava longe, viu-o seu pai, e se moveu de íntima compaixão, e, correndo, lançou-se-lhe ao pescoço, e beijou. (Lc 15.16-20, grifo do autor)

Que história impressionante! Ela tinha tudo para igualar-se às histórias de Sansão e da igreja que estava em Laodiceia se não fosse a expressão “caindo em si” referindo-se ao filho que, lembrando-se da casa do pai, conscientizou-se de seu próprio estado e, enxergando-se a si mesmo, buscou a reconciliação, vindo a ser surpreendido como uma fiel demonstração do que verdadeiramente é a graça divina. Ser capaz de conhecer seu próprio estado é libertador!

Tendo usado esses relatos, retomemos nossa análise da necessidade de reconhecermos o nosso lugar dentro do plano de Deus. Caso contrário, nos comportaremos como crentes insatisfeitos, egoístas, arrogantes e altivos, o que poderá nos causar grandes perdas.

Ao falar sobre a necessidade de humildade para o exercício do ministério, o pastor John MacArthur usa as palavras de Charles Spurgeon, que diz:

Se exaltarmos a nós mesmos, nos tornaremos desprezíveis, e não exaltaremos nosso trabalho e nem o Senhor. Somos servos de Cristo, não senhores de sua herança. Os ministros são para a igreja, e não as igrejas para os ministros... Cuide de não ser exaltado mais do que se deve, para que não se transforme em nada. (SPURGEON, 1998, p. 38)

A Bíblia expressa claramente a necessidade de humildade e o perigo da arrogância (Pv 15.33; 18.12; 29.23; Tg 4.6). Ser humilde é reconhecer a grandeza de Deus em contraste com a nossa pequenez; ser humilde é ser capaz de conhecermos nosso lugar no plano de Deus, respeitando assim o lugar e a função do outro.

Essa noção do lugar que a nós foi reservado só poderá existir quando houver clareza diante de nós, e isso é fruto do conhecimento de nossa própria vocação.

Ter a clareza de nossa vocação nos ajuda a lançar as bases fundamentais de uma vida com propósito, tais como:

Integridade – preservar valores morais e éticos cristãos.

Amizade – selecionar com quem e como andamos.

Competência – reconhecer a necessidade contínua de preparo e crescimento no conhecimento e na graça.

Comprometimento – estabelecer aliança com aquilo que fazemos, com nossos valores, com Deus e com as pessoas.

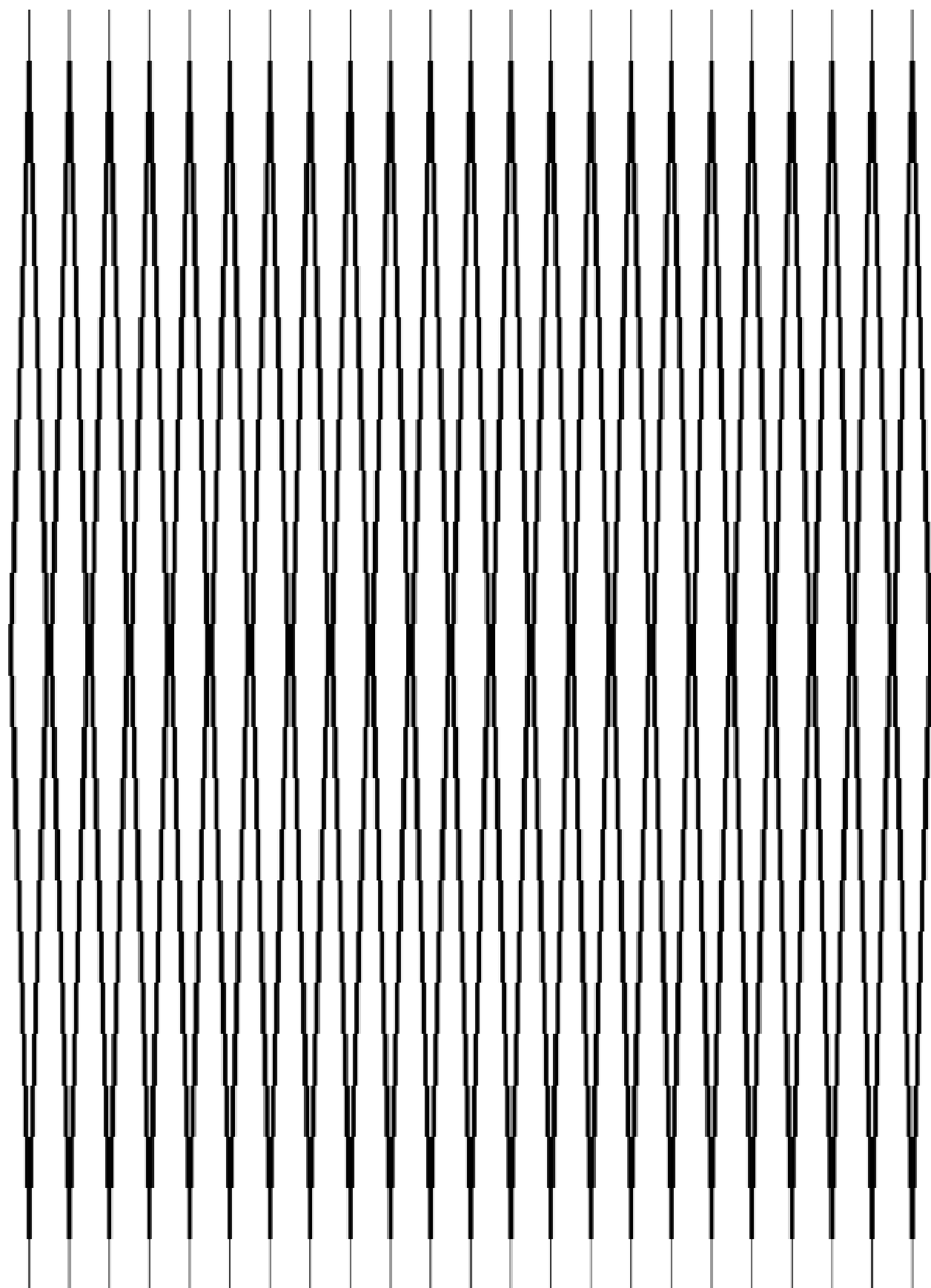
Abnegação – ter a disposição e a capacidade de renunciar quando necessário.

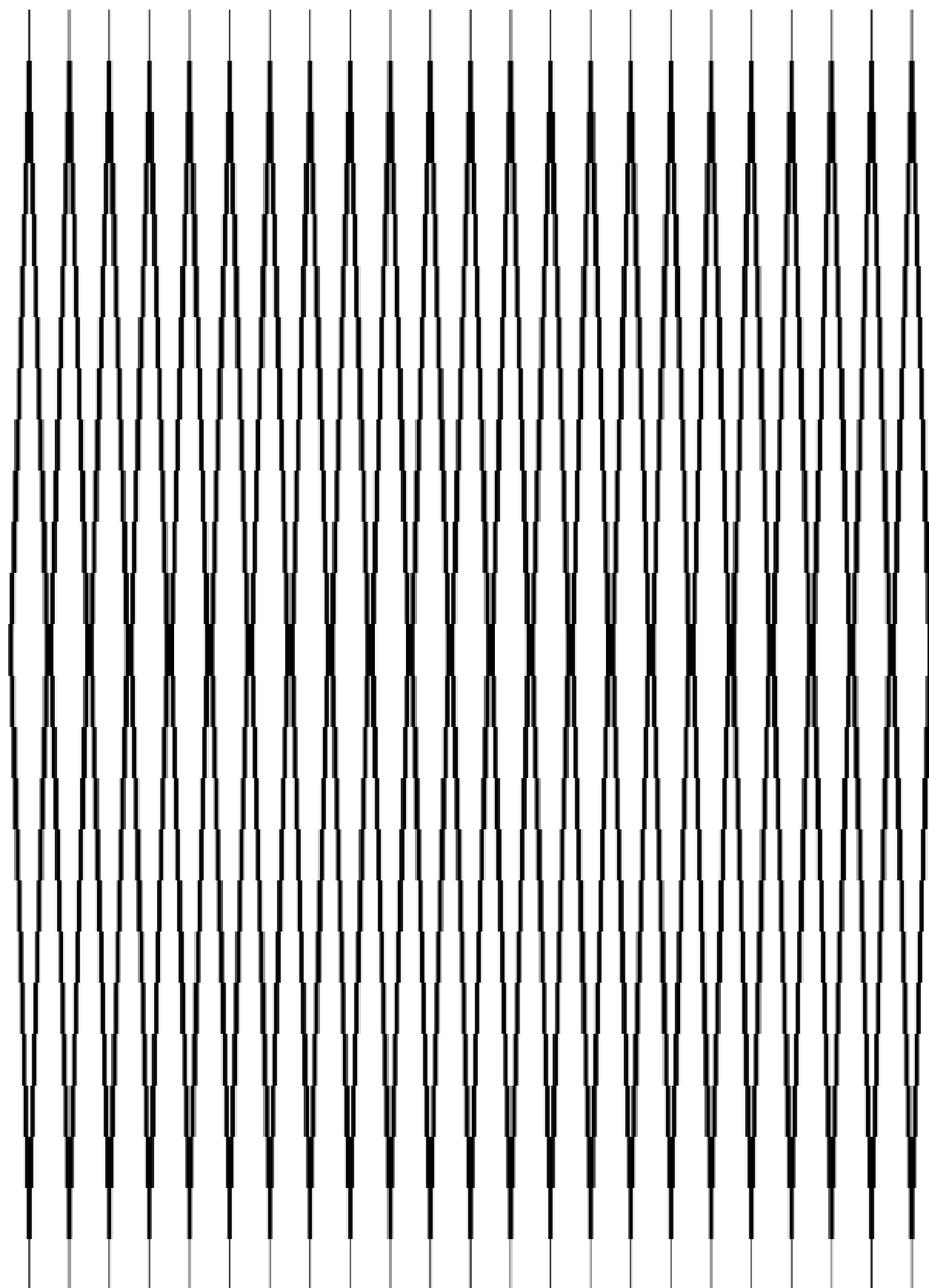
Serviço – ter consciência de que nascemos com a missão de servir a Deus e ao próximo.

Amor – desenvolver em nós a maior das virtudes, o amor, que deve ser a base de tudo e a única forma de nossas obras serem aceitas diante de Deus.

Portanto, nunca se esqueça: “Se você deseja clareza em sua vida, o caminho para isso é a descoberta de sua vocação”!

**O maior inimigo
da verdadeira missão
são as falsas missões.**





A Vocação e sua

Natureza

Todos desejam ser bem-sucedidos em seus empreendimentos quer sejam espirituais, ministeriais, quer sejam materiais. Ninguém se envolve em algum negócio desejando perder ou se dar mal. No entanto, no que se refere à seara do Senhor, o critério que mede o sucesso do cumprimento de uma vocação não é absolutamente estabelecido pelos padrões terrenos, ou mesmo mundanos.

Se o modo de avaliar o sucesso do ministério fosse semelhante ao dos homens naturais, aqueles que lançaram as bases do cristianismo seriam classificados como fracassados. Pensemos, por exemplo, em Paulo, que encerrou sua carreira sendo decapitado; Tiago, que foi morto pela espada; Pedro, que, de acordo com a tradição, foi crucificado de cabeça para baixo; os primeiros cristãos que foram martirizados por amor a Cristo; sem contar o próprio Cristo, que, embora tenha ressuscitado, para a grande maioria da época, o seu final fora considerado vergonhoso.

Portanto, é preciso enfatizar que, ao recebermos de Deus uma vocação, consequentemente somos chamados à fidelidade e este é verdadeiramente o significado de sucesso aos olhos de Deus (Mt 25.21; 1 Co 4.2).

Em uma análise bem detalhada sobre texto de Paulo em 1 Coríntios 4, o pastor D. A. Carson afirma:

Sentir-se bem quanto a seu ministério pode ter alguma utilidade em determinadas ocasiões, mas com certeza não tem significado final. Você pode pensar no seu ministério acima do que Deus pensa sobre ele. Mas, se você está constantemente tentando agradar a si mesmo, a fazer da autoestima o seu alvo final, então está esquecendo-se de quem você é servo, a quem deve esforçar-se para agradar. (CARSON, 2009, p. 123)

Assim, qual a relação entre a consciência que o vocacionado por Deus precisa ter de que sua maior missão é ser fiel a Deus com a descoberta da vocação? De que maneira minha fidelidade a Deus poderá ser influenciada à medida que descubro minha vocação? Como posso usar a consciência que tenho de minha vocação em favor de minha fidelidade a Deus?

A Fonte da Vocação

Algo que não pode ser negligenciado é que a descoberta da própria vocação não é tarefa fácil; pelo contrário, reconhecer essa dificuldade é, na verdade, o primeiro passo para descobri-la, assim como detectar e reconhecer que está na direção errada é o primeiro passo para chegar ao destino desejado. Infelizmente, essa dificuldade tem impedido milhares de pessoas talentosas, que receberam extraordinários dons naturais, e, em alguns casos, espirituais da parte de Deus de viverem uma vida excelente, do ponto de vista pessoal e de servirem como agentes das bênçãos do Senhor a outras pessoas.

Quantos talentos desperdiçados! Quantos dons não utilizados! Quantos vocacionados estagnados! E tudo isso porque, ao contrário do que muitos pensam, descobrir a vocação pessoal não é simples, e então esbarram exatamente nas dificuldades.

Sendo assim, é preciso identificar o que torna a descoberta da vocação tão difícil e assim apresentar uma maneira de sobrepor-se a essa dificuldade.

A vocação é dada por Deus, e isso quer dizer que ela pertence a Ele, e é exatamente aqui que reside a dificuldade para descobri-la. É impossível calcular, dimensionar ou precisar a distância entre a essência divina e a realidade humana, e, portanto, qualquer obra que proceda de Deus torna-se aos homens um desafio percebê-la, para assim buscar compreendê-la.

Estamos nos referindo à natureza, ou seja, à fonte da vocação que é o próprio Deus. Logo, a importância de descobrir a vocação se dá, em primeiro lugar, pela

descoberta em si e, em segundo lugar, pela necessidade que o vocacionado tem de conhecer os métodos que o próprio Deus estabeleceu para a sua execução.

Deus é a fonte de toda vocação

Ninguém em sã consciência questionaria a distância entre Deus e nós, seres humanos, pois é imensurável e impossível haver qualquer aproximação. As provas disso são inúmeras e variadas, principalmente quando avaliamos a partir dos atributos incomunicáveis de Deus, isto é, aqueles que pertencem somente a Deus. No entanto, volto-me para o fato de que somos incapazes de controlar nossas próprias questões, uma vez que, por mais que planejemos alguma coisa, nem sempre ocorre como programamos ou desejamos. Diferentemente, em Deus todos os propósitos são concretizados com eficiência e perfeição (Jó 42.2; Is 43.13).

Leiamos atentamente as palavras do pastor e professor Hermisten Maia:

Numa época de crise política, econômica e moral, como a nossa, uma das coisas difíceis e ao mesmo tempo necessárias de se fazer, é planejar. As incertezas aumentam. Tornamo-nos mais suscetíveis a imprevistos externos que determinam mudanças em nossa rota, daí a insegurança. Portanto, muito do que planejamos permanece apenas no campo ideal, não podendo ser concretizado ou adiado... Em um mundo de incertezas, próprias de nossa condição de criaturas frágeis, podemos ter uma convicção que emana da Palavra: Deus nos chama eficazmente por Sua livre vontade e graça. (MAIA, 2015, p. 3)

Sendo assim, fica evidenciado que não temos condições de chamarmos a nós mesmos, não temos poder de autoconvocação e muito menos de conceder vocação a nós mesmos. Em se tratando de questões espirituais, somente um Ser

Soberano e Todo-Poderoso, que conhece e controla todas as coisas, tem as condições e a autoridade para vocacionar, chamar e convocar alguém.

Leiamos com atenção o texto de Jeremias 1.4-5 quando descreve: “Assim veio a mim a palavra do Senhor, dizendo: Antes que eu te formasse no ventre, eu te conheci; e, antes que saíesses da madre, te santifiquei e às nações te dei por profeta”.

Esse texto nos leva a pensar no chamado de Jeremias como algo que estava além do seu próprio alcance, poder e decisão, visto que Deus o colocou no contexto que antecedeu a sua formação no ventre e o seu nascimento. Nenhum ser humano escolhe ser gerado e nem mesmo nascer, ou seja, a vida não começa na decisão de alguém que quer nascer. Aliás, ela não está no poder nem mesmo dos progenitores, mas única e exclusivamente do seu autor (Sl 30.5).

Conforme vimos anteriormente, a essência da vida de Jeremias estava em seu chamado que sempre esteve atrelado à sua existência, visto que, ao chamá-lo, Deus correlacionou “vida e chamada” como se fossem uma coisa só no sentido de uma ser resultado e motivo da outra. À medida que Jeremias ouvia as palavras de Deus sobre seu chamado, dentre outras áreas, foi sendo conscientizado a respeito da natureza de sua vocação profética e que, assim como a vida, ela não tinha origem nele mesmo, mas no Senhor que falava com ele. A respeito disso, Eugene Peterson escreve:

Muito antes de começarmos a formular perguntas sobre Deus, Ele já nos questionava. Bem antes de cultivarmos um interesse neste assunto, Deus nos submeteu ao mais intensivo e inquiridor conhecimento. Antes de nossas mentes serem traspassadas pelo pensamento de que Deus poderia ser importante, Ele nos concedeu importância. Deus nos conhecia antes de sermos concebidos no útero materno. Somos conhecidos antes de conhecer. (PETERSON, 2003, p. 44)

O conhecimento dessa gloriosa verdade produz em nós um sentimento de admiração por Deus e uma atitude de inteira submissão e gratidão, por saber que,

não obstante não dependa de nós, Ele nos incluiu em seus planos, que são perfeitos.

Existem três verbos nesse texto que precisam ser destacados: conhecer, consagrar e dar. Observemos ainda que todos eles estão conjugados no passado, porque o ato divino havia ocorrido em um tempo que transcendia a própria vida do profeta. Deus não somente comunicou a Jeremias o seu chamado, como também imprimiu o caráter desse chamado nele. Isso pode ser notado quando fazemos um paralelo entre os verbos usados pelo Senhor e o perfil ministerial desse profeta.

Com base nesses três verbos, podemos dividir o caráter ministerial de Jeremias da seguinte forma:

Conheci – um Deus que conhece todos os detalhes sobre uma pessoa, mesmo antes que ela tenha nascido, deve ser reverenciado, temido e adorado. Além disso, da forma como foi informado seria impossível que Jeremias viesse a se esquecer dessa tão gloriosa verdade. Essa certeza esteve presente na vida e ministério de Jeremias em todos os momentos: 1) quando enfrentou os dramas pessoais e internos; 2) quando teve de conviver com a maldade e indiferença do povo a quem profetizou; 3) quando foi tentado a pensar que de alguma forma ele tinha condições em si mesmo para ser quem era.

Consagrei – ser profeta nos dias de Jeremias era mais do que transmitir mensagens divinas. A expressão “consagrei” define bem o que significava ser um profeta naqueles dias, definição que divido em duas partes: 1) ser separado por Deus; 2) ser separado para Deus. Ser separado por Deus aponta para a escolha e ação exclusivas de Deus. Com base em critérios que desconhecemos, Deus aponta alguém, busca-o, tira-o do meio onde está tendo em vista prepará-lo e forjá-lo para o serviço para o qual o designou. Ser separado para Deus tem o sentido de uma vida exclusiva, voltada somente para o propósito divino. Com vistas entregar a mensagem com fidelidade, o profeta tinha de conhecer a mente e o coração de Deus, e somente vivendo para Deus é que isso lhe seria possível.

Dei – inicialmente quero destacar duas verdades sobre o ato de dar: 1) só posso dar o que me pertence; 2) não tenho obrigação de dar algo que me pertence, a menos que eu deseje fazê-lo. Sendo assim, Jeremias não pertencia a si mesmo, mas era propriedade de Deus, além de tornar conhecido mais uma

vez o seu caráter doador. A verdade de que pertencia a Deus e que não tinha condições de determinar o seu próprio futuro ficou ainda viva para Jeremias quando ouviu do Senhor as seguintes palavras: “[...] Não digas: Eu sou uma criança; porque, aonde quer que eu te enviar, irás; e tudo quanto te mandar dirás” (Jr 1.7).

Ser chamado por Deus é ser chamado a servir, o que implica possuir essa característica divina de ser disposto a doar-se e, em alguns momentos, abrir mão do que lhe pertence por direito, com vistas ao benefício do outro, inclusive, pessoas que lhe fizeram ou fazem o mal. Essa realidade esteve presente em toda a trajetória de vida e ministério de Jeremias. Afinal, Deus imprimiu essa marca em seu profeta.

O conflito entre as naturezas

Ser vocacionado e chamado por Deus é ser convocado a colocar-se à disposição para que Ele se mova por meio de sua vida; isso mesmo, o divino movendo-se por meio do humano, o perfeito por meio do imperfeito, o Soberano por meio do limitado.

Contudo, há um preço para aqueles que fazem parte desse projeto maravilhoso e gracioso, principalmente no que tange aos contrastes entre os padrões, métodos e propósitos de Deus e dos homens. Um exemplo disso é o apóstolo Paulo, que embora tivesse a convicção de que sua chamada era essencialmente divina, como fruto de sua natureza humana os conflitos eram frequentes, conforme registra em suas próprias palavras:

Porque eu sou o menor dos apóstolos, que não sou digno de ser chamado apóstolo, pois que persegui a igreja de Deus. Mas, pela graça de Deus, sou o que sou; e a sua graça para comigo não foi vã; antes, trabalhei muito mais do que todos eles; todavia, não eu, mas a graça de Deus, que está comigo. (1 Co 15.9-10)

Nesse texto é possível notar o drama que Paulo enfrentava consigo mesmo quanto à tentativa de gloriar-se pelo trabalho que realizava e a necessidade de reconhecer e confessar a verdade de que, embora fosse o instrumento, Deus era a fonte e o sustento do seu ministério.

Diante de tal constatação, ao mesmo tempo em que se coloca como o menor entre os apóstolos, ele se vê promovendo a si mesmo com base em seus árduos trabalhos, mas conclui reconhecendo que, na verdade, a mesma graça que o salvara e o fizera apóstolo era aquela que lhe dava as condições necessárias para ter êxito em seu trabalho.

Em outro momento, ele reconhece a sua incapacidade humana quando escreve: “Quem, porém, é suficiente para estas coisas? Não que, por nós mesmos, sejamos capazes de pensar alguma coisa, como se partisse de nós; pelo contrário, a nossa suficiência vem de Deus” (2 Co 2.16; 3.5, ARA).

Ele introduz o texto levantando uma questão que revela sua clara consciência acerca de Deus e de si mesmo, e, por isso, indagou e desafiou a alguém que pudesse colocar-se como suficiente em si mesmo para executar a obra do Senhor. Em seguida, em uma manifestação que lhe é bem peculiar, afirma que somente a graça de Deus é quem pode capacitar o homem a cumprir o que procede dela também. Afinal, toda vocação tem a Deus como sua fonte e natureza, ainda que seja operada dentro da realidade e por meio de homens.

Vencendo a dificuldade

É certo que todos nós enfrentamos desafios e dificuldades. Nisso todo ser humano é igual; a grande diferença está em como enfrentamos os tempos de adversidade e a forma com que reagimos determina qual perfil de vida teremos.

A principal dificuldade existente na descoberta e cumprimento da vocação encontra-se principalmente na distância entre quem é vocacionado e quem vocaciona. Há então duas opções: 1) prostrarmo-nos diante da dificuldade, não descobrirmos e nem potencializarmos nossa vocação, e vivermos sem direção e sentido; 2) fazer da dificuldade uma válvula motivadora em busca de conhecer a

Deus, que nos vocacionou, e vivermos os planos de Deus.

Se crermos que Deus é a origem da vocação, então só poderemos descobri-la e potencializá-la por meio de uma incansável e constante busca dEle.

Quanto a essa questão, o pastor Dave Harvey contribui afirmando que:

Há outro lugar, muito mais importante, onde devemos começar: Deus. A chamada ao ministério diz respeito ao caráter e à atividade de Deus, à sua misericórdia e amor e, em última análise, à sua provisão para aqueles pelos quais Cristo morreu. Se a iniciativa daquele que chama é tudo, então, temos de nos preocupar com o Chamador Supremo! (HARVEY, 2013, p. 36)

Diante disso, podemos afirmar que, desenvolver o bom hábito da comunhão diária e permanente com Deus não é fundamental somente no processo de descoberta da vocação, mas também na busca de potencializá-la e cumpri-la.

Em sua orientação ao jovem Timóteo, o apóstolo Paulo o recomendou que tivesse cuidado com a sua própria vida, visando salvar-se a si mesmo e aos que o ouviam (1 Tm 4.16). Tal ensinamento se justifica exatamente pelo perigo que os vocacionados correm de trabalhar para o Senhor sem conhecê-lo por negligenciarem a tão necessária comunhão com Deus.

Na seara do Senhor, são muitos os que, trabalhando, o perdem de vista. Quão triste será para aqueles que, apontando o caminho da salvação a muitos, não o encontrarão; quão terrível será para estes que libertaram a tantos através da Palavra de Deus e ao final descobrirão que sempre foram escravos!

É então urgente e necessário que descubramos a nossa vocação e atendamos ao chamado do Mestre para a sua obra! Contudo, antes disso, atendamos primeiro o seu chamado a nos chegarmos a Ele, e que façamos isso por meio de uma busca constante e perseverante (Is 55.6; 1 Ts 5.17).

Aprendamos com as palavras de Eugene Peterson em sua compreensão do nosso

relacionamento com Deus não como algo a ser implementado após o nosso crescimento básico, mas como alicerce fundamental desse crescimento. (PETERSON, 2003, p. 58)

Uma vocação com autoridade

Para introduzir este ponto, é preciso ponderar que existe muita confusão em torno das expressões “poder” e “autoridade”. Por isso, é preciso o esclarecimento que me proponho a fazê-lo, ainda que de forma simplificada.

Inicialmente vamos considerar que poder tem a ver com:

Posição;

Imposição;

Ordem;

Obediência forçada;

Cumprimento de tarefa, mesmo sem o desejo de cumpri-la.

Enquanto a autoridade tem a ver com:

Posição;

Bom relacionamento;

Exemplo de vida;

Influência;

Solicitação;

Obediência prazerosa;

Cumprimento de tarefa, pelo prazer de atender ao pedido de alguém que vale a pena ser atendido.

Para expulsar demônios, Jesus usava poder, não dando a estes alternativa senão sair de determinado lugar ou mesmo de pessoas (Mc 5.1-20); mas, quando estava lidando com pessoas, Ele se utilizava de sua autoridade (Jo 6.66-69), dando a elas a oportunidade de permanecerem em sua companhia ou não.

Ter autoridade é ser alguém digno de ser ouvido. E é por essa razão que, quando por meio de João, o Senhor Jesus enviou as cartas às sete igrejas da Ásia, Ele sempre se apresentava com algumas credenciais que lhe conferiam autoridade, afirmando ser digno de ser ouvido e com atenção (Ap 2–3).

Desse modo, rejeitar o poder de Deus é rejeitar suas obras poderosas; rejeitar a autoridade de Deus é rejeitar quem Ele é (Rm 13.2).

Jesus enviou seus discípulos em seu próprio nome (Mc 16.14-18), referindo-se à sua autoridade que foi investida neles. Sendo assim, não recebê-los ou não aceitar suas palavras seria o mesmo que rejeitar ao próprio Senhor (Mt 25.31-46).

Portanto, todo vocacionado deve exercer sua vocação com base na autoridade divina, bem como manter-se em condições de ser digno de ser ouvido pelas pessoas, e isso só será possível por meio de uma vida em constante comunhão com Deus.

Não Há Chamada sem o Uso de Palavras

Quando chama alguém, Deus o faz por meio de palavras. Por isso, mais importante do que entender o que está sendo dito, é identificar quem está

falando, porque nisso consiste o valor das palavras. Sendo assim, toda chamada que tem a Deus como fonte já nasce com o peso da autoridade divina, porque, ao usar palavras no ato de chamar alguém, Deus o faz por duas razões: 1) para comunicar sua vontade e detalhes necessários; 2) para investir autoridade em quem é chamado e na própria chamada.

R. Albert Mohler afirmou que a autoridade do pregador não está na profissão, nem na posição, nem na personalidade. Está unicamente na Palavra de Deus. (MOHLER, 2008, p. 91).

Embora esteja se referindo especificamente ao ministério da pregação, podemos extrair dessas palavras o saudável e vital ensino de que toda vocação deve ter seu fundamento em Deus e sua Palavra. Caso contrário, esta não será digna de aceitação, pois não haverá nenhum investimento de autoridade.

De quem É a História?

Pretendendo expandir a nossa reflexão nesta seção, convido-o a ler com atenção os seguintes textos bíblicos, que em muito nos ajudarão na compreensão desse assunto.

Ele verá o fruto do penoso trabalho de sua alma e ficará satisfeito; o meu Servo, o Justo, com o seu conhecimento, justificará a muitos, porque as iniquidades deles levará sobre si. (Is 53.11, ARA)

E Jesus lhes respondeu, dizendo: É chegada a hora em que o Filho do Homem há de ser glorificado. Na verdade, na verdade vos digo que, se o grão de trigo, caindo na terra, não morrer, fica ele só; mas, se morrer, dá muito fruto. (Jo 12.23-24)

Não dizeis vós que ainda há quatro meses até à ceifa? Eu, porém, vos digo: erguei os olhos e vede os campos, pois já branquejam para a ceifa. O ceifeiro recebe desde já a recompensa e entesoura o seu fruto para a vida eterna; e, dessarte, se alegram tanto o semeador como o ceifeiro. Pois, no caso, é verdadeiro o ditado: Um é o semeador, e outro é o ceifeiro. Eu vos enviei para ceifar o que não semeastes; outros trabalharam, é vós entrastes no seu trabalho. (Jo 4.35-38, ARA, grifo do autor)

Eu plantei, Apolo regou; mas Deus deu o crescimento. Pelo que nem o que planta é alguma coisa, nem o que rega, mas Deus, que dá o crescimento. Ora, o que planta e o que rega são um; mas cada um receberá o seu galardão, segundo o seu trabalho. Porque nós somos cooperadores de Deus; vós sois lavoura de Deus e edifício de Deus. (1 Co 3.6-9)

Objetivando uni-los no propósito de extrair algumas lições, faremos a partir de agora uma análise separada de cada um dos textos citados.

Em primeiro lugar, com base no texto de Isaías 53.11, consideremos as seguintes verdades:

Trata-se de uma profecia direta a respeito do sofrimento redentor de Cristo.

Além de falar do sofrimento em si, fala também de seus resultados.

Os frutos desse trabalho – penoso – são colocados no futuro: “ele verá”.

Esses frutos trazem grande alegria ao Senhor.

Fazendo um paralelo com Lucas 15.7,10, podemos afirmar que esses frutos dizem respeito àqueles que são salvos e redimidos pelo preço que Cristo pagou.

A respeito de João 4.35-38, consideremos que:

O contexto era a evangelização tanto de uma mulher como de toda a cidade de Sicar.

Corrigindo a visão dos discípulos, Jesus diz que eles estavam equivocados quando esperavam a colheita para quatro meses e afirma que o momento já havia chegado.

Jesus diz que a alegria da colheita não é somente do ceifeiro, mas igualmente do semeador.

Embora seja um o que planta e outro o que rega, ambos estão envolvidos no mesmo trabalho e por isso a alegria é mútua.

Fica claro que nosso trabalho é colher os frutos do que Cristo realizou na cruz, estando, assim, em total coerência com o texto de Isaías.

O Mestre afirma que nós entramos num trabalho que já estava em andamento.

Acerca do texto de João 12.23-24, destaca-se :

O momento de Jesus ser crucificado se aproximava.

Jesus dá indícios da importância do momento.

O Mestre aproveitou para ensinar sobre a necessidade de se anular em favor do outro.

Jesus diz que para segui-lo é preciso renúncia.

Ele usa a figura do grão que precisa morrer para dar vida, referindo-se à sua morte, que traria vida a muitos.

Ele é o Semeador.

Ele é a própria semente.

Sobre 1 Coríntios 3.6-9, concluímos que:

Paulo estava resolvendo problemas de divisão na igreja que estava em Corinto.

Seu próprio nome estava envolvido no problema, uma vez que tinha irmãos que optavam por ele, enquanto outros optavam por Pedro, Apolo e ainda os que diziam preferir Jesus.

O apóstolo utiliza-se do processo da sementeira e do regar para mostrar quem realmente deve ser honrado, colocando as coisas em seu devido lugar.

Paulo diz que ele “plantou” e que Apolo “regou”, mas afirmou que ambos não tinham condições de fazer a semente brotar. Aliás, quem tem, senão única e exclusivamente Deus?

Paulo afirma veementemente que nem ele e nem Apolo é alguma coisa, mas somente o Senhor o é.

Ele usa uma interessante expressão ao dizer que “o que semeia e o que planta são um”, ensinando-nos que o valor não está nas diferentes funções, mas no fato de fazermos parte de algo divino.

O galardão será destinado ao semeador e ao ceifeiro.

Paulo chama o ceifeiro e o semeador de “cooperadores”, o que significa que não são eles quem opera, pois o trabalho é do próprio Deus, enquanto nós apenas cooperamos com aquilo que Ele mesmo está realizando.

Ser vocacionado é fazer parte!

Devemos lutar com todas as armas possíveis contra a terrível tentação de, por alguma razão, pensarmos que a história começa em nós ou mesmo em nossa

vocação e chamada. Muito pelo contrário, não nos esqueçamos de que, antes de nós, muitos outros trabalharam, mas nem mesmo eles são os protagonistas da história, porque eles também foram convocados a ingressar nessa história que Deus está escrevendo acerca de si mesmo.

Para ampliarmos nossa compreensão, atentemos para os seguintes fatos: 1) a história pertence a Deus; 2) a história é a respeito do próprio Deus; 3) toda iniciativa em chamar aos homens a participarem da história é de Deus, e não dos homens; 4) os patriarcas foram convocados para lançar a base, ou, se preferirmos, para “arar a terra”; 5) os profetas foram chamados para preparar (arar) a terra por meio da Palavra; 6) o Senhor Jesus semeou-se a si mesmo, servindo-nos como semente preciosa; 7) a igreja, por meio de seus membros e obreiros, trabalha na colheita dos frutos dessa gloriosa e vitoriosa obra.

Somos, portanto, convocados a dar continuidade ao que outros começaram, conforme lemos e podemos entender nas palavras do escritor aos Hebreus 12.1-2:

Portanto, também nós, visto que temos a rodear-nos tão grande nuvem de testemunhas, desembaraçamo-nos de todo peso e do pecado que tenazmente nos assedia, corramos, com perseverança, a carreira que nos está proposta, olhando firmemente para o Autor e Consumador da fé, Jesus, o qual, em troca da alegria que lhe estava proposta, suportou a cruz, não fazendo caso da ignomínia, e está assentado à destra do trono de Deus. (ARA)

Visivelmente, esse capítulo da carta aos hebreus é uma continuidade do anterior, que trata a respeito dos chamados heróis da fé (Hb 11), o que nos leva a entender que a expressão “nuvem de testemunhas” remete-se à estes que começaram a história. A partir disso, o escritor da carta chama a atenção da igreja para a sua responsabilidade de dar continuidade a ela, fato que explica a determinação “corramos, com perseverança, a carreira que nos está proposta”.

Ou seja, fomos graciosamente inseridos na história de Deus que está sendo

contada por meio do seu maravilhoso e perfeito plano..

Para encerrar esta parte, escolho as palavras de Colin Marshal e Tony Payne, que tecem um comentário sobre 2 Timóteo 2.2, sinalizando que:

Quando Paulo chegou perto do final de sua vida, sabia que a proclamação fiel e contínua do evangelho não seria garantida pela redação de confissões doutrinárias ou pela criação de estruturas institucionais (por mais importantes que sejam). O evangelho só seria guardado e propagado se fosse passado de mãos fiéis para outras, à medida que cada geração de pregadores fiéis passasse o depósito sagrado à geração seguinte, que, por sua vez, ensinara e treinara outros. (MARSHAL E PAYNE, 2015, p. 161)

A Natureza Divina no Vocacionado

Antes que tivéssemos recebido a dádiva da vida, Deus já nos tinha em seus planos bem como havia traçado para cada um de nós um propósito por meio do qual o seu nome virá a ser glorificado. Para o cumprimento desse propósito, o Senhor tem plantado em nosso interior qualidades, inclinações e desejos para tarefas específicas, tratando-se verdadeiramente de “vocação” que, assim como a vida, procede exclusivamente de Deus.

Descobrir a vocação e atender ao chamado divino não requer apenas sensibilidade ou esforço pessoal, mas consciência de que a execução do ofício para o qual fomos chamados deve estar de acordo com os padrões de quem nos chamou. Para isso, é preciso uma ação que também é de Deus, porque envolve muito mais que simplesmente prática ou ações, diz respeito a sentimentos e afeições que estão ligados a uma esfera que somente o Doador da vida tem acesso.

Para entendermos bem o tema ao qual me refiro, leiamos Ezequiel 36.26-28:

E vos darei um coração novo e porei dentro de vós um espírito novo; e tirarei o coração de pedra da vossa carne e vos darei um coração de carne. E porei dentro de vós o meu espírito e farei que andeis nos meus estatutos, e guardeis os meus juízos, e os observeis. E habitareis na terra que eu dei a vossos pais, e vós me sereis por povo, e eu vos serei por Deus.

Deus disse que tiraria o “coração de pedra” que estava no seu povo e colocaria um “coração de carne”, ampliando a promessa em que falou “porei dentro de vós o meu espírito”. Deus estava afirmando que mudaria os sentimentos, os desejos, os ideais e as prioridades do seu povo, imprimindo-lhes a sua lei e seus juízos.

Descobrir e cumprir a vocação com fidelidade exige essa mudança de prioridades, porque somente assim cumprimos o verdadeiro propósito de todo ministério: a edificação da igreja e a glória de Deus.

A Visão de Deus sobre a Motivação

Além de descobrirmos nossa vocação, devemos nos esforçar também para encontrarmos as nossas motivações e reavaliá-las constantemente, pois disso depende também o sucesso ou não de qualquer empreendimento, inclusive espiritual.

Existem pessoas que fazem a coisa certa, usam o método correto. No entanto, suas motivações são impuras e equivocadas e, por isso, seus projetos serão frustrados em algum momento, mesmo que sejam grandes e excelentes.

Estaria Deus interessado em minhas motivações? Minhas motivações são capazes de agradar ou não a Deus? Minhas motivações são realmente importantes para Deus?

Acredito que o ponto de partida é considerarmos que essa análise deve ser feita a partir de Deus, e não dos homens, isto é, devemos partir do princípio de quem é Deus. Nesse caso, leiamos o que diz a Palavra de Deus em Hebreus 4.12-13:

Porque a palavra de Deus é viva, e eficaz, e mais penetrante do que qualquer espada de dois gumes, e penetra até à divisão da alma, e do espírito, e das juntas e medulas, e é apta para discernir os pensamentos e intenções do coração. E não há criatura alguma encoberta diante dele; antes, todas as coisas estão nuas e patentes aos olhos daquele com quem temos de tratar.

Juntos, esses dois versículos enfatizam o poder de Deus especificamente quanto à sua capacidade de a tudo ver e de sua Palavra revelar o que está na mente bem como a intenção do coração do homem. O escritor afirma também que nenhum ser está fora do olhar do Criador e que todas as coisas, isto é, tudo o que envolve a criatura, também é conhecido dEle.

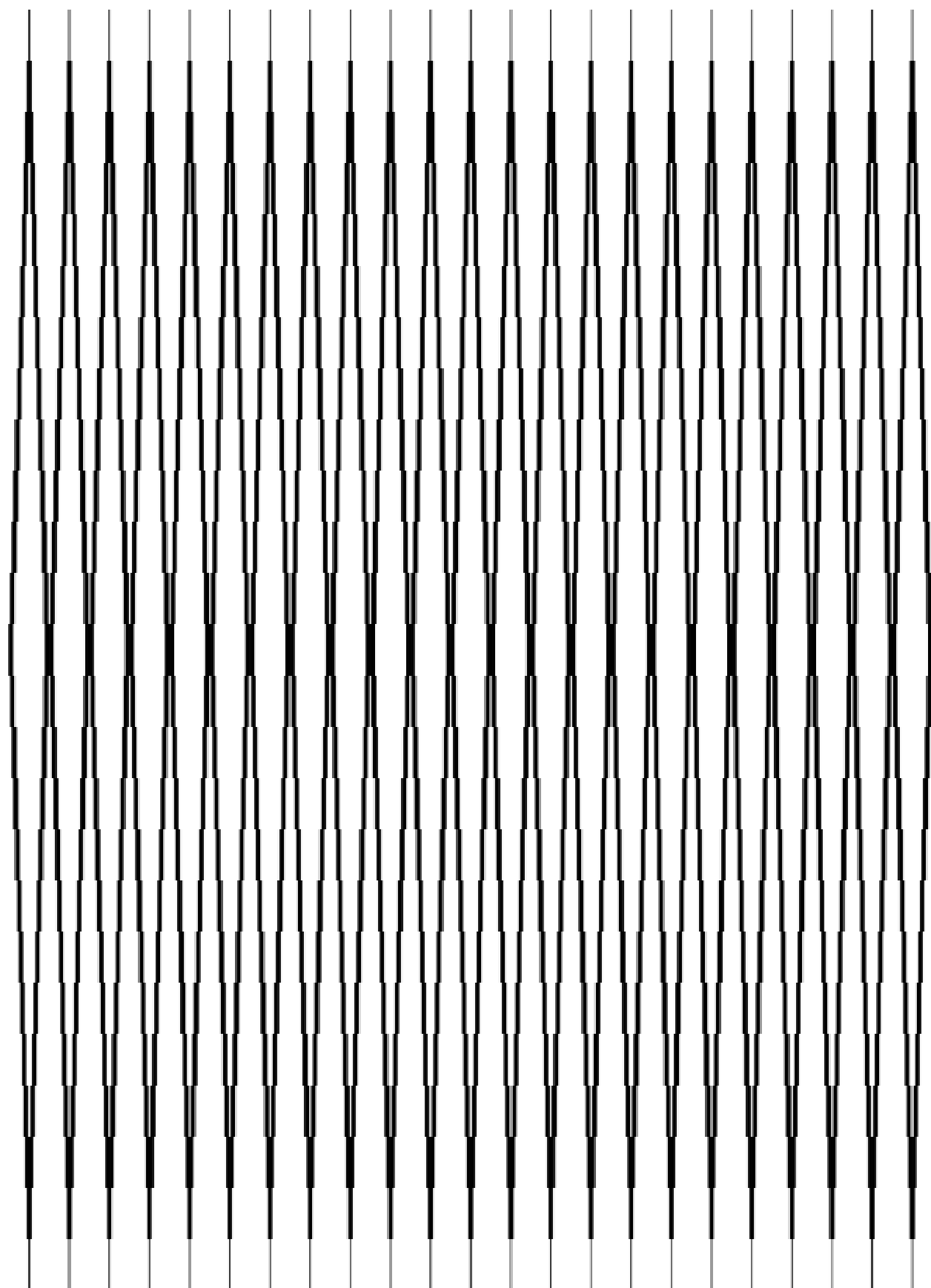
O poder da Palavra é demonstrado no texto como a eficaz capacidade de revelar não somente pensamentos, mas também as intenções do coração. Notemos que não basta fazermos o que é certo, mas que reavaliemos o que está por trás disso, ou seja, o motivo e as razões pelas quais estamos envolvidos em determinado projeto espiritual. Afinal, tudo está diante dEle, inclusive o coração e suas intenções, que neste contexto aponta para as partes mais ocultas do ser humano e que somente Deus é capaz de alcançá-las.

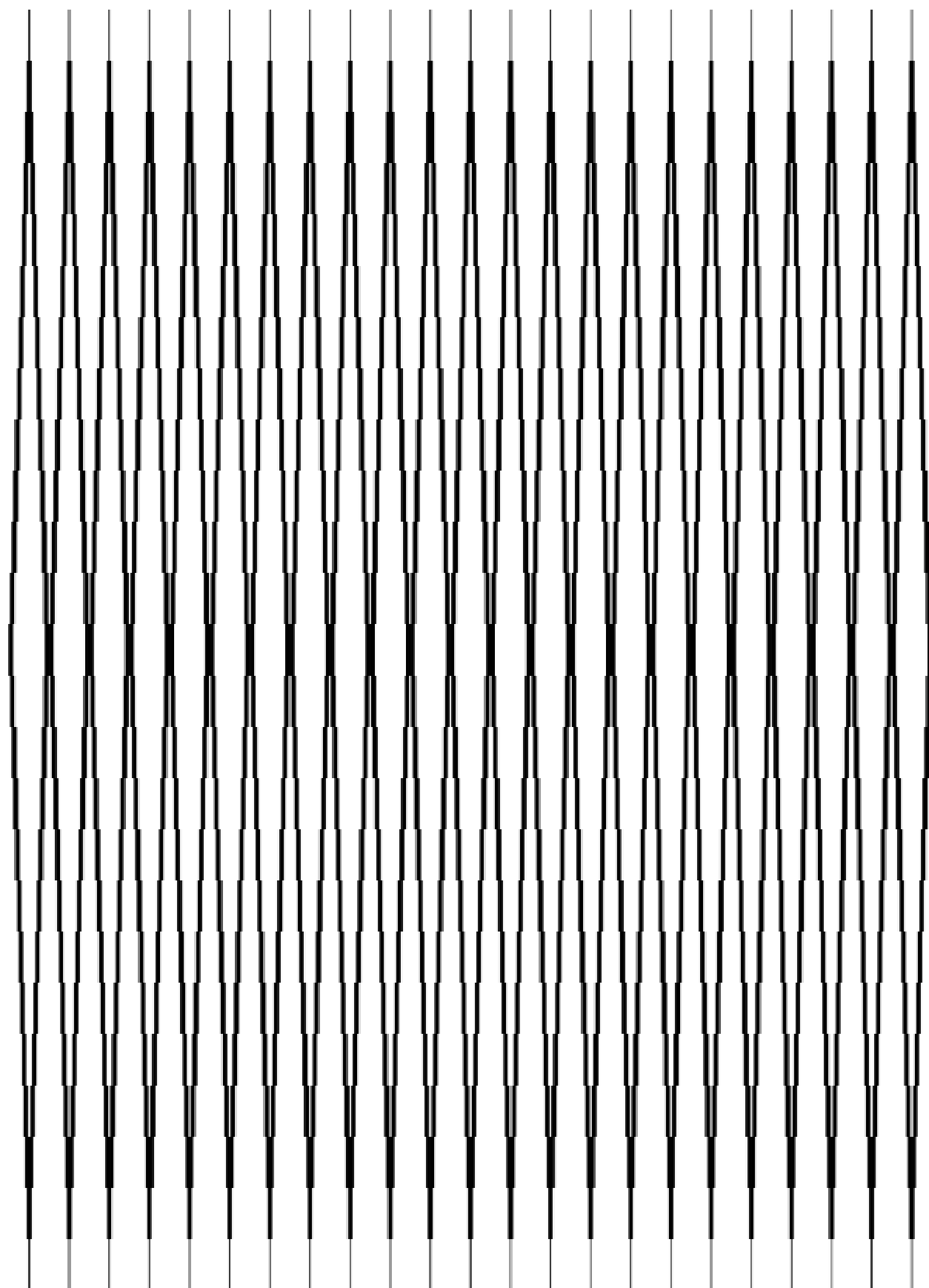
O apóstolo Paulo tratou esse assunto de forma clara e ampliada em pelo menos dois aspectos: 1) em um aspecto escatológico, apontando para o dia da prestação de contas diante de Cristo, quando os desígnios do coração serão revelados, determinando assim a recompensa de cada crente (1 Co 4.5); 2) afirmando que diante de Deus o que realmente tem valor é o que motiva as boas obras, e não as obras em si (1 Co 13.3).

Não há chamada para o ministério

**que não seja primeiramente uma
chamada para Cristo.**

– Edmund Clowney





Desperte

o Dom que em ti há

Até esse momento, nossa abordagem se deu em torno dos aspectos gerais e particulares da vocação. A partir deste capítulo, faremos uma análise com viés mais prático, e enfatizaremos as características e marcas predominantes que evidenciam e a confirmam àqueles que, verdadeiramente, são vocacionados.

Para começar a análise, tomamos as palavras de Paulo a Timóteo em que orienta: “Por este motivo, te lembro que despertes o dom de Deus, que existe em ti...” (2 Tm 1.6).

Essas célebres palavras são carregadas de significado e importância, bem como de uma paixão verdadeira e pura.

É possível ainda identificar grandes verdades ministeriais na admoestação do apóstolo ao jovem obreiro, tratando-se, inclusive, de uma grande oportunidade de aprendermos acerca da importância da descoberta da vocação e sua indispensável potencialização. Todavia, é necessário, em primeiro lugar, conhecer o contexto da escrita desse texto para então conhecer as verdades que contém.

Uma Análise do Contexto

Antes de buscarmos identificar e extrair lições práticas e fiéis desse texto, consideremos o que envolveu essa carta e levou o apóstolo a escrevê-la, pois nos ajudará na compreensão do tema proposto.

Esta é a segunda carta de Paulo a Timóteo e foi escrita por volta do ano 67 d.C., enquanto ele aguardava a sua execução. Esse contexto pré-morte influenciou

diretamente no conteúdo nela exposto.

Quanto ao tema da carta, pode ser assim dividido: 1) Timóteo viria a ser desafiado e sua fé testada mediante aquilo que seu líder espiritual estava passando e ainda experimental, ao que foi encorajado a não envergonhar-se dele (1.8); 2) Timóteo é chamado a sofrer por amor a Cristo como marca de um obreiro fiel.

Podemos também assinalar os objetivos do apóstolo com a escrita dessa carta: 1) ajudar Timóteo a compreender o que estava acontecendo (2.7; 3.1); 2) apresentar a retrospectiva de um ministério bem-sucedido que está chegando a um final glorioso e trágico ao mesmo tempo; 3) interpretar seu próprio ministério para preparar Timóteo para as batalhas que enfrentaria tanto como obreiro do Senhor como em sua viagem a Roma para visitá-lo; 4) preparar Timóteo para o que enfrentaria em decorrência de seu ministério, isto é, por causa da pregação do evangelho (1.8,12; 2.9,11; 3.12; 4.5,6).

Paulo convida Timóteo a visitá-lo na prisão em Roma tendo dois propósitos: 1) desfrutar da companhia de seu filho espiritual; 2) conhecer a disposição de Timóteo de sofrer por Cristo e por ele, uma vez que ir a Roma era correr grandes riscos.

Ampliando a Compreensão do Texto

O aprendizado de princípios bíblicos depende direta e essencialmente de uma correta compreensão do texto sagrado, e para isso é fundamental uma correta interpretação. Por essa razão, faremos uma análise específica e objetiva das palavras de Paulo a Timóteo tendo como objetivo principal extrair lições fundamentais sobre a vocação e sua descoberta.

Embora só esteja registrada no versículo 4, quero me antecipar e destacar a significativa expressão “dou graças a Deus”, que literalmente aponta para a verdade de que Paulo estava livre de qualquer ansiedade ou temor, mesmo estando preso e prestes a ser executado.

Não há dúvidas de que a atitude de Paulo serviu como exemplo vivo a Timóteo,

que deveria seguir os conselhos recebidos por intermédio dessa carta, inclusive para que permanecesse firme e fiel no cumprimento de sua vocação.

Na abertura da carta de Paulo aos Filipenses, Timóteo é citado como coautor (1.1) e, juntos, Paulo e ele recomendaram àqueles irmãos que se “alegrassem sempre” (4.4-6).

Desse modo, tendo essas duas informações, é possível imaginar o quanto isso deve ter afetado positivamente a Timóteo ao perceber que, não obstante a adversidade da prisão e proximidade da morte, Paulo permanecia fundamentado naquilo que lhe havia ensinado.

O Argumento de Paulo

De volta ao texto em análise, é preciso dar atenção ao fato de que ele é introduzido com as palavras “por este motivo”, sendo importante e indispensável para a sua interpretação. Essas palavras foram usadas pelo apóstolo como argumento, fundamentando a ordem para que Timóteo despertasse o dom que havia nele.

Qual a relação da ordem com o argumento usado por Paulo? Qual é esse argumento? A ordem de Paulo e o argumento por ele usado devem ser colocados juntos no processo interpretativo, mesmo porque, Timóteo não foi admoestado a despertar o dom que havia nele sem que houvesse motivo; pelo contrário, havia razões concretas e valiosas.

O argumento pode ser visto nas informações que se encontram nos versículos anteriores por meio dos quais Paulo dá informações das seguintes naturezas: 1) credencial apostólica; 2) informações pessoais de Timóteo; 3) histórico espiritual e ministerial de Timóteo.

Vejamos agora, individualmente, a cada uma das partes desse argumento.

A credencial apostólica de Paulo (vv. 1-2)

A princípio é preciso ter em mente que Timóteo não tinha dúvida a respeito da autenticidade do apostolado de Paulo. Portanto, sua meticulosa apresentação não tinha apenas o jovem obreiro como alvo.

Diante disso, proponho que destaquemos três importantes pontos: 1) Considerando que estava prestes a ser executado e que não estaria mais entre os seus irmãos, Paulo utiliza-se de sua autoridade para recomendar a Timóteo, dando apoio ao seu ministério; 2) Paulo está fortalecendo mais uma vez a autoridade que lhe pertencia, tendo em vista a confirmação de seu ministério que estava chegando ao final e com isso sua doutrina seria mantida como verdade absoluta no seio da igreja; 3) Paulo apela a Timóteo que considerasse suas palavras; afinal o que ele recebera não tinha seu nascedouro em homens, mas havia recebido do próprio Senhor Jesus.

Dando maior ênfase ao último ponto, Timóteo é admoestado a que desperte o dom que há nele com base na autoridade de Paulo. Sendo assim, como já vimos anteriormente, desobedecer a essa ordem era o mesmo que rejeitar uma ordem do próprio Senhor Jesus.

Ademais, o peso de autoridade se acentua ainda mais quando consideradas as palavras usadas pelo apóstolo para afirmar o seu chamado ao dizer: “Paulo, apóstolo de Jesus Cristo, pela vontade de Deus, segundo a promessa da vida que está em Cristo Jesus” (1.1). Desse modo, a chamada de Paulo é conectada à soberana vontade de Deus, de acordo com a promessa da vida que está em Cristo, isto é, o seu apostolado transcende ao tempo e ao espaço que limita o homem, ou seja, procede de uma esfera eterna e, por isso, suas palavras devem ser consideradas e obedecidas.

Resumindo, é como se Timóteo perguntasse: “Por que devo obedecer à sua ordem, Paulo, e despertar o dom que há em mim?” Ao que Paulo responderia: “Porque minhas palavras não têm origem em mim mesmo; elas procedem do próprio Deus”.

Informações pessoais de Timóteo (vv. 2-4)

Em se tratando de informações pessoais, somos naturalmente lembrados da humanidade de Timóteo, e é por essa razão que Paulo fez conexão entre esses aspectos pessoais e o fato de que orava constantemente por Timóteo, além de falar de particularidades afetivas.

Ao chamá-lo de “filho amado”, Paulo tem dois grandes objetivos: 1) investir autoridade, para que Timóteo pudesse ser reconhecido como seu legítimo filho espiritual e, de certa forma, uma extensão de seu próprio ministério; 2) apelar para a afetividade tendo em vista que suas recomendações fossem ouvidas e atendidas.

Paulo toma a Deus por testemunha e informa a Timóteo: “Dou graças a Deus, a quem, desde os meus antepassados, sirvo com consciência pura, porque, sem cessar me lembro de ti nas minhas orações, noite e dia” (v. 3).

Desse modo, Paulo afirma agradecer a Deus pela vida de Timóteo e que constantemente ora por ele. Orar por alguém é a forma mais convincente e valiosa de demonstrar verdadeira preocupação e sincero amor; agradecer a Deus pela vida de alguém é reconhecer as excelências que o Senhor lhe concedera.

Paulo fala das lágrimas de Timóteo e ainda diz que seria dele a alegria quando o encontrasse, o que confirma ainda mais o seu amor e o valor que lhe dava (v. 4).

Histórico espiritual e ministerial de Timóteo (v. 5)

Dando continuidade à carta, Paulo fala da fé de Timóteo, de sua avó e de sua mãe. Com isso, ele estava não somente elogiando a trajetória do jovem, mas, principalmente, encorajando-o a continuar avançando com base em seu histórico familiar. Além disso, o apóstolo estava lembrando ao seu filho espiritual as suas bases e ressaltando que ele não era um acidente, mas uma prova da providência divina, na qual ele deveria firmar a sua fé e seguir em frente no cumprimento de sua vocação.

Em conclusão a essa parte, podemos afirmar que através de todos esses pontos

de seu argumento, o apóstolo visou fortalecer no coração de Timóteo a certeza de que Deus havia trabalhado para preparar todas as coisas necessárias para que ele fosse chamado, preparado e pudesse exercer a sua vocação e, por essa razão, tinha o dever de despertá-la, inclusive como condição fundamental para o sucesso de sua carreira ministerial.

Desperte o Dom que Há em ti

Timóteo já havia recebido essa mesma recomendação de Paulo (1 Tm 4.14). Muita discussão tem havido em torno da tentativa de descobrir a que dom Paulo se referia, repousando sobre as seguintes defesas: a) refere-se ser o próprio ministério de “ensino” e “exortação” relacionados como dons dados por Deus aos homens (Ef 4.7-12; Rm 12.7; 1 Tm 4.13,14); b) refere-se a um dos dons espirituais de 1 Coríntios 12.1-11; c) há ainda aqueles que saem em defesa de que refere-se ao dom de profecia ou discernimento de espíritos, ou ainda ser relacionado à “fé” com base em 1.5 e 1 Coríntios 12.9.

Embora se trate de algo importante, nosso foco não é a descoberta de a qual dom Paulo está se referindo, mas a ordem para que esse dom fosse despertado. Avançando em sua recomendação, o apóstolo mostra outra razão pela qual Timóteo deveria atendê-lo: “Porque Deus não nos tem dado espírito de covardia, mas de poder, de amor e de moderação” (2 Tm 1.7, ARA).

Paulo começa dizendo o que não recebemos da parte de Deus: espírito de covardia, que aqui tem a ver com atemorizar (Jo 14.27), tratando-se de um medo resultante da ausência de fé (Mt 8.26; Mc 4.40), associação que pode ser notada em Apocalipse 21.8. Em seguida, ele diz que o dom recebido de Deus possui três características: 1) poder ou força; 2) amor; 3) moderação.

Conforme vimos anteriormente, Timóteo estava, nesse contexto, sendo convidado e encorajado a ir ao encontro de seu mestre em Roma e, para tal missão, ele precisaria de ousadia, coragem e amor para enfrentar as adversidades que isso lhe traria e ainda equilíbrio para lidar corretamente com tudo o que envolveria essa visita.

A partir disso, ele é admoestado a despertar o dom que já estava nele, porque, na verdade, ele trazia em si todas essas marcas, ou seja, somente assim ele teria êxito no que deveria fazer.

Paulo ainda diz mais:

Portanto, não te envergonhes do testemunho de nosso Senhor, nem de mim, que sou prisioneiro seu; antes, participa das aflições do evangelho, segundo o poder de Deus, que nos salvou e chamou com uma santa vocação; não segundo as nossas obras, mas segundo o seu próprio propósito e graça que nos foi dada em Cristo Jesus, antes dos tempos dos séculos, e que é manifesta, agora, pela aparição de nosso Salvador Jesus Cristo, o qual não só aboliu a morte e trouxe à luz a vida e a incorrupção, pelo evangelho, para o que fui constituído pregador, e apóstolo, e doutor dos gentios; por cuja causa padeço também isto, mas não me envergonho, porque eu sei em quem tenho crido e estou certo de que é poderoso para guardar o meu depósito até aquele Dia. Conserva o modelo das sãs palavras que de mim tens ouvido, na fé e no amor que há em Cristo Jesus. Guarda o bom depósito pelo Espírito Santo que habita em nós. (2 Tm 1.8-14).

De forma direta e objetiva, Timóteo está sendo encorajado a não se amedrontar diante da possível perseguição, além de ser admoestado a não se envergonhar do evangelho e nem de Paulo, que se encontrava preso e estava sentenciado à morte justamente por causa desse mesmo evangelho.

A seguir, o apóstolo descreve de forma clara e profunda a execução do soberano ato redentor de Deus em Cristo, afirmando que ele e Timóteo são igualmente chamados tanto para a salvação quanto para a divulgação dessa mensagem.

Sendo assim, ao incentivar Timóteo para que despertasse o dom que nele havia, Paulo estava tratando acerca da vocação que havia recebido de Deus e apresentando-lhe o critério necessário para cumpri-la: ter coragem e intrepidez e, por isso, ele dependia de uma ação de Deus em seu interior para que pudesse ser concretizada.

Pela Imposição das minhas Mãos

Durante a leitura desses versículos, não encontramos nenhum indício de que Paulo estivesse querendo exclusividade no ministério de Timóteo. Aliás, seria um grande equívoco pensar assim. Além disso, é necessário que se diga também que em nenhuma parte da Bíblia há sequer uma hipótese que possa fundamentar a afirmação de que havia no presbitério, ou mesmo nos apóstolos, poderes especiais que impondo as mãos sobre alguém lhe eram conferidos dons especiais.

Então, a que Paulo se refere ao dizer “que existe em ti pela imposição das minhas mãos”?

Dividirei a resposta em três partes: 1) a confirmação da igreja; 2) a participação de Paulo no ministério de Timóteo; 3) a manifestação externa de uma vocação interna.

1. A confirmação da igreja

O relato bíblico evidencia que o ministério de Timóteo foi confirmado pela igreja e por sua liderança. Afinal, conforme já pontuamos nos capítulos anteriores, ser chamado ao ministério é ser chamado pela e para a igreja.

Na verdade, já tratamos sobre o papel da igreja em relação à vocação pessoal de alguém, mas consideremos ainda as palavras de Dave Harvey que, embora trate especificamente do ministério pastoral, o princípio por ele exposto serve aos demais ministérios:

O ministério pastoral é ministério entre o povo de Deus. Então, por que nós pensamos que podemos treinar melhor um homem por removê-lo do próprio povo entre o qual se espera que ele sirva? Se você está se perguntando se é

chamado ao ministério, pense cuidadosamente sobre onde praticará o cuidar de almas. (HARVEY, 2013, p. 60)

2. A participação de Paulo no ministério de Timóteo

Se é fato que o ministério de Timóteo foi desenvolvido e confirmado na e pela igreja, por outro lado Paulo foi, sem dúvidas, seu principal modelo, mentor e incentivador. Diante disso, temos um importante princípio: Deus sempre usará alguém que nos conduzirá a descobrir, atender e potencializar a vocação que Ele mesmo nos confiou.

Sendo assim podemos afirmar que todo Moisés tem um Josué, assim como todo Josué precisa de um Moisés; todo Elias tem um Eliseu, assim como todo Eliseu precisa de um Elias; todo Paulo tem um Timóteo, assim como todo Timóteo precisa de um Paulo. Ou seja, um ao outro ajudou e ao seu companheiro disse: esforça-te!

Quanto a esse posicionamento, Dave Harvey é quem mais uma vez nos ajuda, ao escrever:

O ministério pode ser uma experiência solitária e frustrante. Precisamos de outras pessoas em nossa vida para nos ajudar a chegar ao ministério e a permanecer nele. (HARVEY, 2013, p. 30)

3. A manifestação externa de uma vocação interna

Confirmando mais uma vez o que temos tratado neste ponto, na interpretação do

texto em questão é possível perceber que as palavras de Paulo não sugerem que Timóteo deveria buscar algo novo de Deus e nem mesmo buscar um determinado dom; ao contrário, na verdade diz para que ele potencializar aquilo que já possuía. Tal instrução demonstra que após a confirmação do ministério a exigência seria maior e por isso ele deveria desenvolver-se ainda mais.

Na verdade, o jovem obreiro estava recebendo de Paulo não somente uma orientação e admoestação, mas também um precioso ensinamento de que ele era responsável por envolver-se direta e pessoalmente com a vocação que Deus havia nele investido e que, à medida que ele se envolvesse na graça que recebera, mais sentiria a necessidade de crescer e aperfeiçoar seu ministério.

Depois de termos dedicado tempo e atenção a este valioso texto sagrado a fim de prosseguirmos em nossa conversa, considero necessário apresentar um breve resumo deste tópico objetivando a ampliação de nossa compreensão..

Essa carta é destinada a um jovem vocacionado ao ministério com a finalidade de resolver questões pessoais e ministeriais. Paulo ordenou que Timóteo despertasse o dom que nele havia com base na história e em sua fé. Paulo tinha em mente encorajá-lo quanto ao exercício do ministério e as implicações que isso lhe traria (perseguição, adversidade e sofrimento).

De acordo com suas palavras, não havia razão para que Timóteo não cumprisse sua vocação, uma vez que Deus o havia escolhido e dado a ele as condições de fazê-lo.

O apóstolo apresenta algumas verdades sobre a vocação: a) ela é santa; b) ela não procede da carne; c) ela é um propósito divino.

Feitas as considerações sobre o texto, a seguir vamos à sua aplicação pessoal.

Introspecção: Um Necessário Exercício para Despertar o Dom

Despertar o dom requer um olhar corajoso e sensível para o nosso próprio coração, buscando identificar o que Deus semeou, em que nível se encontra, o que precisa ser alterado e, finalmente, o que é preciso fazer para que o fervor seja reacendido. Tendo em vista o que a Bíblia afirma de que o coração do homem é enganoso (Jr 17.9), esse olhar precisa estar em conformidade com as Escrituras para que os seus resultados sejam autênticos e duráveis.

Dentre as marcas que evidenciam um verdadeiro vocacionado (trataremos especificamente sobre elas mais à frente), uma consciência resoluta da responsabilidade assumida diante de Deus e dos homens é uma das principais. Os frutos de um ministério dado e confirmado por Deus são maravilhosos, e sua área de alcance não se limita à realidade humana e natural apenas; eles são operados principalmente numa dimensão espiritual.

Falar ou trabalhar em nome de Deus afeta diretamente a vida espiritual das pessoas, e isso pode ocorrer de forma positiva ou negativa, dependendo do estado de espírito daquele que supostamente está cumprindo uma vocação. Portanto, é preciso zelo e senso da grande responsabilidade à medida que cumprimos nosso chamado.

Acerca disso, leiamos o que o pastor puritano Richard Baxter (1615-1691) diz:

Não se contentem com um estado de graça, mas tenham cuidado também com que suas graças sejam mantidas em exercício vigoroso e animado e que vocês puguem a si mesmos os sermões que vocês preparam, antes de pregá-los a outros. Eu confesso, e devo dizê-lo por lamentável experiência própria, que eu transmito ao meu rebanho os distúrbios da minha própria alma. Quando permito que meu coração se esfrie, minha pregação é fria. Muitas vezes posso observar no melhor do meu povo que quando minha pregação se torna fria, eles também se esfriam. Nós somos as amas dos pequeninos de Cristo. Se negligenciarmos o nosso próprio alimento, ficaremos desnutridos e isso logo será visível na magreza deles e no desempenho irresponsável de suas diversas tarefas. Ó amados, cuidem portanto dos seus próprios corações; afastem-se de luxúrias e de paixões e de inclinações mundanas; busquem a vida de fé e de amor e zelo. Acima de tudo, estejam sempre em oração e meditações em secreto. Cuidem, portanto, das suas próprias almas e das dos demais. (MACDONALD,

Com tom de encorajamento e alerta, essas palavras de Baxter nos levam a refletir sobre o perigo que aqueles que exercem o ministério correm: o da estagnação espiritual, causando danos não somente a si mesmos, mas também àqueles que os ouvem, ou que, de alguma forma, são alcançados pelo seu trabalho. Depois de alertar e detalhar acerca desse perigo, Richard Baxter aponta o caminho para a prevenção e também da restauração: oração e meditação em secreto.

De certo modo, o próprio Jesus advertiu seus discípulos e continua a nos advertir a respeito dessa grande necessidade,: “Vigiai e orai, para que não entreis em tentação; na verdade, o espírito está pronto, mas a carne é fraca” (Mt 26.41).

O próprio Senhor Jesus, em momentos que antecederiam a sua prisão, julgamento, condenação e crucificação, orientou os seus discípulos a respeito dos perigos que cercam a vida daqueles que se ocupam em cooperar com Deus em sua obra. Ele afirma que o espírito “está pronto”, apontando para a possibilidade de deixar de estar nessa condição; mas ainda diz que “a carne é fraca”, que ao contrário do espírito permanece sendo o que sempre é: fraca!

Sendo assim, somos advertidos a estarmos empenhados na manutenção de uma vida espiritual saudável, porque qualquer falta de atenção poderá resultar em queda fatal. Aliás, essas palavras de Jesus objetivam alertar-nos de que a oração e a vigilância são capazes de impedir que entremos em tentação. Partindo disso, podemos extrair, no mínimo, duas verdades: 1) Jesus nos mostrou o caminho da vitória sobre a tentação; 2) a promessa é “não entreis em tentação”, isto é, a tentação perde a força e é vencida antecipadamente pelo crente que ora e vigia.

O que É, de Fato, Vigiar?

O que Jesus quis dizer com vigilância? Qual a importância da vigilância? Qual a relação entre a vigilância e o despertar a vocação?

Parece desnecessária uma exposição sobre o significado de um termo tão comum e que as opiniões sobre o seu significado é praticamente unânime. No entanto,

será que a definição popular para esse termo está correta, ou mesmo completa?

Conforme sabemos, quando o entendimento sobre um termo bíblico sobrepõe-se a outro ao ponto de contrariá-lo, é preciso uma reavaliação acerca do mesmo. A Bíblia é inspirada por Deus e por isso traz em si a natureza do próprio Deus, que é infalível, eterna e perfeita. Sendo assim, ela possui todas essas qualidades (2 Tm 3.16-17).

Comecemos então por uma pergunta central: “Onde realmente habita o mal?”.

Atentemos agora para alguns textos bíblicos.

E, chamando a si a multidão, disse-lhes: Ouvi e entendei: o que contamina o homem não é o que entra na boca, mas o que sai da boca, isso é o que contamina o homem. (Mt 15.10-11)

Ou dizeis que a árvore é boa e o seu fruto, bom, ou dizeis que a árvore é má e o seu fruto, mau; porque pelo fruto se conhece a árvore. Raça de víboras, como podeis vós dizer boas coisas, sendo maus? Pois do que há em abundância no coração, disso fala a boca. O homem bom tira boas coisas do seu bom tesouro, e o homem mau do mau tesouro tira coisas más. (Mt 12.33-35)

Ou como dirás a teu irmão: Deixa-me tirar o argueiro do teu olho, estando uma trave no teu? Hipócrita, tira primeiro a trave do teu olho e, então, cuidarás tirar o argueiro do olho de teu irmão. (Mt 7.4-5)

Tomemos por princípio que os textos expostos acima procedem diretamente do próprio Cristo, e que todos eles caminham na mesma direção quanto ao tema abordado: Jesus está tratando claramente a respeito do lugar onde as coisas acontecem no homem e a partir de onde devem proceder os frutos que verdadeiramente glorificam ao Pai.

Na primeira referência bíblica, somos advertidos a respeito do lugar onde o mal reside e de onde ele procede. Em virtude da influência religiosa, o pensamento predominante entre os judeus naquele momento era de que o mal reside em coisas externas ao homem e que, o mesmo só se contaminaria a partir de um contato com elas. No entanto, Jesus dispara contra esse pensamento afirmando que o mal não é algo opcional, mas é, infelizmente – como consequência da queda –, inerente a ele.

Portanto, devemos ter em mente que o mal está dentro do homem. Na verdade, a distância entre o homem e o mal é a mesma distância entre ele e si mesmo.

Para fundamentar ainda mais essa verdade, leiamos o que Jesus diz na oração conhecida como sacerdotal: “Não peço que os tires do mundo, mas que os livres do mal” (Jo 17.15). De acordo com esse pedido de Jesus, o mal a que Ele se refere não é o que está no mundo, pois aqui o pedido não é que livrasse seus discípulos do mundo; mas a referência é ao mal presente no homem, do qual Jesus pede que o Pai os guarde, ou os livre.

No segundo texto bíblico está exposta a verdade de que a vida interna comanda a externa e é sublinhada por Jesus, de forma brilhante e clara, ao afirmar que é impossível o que é visível no homem ser diferente daquilo que é invisível. Sendo assim, nota-se a importância de uma vida interna resolvida àqueles que possuem vocação e são chamados a servirem a Deus e sua igreja em áreas específicas.

Lembre-se de que estamos construindo uma base para a nossa concepção de vigilância, e de que forma isso está associado ao exercício e cumprimento de uma vocação.

Sobre o terceiro e último texto citado, Jesus não nos proíbe ajudar a quem precisa enxergar melhor, mas somos advertidos sobre a necessidade de estarmos em condições para isso, e a respeito da necessidade de termos um olhar crítico para nós mesmos. Portanto, todos que possuem um chamado e se propõem a cumpri-lo precisam de constante disposição e coragem para se analisarem, tendo em vista melhor servir ao Reino de Deus.

Com base nessa breve e objetiva exposição, podemos afirmar que a advertência de Jesus sobre a vigilância tem mais a ver com um olhar interno do que externo, até porque, conforme temos visto, nossas ações externas refletem nossa realidade interna. Logo, vigiar está ligado a uma sondagem dos movimentos da alma e das

inclinações do coração com vistas à constatação de necessidades intimamente espirituais que só poderão ser supridas por Deus.

Há uma conexão entre esse entendimento e a ordem de Paulo a Timóteo, pois o dom que opera no interior do vocacionado já lhe foi comunicado, sendo então necessário que apenas fosse despertado.

Despertar tem a ver com animar ou acordar, o que sugere a ideia de que o dom que Timóteo havia recebido, em algum nível e por algum motivo, estava adormecido, ou aproximando-se disso, e precisava ser avivado nele, até porque ele iria precisar desse estado de espírito.

Portanto, um vocacionado precisa ter consciência acerca de si mesmo, tendo disposição de avaliar-se constantemente, coragem de reconhecer seus próprios defeitos, suas inclinações carnis e egoístas, e, depois disso colocar tudo diante de Deus em oração, como sinal de total dependência. Mais uma vez voltamos ao ponto central para despertar o dom há em cada um de nós: a necessidade de relacionamento com Deus.

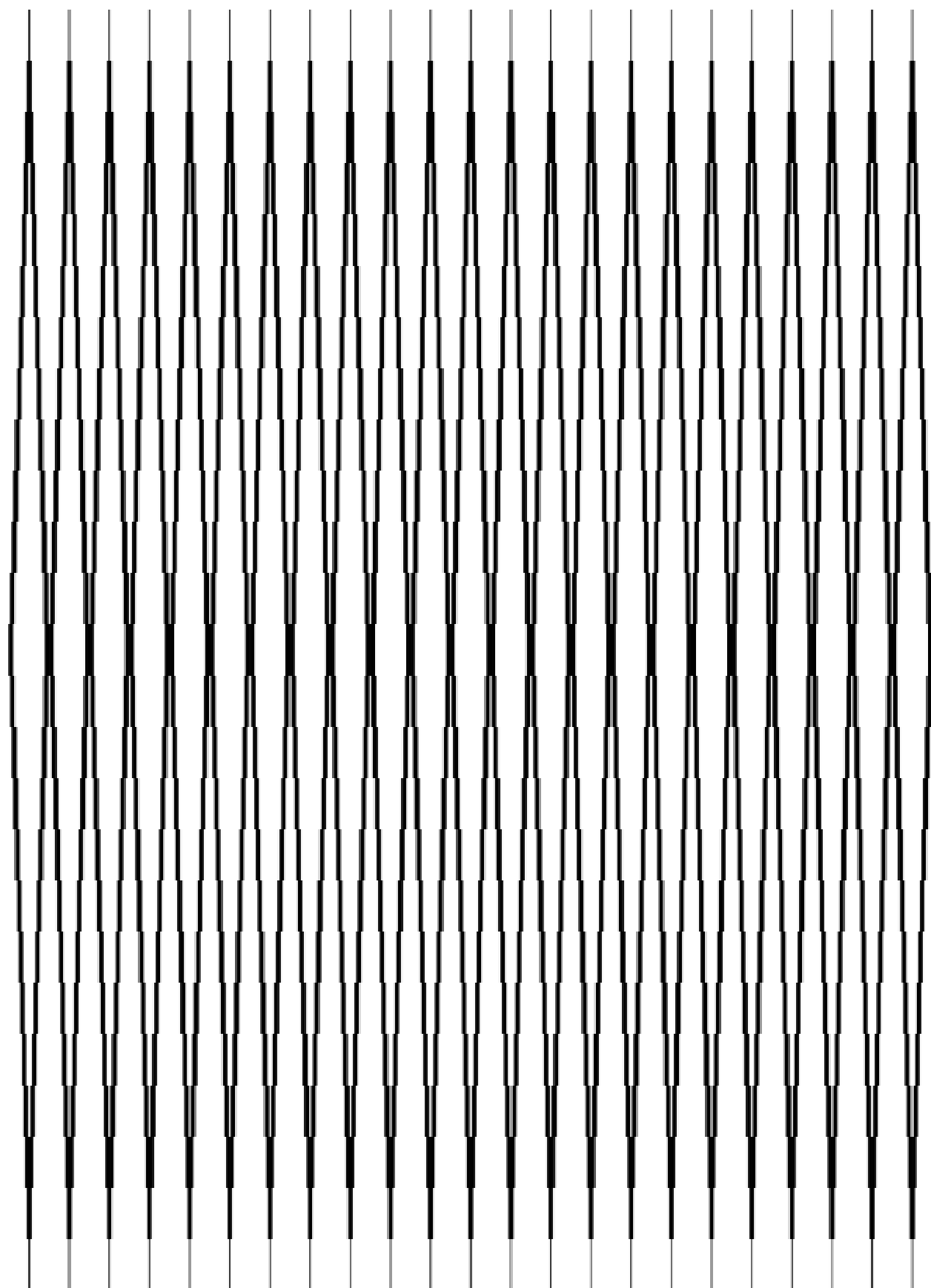
Enfim, só poderemos despertar o que Deus plantou em nós por meio de um relacionamento sincero com Ele, pois, jamais poderemos conhecer a nós mesmos, sem uma clara visão a respeito de Deus, que nos vocacionou.

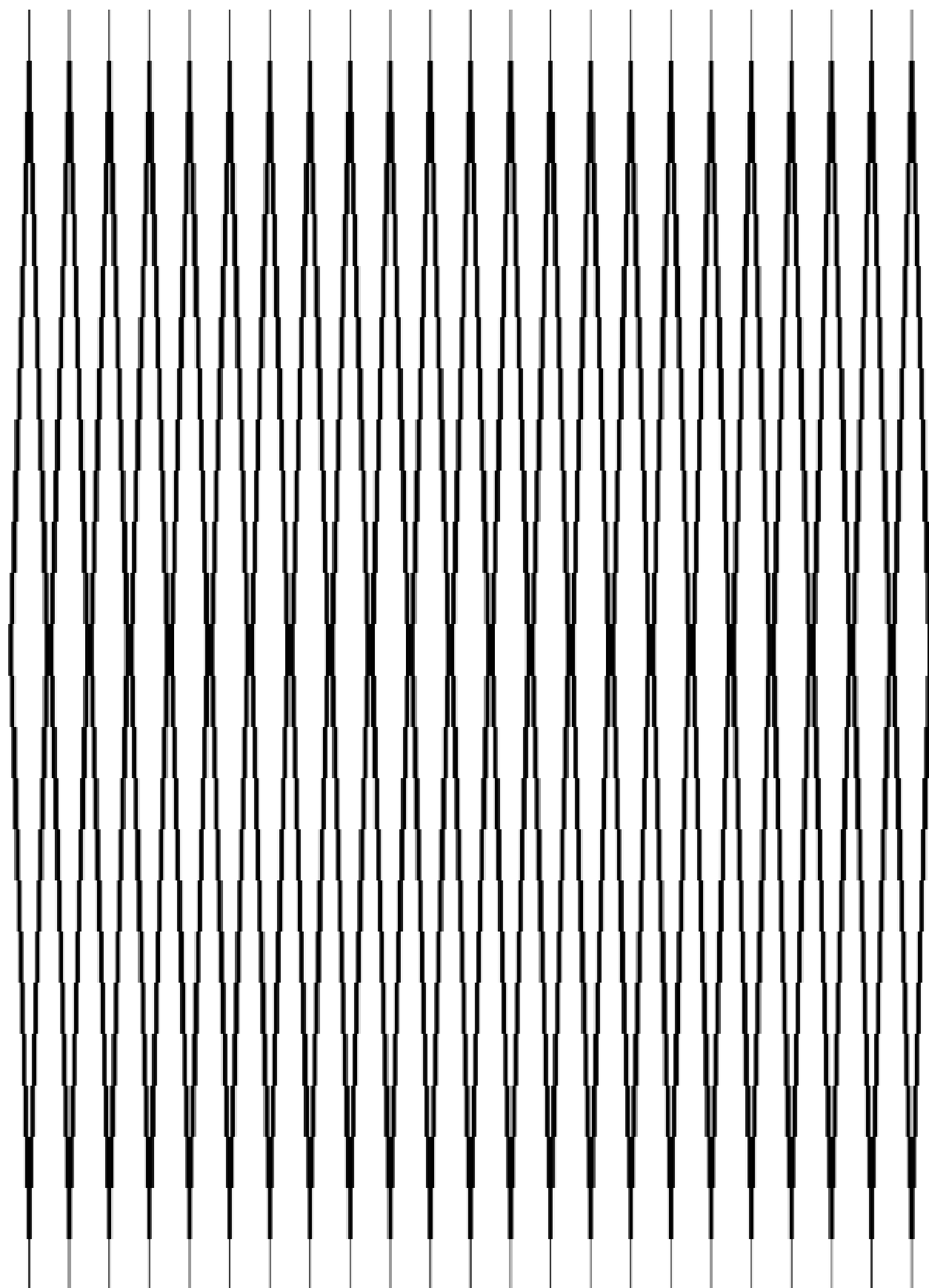
A fim de encerrar este capítulo, escolhi tomar as sábias palavras de Eugene Peterson sobre este assunto que nos é central, e que deve nortear nossa vida espiritual e nosso ministério:

A vida é dinâmica. Ela está em constante mutação e crescimento. Sofre ataques e é desafiada pelo mundo. Ao contrário, a Palavra de Deus e o meu chamado jamais mudam, mas o relacionamento está sob ataque constante e deve ser renovado com frequência. A determinação é fundamental, mas não é suficiente. Por intermédio da oração, Deus nos renova e restaura... O que fazemos em segredo determina a integridade do que somos em público. A oração é o ato secreto que desenvolve uma vida que é, ao mesmo tempo, totalmente autêntica e profundamente humana. (PETERSON, 2003, p. 129, 131)

**Apenas quando enxergar o seu verdadeiro
potencial interior, você realmente poderá
cumprir o seu propósito.**

– Robb D. Thompson





Eu Sou

Vocacionado?

Sempre quando pensamos ou conversamos a respeito do ministério de alguém, é muito comum que surja a seguinte pergunta: “Ele tem chamada?”. Nada pode ser pior do que alguém exercer um ministério cristão sem a certeza de que foi chamado para tal. Além de ser constrangedor à pessoa, é danoso também à própria vida da igreja. Portanto, é indispensável que haja a constatação real e convicta de uma chamada, pois confere autoridade a quem exerce o ministério e traz benefícios inestimáveis ao corpo de Cristo.

Por que uma chamada precisa ser confirmada? Como é possível identificar uma verdadeira chamada na vida de alguém? Quem está habilitado a identificar? Qual deve ser o padrão de referência que efetivamente valida uma chamada?

Antes de articularmos as respostas a essas e algumas outras perguntas, consideremos as palavras do pastor James M. George:

O chamado de Deus para o ministério vocacional é diferente do chamado à salvação e do chamado que atinge todos os crentes: o serviço. Trata-se de uma convocação de homens selecionados para servir como líderes da igreja. Os destinatários desse chamado precisam ter a certeza de que Deus assim os escolhe para liderar. A concretização desse fato repousa sobre quatro critérios, o primeiro dos quais é uma confirmação deste chamado por outras pessoas e por Deus, pelas circunstâncias através das quais Ele providencia um lugar para o ministério. O segundo critério é a posse das habilidades necessárias ao serviço em posições de liderança. O terceiro consiste em um profundo desejo de servir no ministério. A qualificação final é um estilo de vida caracterizado por integridade moral. Um homem que preencha esses quatro requisitos pode descansar na certeza de que Deus o chamou para a liderança cristã vocacionada.

(MACARTHUR, JR, 1998, p. 115).

Abordamos essas palavras por estarem de acordo com a forma com que temos refletido neste livro sobre vocação e chamada em suas formas de manifestação e confirmação. Mas, além disso, ao discorrer sobre uma verdadeira chamada, George nos dá enfoques elementares para esse assunto e esclarece pontos centrais: 1) todo cristão é chamado a servir em algum nível; 2) o padrão de chamada à salvação é igual para todos, por meio do evangelho; 3) possuir uma vocação é ter recebido de Deus uma chamada específica; 4) há padrões preestabelecidos por Deus em sua Palavra para aqueles que foram chamados ao ministério cristão; 5) quando chama alguém para um ministério específico, Deus já possui o lugar adequado para o seu exercício.

O Chamado e sua Confirmação

É de nosso conhecimento que a vocação possui aspectos mais internos, enquanto a chamada diz respeito à manifestação externa que se dá na realidade e em favor da igreja. Sabemos também que é indispensável que o vocacionado tenha a sua chamada confirmada por Deus diante dos homens. E é exatamente nesse ponto que surge uma questão central: Por que é necessário que uma vocação seja confirmada?

A confirmação da vocação: diante dos homens

Com a intenção de responder à pergunta por que é necessário que uma vocação seja confirmada?, escolho usar o exemplo de Paulo dando ênfase a partes específicas que se enquadram em nossa análise e que servirão como base para a nossa resposta.

Reconheço, contudo, que existem outros personagens bíblicos que poderiam ocupar esse espaço, servindo-nos como base em nossa reflexão; porém, considero que nenhum outro sofreu tanto para evidenciar a origem divina de sua chamada como Paulo, e, por isso, o usaremos como ponto de partida tencionando extrair algumas lições.

É praticamente impossível encontrar em nossos círculos evangélicos alguém que questione a autenticidade do ministério e do apostolado de Paulo. Mas isso nem sempre foi assim. Na verdade, em seus dias, ele teve de lutar, investindo muito de suas energias para defender-se de falsas acusações daqueles que questionavam sua chamada.

A confirmação da vocação: a iniciativa de Deus

Embora Paulo fosse bem intencionado e, em sua visão, estivesse ocupado de um serviço a Deus (Fp 3.6), quando teve o encontro com Jesus não foi por sua própria iniciativa, mas do próprio Senhor. Ele fora chamado simultaneamente para a salvação e para o ministério, isto é, não houve um processo de tempo até que ele fosse comunicado a respeito do plano de Deus para sua vida (At 9). Diante disso, podemos compreender que a vocação de Paulo tem as suas raízes firmadas no próprio Deus. Aliás, sempre que necessário, ele voltava-se ao episódio de Damasco, objetivando confirmar o próprio Senhor como fonte de sua chamada (1 Co 9.1; 15.8; 2 Co 4.6; Gl 1.12-16; Fp 3.4b-11).

Nessa perspectiva, em seu argumento Paulo insistia de que havia estado com o Senhor Jesus e que dEle próprio recebera todas as instruções, assim como o evangelho. Sua convicção estava arraigada a ponto de levá-lo às últimas consequências, quando nivelou a sua vocação às mesmas condições dos profetas Jeremias e Isaías, além de dizer que fora escolhido para que Cristo fosse revelado por meio dele:

A mim me veio, pois, a palavra do Senhor, dizendo: Antes que eu te formasse no ventre materno, eu te conheci, e, antes que saíesses da madre, te consagrei, e te

constituí profeta às nações. (Jr 1.4-5, ARA)

Mas agora diz o Senhor, que me formou desde o ventre para ser seu servo, para que torne a trazer Jacó e para reunir Israel a ele, porque eu sou glorificado perante o Senhor, e o meu Deus é a minha força. (Is 49.5, ARA)

Quando, porém, ao que me separou antes de eu nascer e me chamou pela sua graça, aprouve revelar seu Filho em mim, para que eu o pregasse entre os gentios, sem detença, não consultei carne e sangue, nem subi a Jerusalém para os que já eram apóstolos antes de mim, mas parti para as regiões da Arábia e voltei, outra vez, para Damasco. (Gl 1.15-17, ARA)

Essa insistência de Paulo em reafirmar que sua chamada era genuinamente divina pode soar aos nossos ouvidos como pretensão, arrogância, presunção ou coisas dessa natureza. Contudo, o apóstolo se defende dessa forma por motivos e objetivos bem definidos que precisam ser considerados. Fazendo isso, não somente seremos justos com a interpretação do texto sagrado, bem como chegaremos à nossa conclusão sobre a importância da confirmação de uma chamada, respondendo assim à questão levantada.

Observemos que Paulo não apresentava a si mesmo como forma de promover-se, mas como defesa aos ataques de pessoas com más intenções.

Em texto algum Paulo se refere espontaneamente ao evento de Damasco; são sempre seus adversários que o obrigam a fazê-lo. Nesse sentido, todos os textos permitem perceber que o evento de Damasco deve ser interpretado de modo cristológico-soteriológico e que ele tem seu centro no reconhecimento esmagador da pertença de Jesus Cristo a Deus e na vocação de Paulo como apóstolo. Paulo deriva de Damasco o direito de pertencer ao círculo definido e localmente fixado dos apóstolos primordiais hierosolimitanos, embora ele fosse na realidade um apóstolo itinerante. Ao longo de toda sua vida, a legitimidade de

seu apostolado foi contestada ou negada; ele não conheceu o Jesus-histórico, recorreu a uma revelação e vocação proféticas e atuava efetivamente como um doutor da lei que missionava: “Portanto, visto em conjunto, é o oposto daquilo que até então era chamado de apóstolo”. (SCHNELLE, 2010, p. 107)

Perceba que, assim como a forma e o momento em que Paulo foi chamado foram diferentes, o perfil e o público-alvo também o foram, e isso demonstra, sobretudo, a soberania de Deus e o fato de que Ele trabalha livre de qualquer imposição humana.

É ainda digno de nota que, a partir da análise de Schnelle (2010), Paulo enfrentou diversos ataques quanto à origem e veracidade de seu chamado, forçando-o a defender-se, pois ele sabia perfeitamente que a saúde espiritual da igreja dependia da forma como esse problema terminaria.

Segundo F. F. Bruce:

Na mente de Paulo, esses argumentos não afetavam tanto sua posição pessoal quanto a verdade do evangelho e a natureza da igreja. Se seu ministério tinha o carimbo de aprovação de Deus, se a igreja em Corinto era o sinal do seu apostolado, então a oposição desses intrusos não era só a ele mas também ao Senhor que o comissionara, ao Espírito que o capacitava, e ao evangelho que ele proclamava; portanto, eles tinham “outro Jesus”, [...] espírito diferente, [...] evangelho diferente (II Co 11.4). (BRUCE, 2003, p. 268)

Rejeitar o ministério de Paulo e as suas evidências (como a igreja que estava em Corinto) não era rejeitar o apóstolo em si, mas a quem Ele que o chamou e deu o crescimento àquela igreja (1 Co 3.6).

Diante disso, podemos afirmar que receber a algum enviado de Deus é o mesmo que receber a quem Ele que o enviou, assim como quem rejeita ao seu enviado rejeita

ao próprio Deus (Mt 25.40,45).

Os adversários de Paulo sabiam que se conseguissem destruir a autoridade divina de seu apostólico ministério, conseqüentemente, todas as verdades por ele ensinadas estariam comprometidas, resultando na destruição das bases da fé da própria igreja. A partir dessa constatação, é possível identificar a real e mais profunda motivação de Paulo quando defendia a autenticidade do seu ministério: ele estava salvaguardando a verdade da parte de Deus por ele ensinada.

No que se refere a essa questão, aprecio e compartilho a explicação dada pelo professor Stanley M. Horton em sua exposição das cartas de 1 e 2 Coríntios, na Série Comentários Bíblicos, publicada pela CPAD: “Embora Paulo rejeitasse a maneira de seus oponentes se recomendarem, ele ‘é forçado a se recomendar’ por causa da verdade” (STANLEY, 2003, p. 201).

Paulo não tinha o objetivo de defender-se, nem mesmo de perpetuar o seu nome; pelo contrário, sua preocupação residia no fato de que somente a verdade de Deus é capaz de salvar o pecador e sustentar a igreja de Cristo. Desse modo, questionar a fonte de quem a prega e a ensina pode comprometer a sua aceitação. Na verdade, o apóstolo tinha propósitos mais excelentes além de simplesmente se manter influente como pessoa. Somente alguém com uma resolução interna como essa pode dizer: “De maneira que em nós opera a morte, mas em vós, a vida” (2 Co 4.12).

Sendo assim, ao insistir que seu chamado era divino, Paulo tinha como motivação combater aos ataques dos seus adversários, e como objetivo, defender a verdade por ele ensinada e pregada, pois era a garantia de saúde espiritual da igreja, e o poder para salvar aqueles que creem.

O que Confirma uma Verdadeira Vocação?

Na seção anterior, ressaltamos a importância da confirmação de uma vocação ministerial. Mas, afinal, o que realmente é capaz de confirmar essa vocação?

Inicialmente, nós nos voltaremos para o Antigo Testamento e nos apropriaremos do exemplo dos profetas com o objetivo de destacar o que comprovava esse

importante ministério veterotestamentário. De forma direta, o que caracterizava um verdadeiro profeta não eram os seus sonhos ou visões, mas a sua vocação, ou ainda, quem o designou para que fizesse o que fazia.

Em toda a Bíblia, temos inúmeros exemplos de pessoas que tiveram sonhos e visões, mas nunca foram chamados de profeta. Seguem-se alguns exemplos:

Jacó foi um importante patriarca, teve sonhos reais da parte do Senhor, mas não é chamado de profeta (Gn 31.11-13);

Labão teve sonhos da parte de Deus, mas não foi profeta (Gn 31.24);

Abimeleque também teve sonhos, mas não foi profeta (Gn 20.2-3);

Faraó teve sonhos e, como bem sabemos, não foi profeta (Gn 41.1-3);

José foi íntegro diante de Deus, exerceu grande influência e importância na história do povo de Deus, teve sonhos, mas nem por isso foi chamado profeta (Gn 37.19; 37.5-11; 40.5-23; 41);

O soldado de Midiã teve sonho da parte de Deus, mas também não foi tido como profeta (Jz 7.13-15);

Nabucodonosor teve sonhos, e não era profeta de Deus (Dn 2.1-49);

No Novo Testamento, José (marido de Maria, mãe de Jesus) teve sonhos da parte de Deus, mas também não foi profeta (Mt 1.20; 2.12-13,19-20);

A mulher de Pilatos teve sonhos, mas não era profetisa (Mt 27.19).

Nem mesmo sonhos ou profecias cumpridas, e até mesmo sinais ou prodígios, podem ser considerados como evidências de uma verdadeira chamada divina. Por exemplo:

Antigo Testamento (Dt 13.1-3)

Novo Testamento (Ap 13.11-15)

Evidentemente, os sonhos, as visões e a operação de milagres sempre acompanharam não somente os profetas, mas também os apóstolos, e embora eu creia na contemporaneidade dos dons espirituais e das manifestações sobrenaturais, e que elas podem acompanhar o ministério de alguém, todavia,

não tenho como afirmar que elas servem como provas cabais para a confirmação desse ministério como genuinamente divino. Quanto a isso, podemos relacionar três razões básicas: 1) essas manifestações podem ocorrer por meio de pessoas que não têm uma vocação ministerial; 2) existem personagens bíblicos que, embora tenham tido uma chamada confirmada, nunca operaram um milagre; 3) há aqueles que foram identificados e confirmados como verdadeiros homens de Deus, sem, contudo nenhum sinal visível.

Santo Homem de Deus

Depois de um tempo de convivência com a família de uma mulher que a Bíblia priva-se de mencionar o seu nome, e que é identificada como a “a mulher sunamita”, o profeta Eliseu foi por ela reconhecido quando esta disse a seu marido da seguinte forma: “[...] Eis que tenho observado que este que passa sempre por nós é um santo homem de Deus” (2 Rs 4.9).

Quero chamar a sua atenção para o fato de que, até esse momento, não havia ocorrido nenhum milagre, Eliseu não tinha entregado nenhuma mensagem profética, ou seja, nada de extraordinário havia acontecido. É verdade que, mais tarde, dois grandes milagres ocorreriam: 1) aquela mulher que não podia ser mãe, viria a dar à luz um filho (vv. 15-17); 2) aos doze anos, esse filho morreria e seria ressuscitado através do ministério do profeta Eliseu (vv. 18-37); porém, o testemunho da mulher sobre a genuinidade do ministério profético de Eliseu ocorreu por outras razões que não foram sobrenaturais, mas única e exclusivamente pelas manifestações da conduta de vida do profeta.

Mais do que simplesmente homem de Deus, Eliseu era reconhecido como um santo homem de Deus. Estamos assim diante de uma extraordinária e real lição: antes de ser para as pessoas é preciso ser para Deus. As evidências disso vão além de manifestações miraculosas.

Nenhum milagre, mas confirmado por Deus

Leiamos o texto bíblico de João 10.40-42:

E retirou-se outra vez para além do Jordão, para o lugar onde João tinha primeiramente batizado, e ali ficou. E muitos iam ter com ele e diziam: Na verdade, João não fez sinal algum, mas tudo quanto João disse deste era verdade. E muitos ali creram nele.

Dentre os que conhecem e creem nas Escrituras, quem duvidaria da grandeza, importância e, principalmente, autenticidade do ministério de João Batista? Mas, afinal, sobre quais evidências firmamos nossa convicção de que ele foi, realmente, chamado pelo próprio Deus?

Conforme o texto apresentado, João Batista não operou nenhum milagre, seu ministério não foi marcado por nenhum grande sinal extraordinário. De toda a sua trajetória, somos biblicamente informados acerca de dois acontecimentos que podem ser classificados como sobrenaturais, conforme lemos:

E, naqueles dias, levantando-se Maria, foi apressada às montanhas, a uma cidade de Judá, e entrou em casa de Zacarias e saudou a Isabel. E aconteceu que, ao ouvir Isabel a saudação de Maria, a criancinha saltou no seu ventre; e Isabel foi cheia do Espírito Santo. (Lc 1.39-41)

Então, veio Jesus da Galileia ter com João junto do Jordão, para ser batizado por ele. Mas João opunha-se-lhe, dizendo: Eu careço de ser batizado por ti, e vens tu a mim? Jesus, porém, respondendo, disse-lhe: Deixa por agora, porque assim nos convém cumprir toda a justiça. Então, ele o permitiu. E, sendo Jesus batizado, saiu logo da água, e eis que se lhe abriram os céus, e viu o Espírito de Deus descendo como pomba e vindo sobre ele. E eis que uma voz dos céus dizia:

Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo. (Mt 3.13-17)

De fato, são dois acontecimentos extraordinários. No entanto, o primeiro aconteceu dentro de uma realidade muito íntima, pessoal e restrita, enquanto o segundo se deu em relação a Jesus, visando apresentá-lo e confirmá-lo como o Messias, e não em relação ao ministério de João. Sendo assim, definitivamente, podemos assinalar que o que confirmou o ministério de João não foi nenhum sinal miraculoso ou extraordinário.

Embora tenha apontado para Jesus como o Salvador e aquele que batizaria com fogo (Mt 3.11-12), não podemos dizer que suas previsões foram marcadas por sinais apocalípticos ou coisas dessa natureza, mesmo porque, Ele próprio era o cumprimento de algo previsto, ou seja, de uma profecia (Is 40.3; Jo 1.23); sua mensagem tinha um caráter exortativo (Mt 3.7-10), que visava apresentar o Messias (Lc 3.4-6) e conscientizar o povo de seus pecados e da salvação providenciada por Deus (Lc 1.77).

Então, o que evidenciou e confirmou a chamada de João como sendo de Deus? Em busca dessa resposta, destacaremos três evidências, oriundas da mesma natureza e que confirmam de forma inquestionável que João era verdadeiramente vocacionado por Deus para o ministério que cumpriu.

I. O testemunho da história

Além de ter sido anunciado pelo profeta Isaías, devemos ainda considerar que João Batista tem ao seu lado a própria história. Quando utilizo o termo história, tenho em mente mais do que simplesmente fatos históricos, mas refiro-me principalmente à seguinte verdade bíblica:

Pois ele será grande diante do Senhor, não beberá vinho nem bebida forte, será cheio do Espírito Santo, já do ventre materno. E converterá muitos dos filhos de Israel ao Senhor, seu Deus. E irá adiante do Senhor no espírito e poder de Elias,

para converter os corações dos pais aos filhos, converter os desobedientes à prudência dos justos e habilitar para o Senhor um povo preparado. (Lc 1.15-17, ARA, grifo do autor).

Perceba que João Batista foi prometido como sendo aquele que viria no “espírito e poder de Elias”. Tal identificação requer de nós um entendimento correto sobre essa verdade. Todos nós sabemos que Elias é o grande representante dos profetas. Isso pode ser percebido quando ele (representando os profetas) e Moisés (representando a Lei) apareceram a Jesus no monte da transfiguração (Mt 17.1-9).

Sendo assim, ao afirmar que João viria no “espírito de Elias”, o anjo estava dizendo que ele viria na linhagem real dos profetas, que não seria um aventureiro, mas que seria a continuidade da história. Portanto, esta é, sem dúvida, uma confirmação da fonte da chamada de João.

II. O título a ele dado

Tu, menino, serás chamado profeta do Altíssimo, porque precederás o Senhor, preparando-lhe os caminhos, para dar ao seu povo conhecimento da salvação, no redimi-lo dos seus pecados, graças à entranhável misericórdia de nosso Deus, pela qual nos visitará o sol nascente das alturas, para alumiar os que jazem nas trevas e na sombra da morte, e dirigir os nossos pés pelo caminho da paz. (Lc 1.76-79, ARA)

Ao lermos o texto acima, temos diante de nós a grande notícia de que Deus estava se movendo em direção à humanidade, para cumprir o seu propósito redentor, por meio de Jesus Cristo, o seu Filho. No entanto, é digno de nota que Deus não somente inseriu João nesse contexto como também comunicou os detalhes acerca disso.

Algo significativo a ser também destacado é o título conferido a João, “profeta

do Altíssimo”, principalmente quando comparado ao que é dito sobre Jesus: “Este será grande e será chamado Filho do Altíssimo; e o Senhor Deus lhe dará o trono de Davi, seu pai” (Lc 1.32).

A semelhança aqui não é mera coincidência; pelo contrário, trata-se de um título que aponta para João não somente como profeta, mas como mensageiro do Senhor (Ml 3.1; 4.5; Is 40.3). Ele seria como aquele que vai à frente, anunciando e preparando tudo o que for necessário para a vinda do soberano, e, nesse caso, tratava-se dos preparativos para o que Deus faria por meio de Cristo.

Ao receber o título de “profeta do Altíssimo”, João estava sendo investido de uma autoridade que tem como fonte o próprio “Filho do Altíssimo”, isto é, o próprio Deus. E quem questionaria isso como confirmação de uma chamada verdadeiramente divina?

III. O testemunho do próprio Senhor Jesus

Além dos testemunhos citados, há ainda outro testemunho extremamente importante: o do próprio Cristo. A missão de João, conforme temos visto, consistiu em apontar Jesus como Messias, preparando o seu caminho por meio do ministério da pregação; todavia, encontramos Jesus falando de João, validando seu ministério e confirmando a grandeza de sua vocação, como vemos no texto a seguir

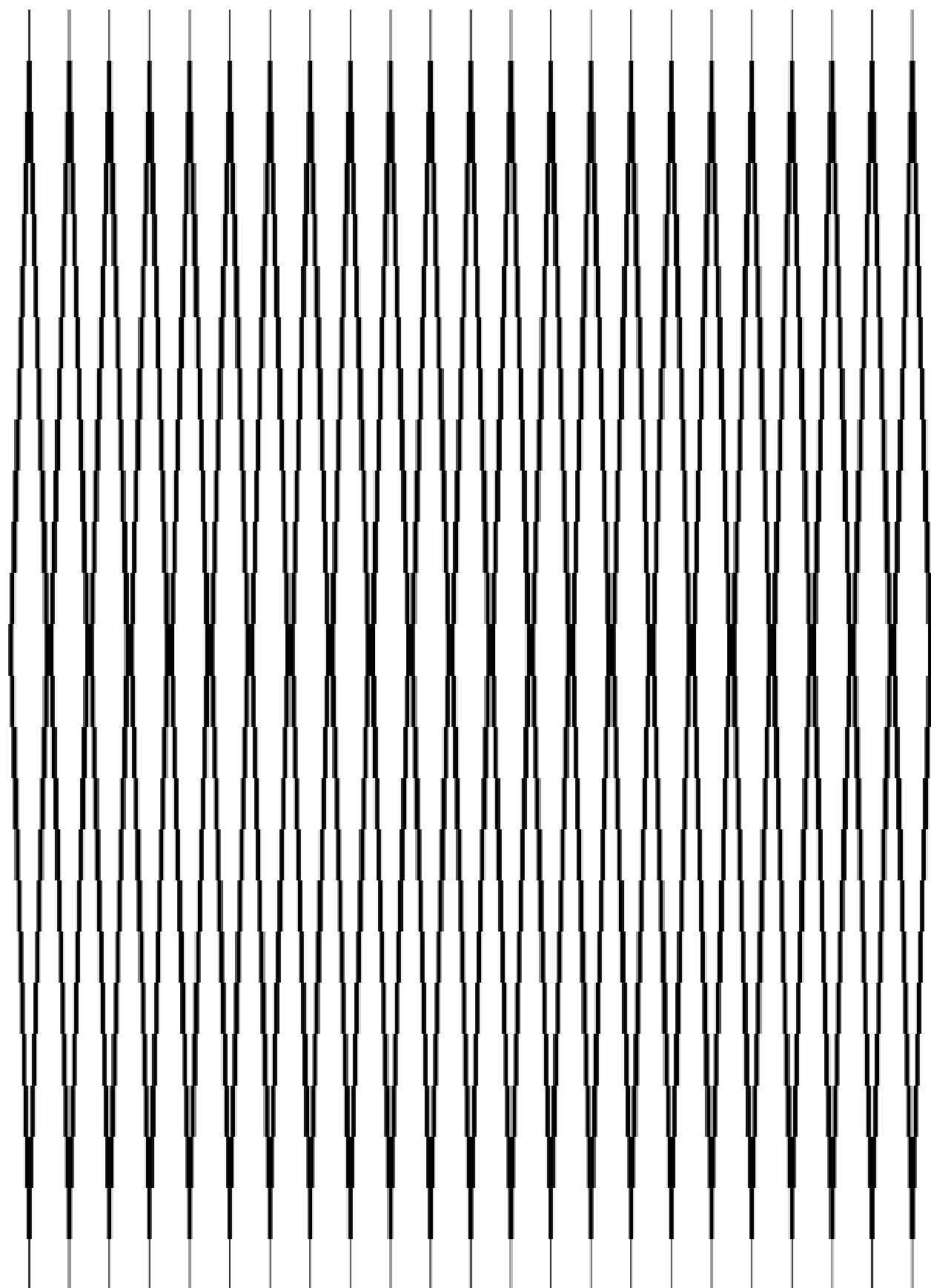
Então, em partindo eles, passou Jesus a dizer ao povo a respeito de João: Que saístes a ver no deserto? Um caniço agitado pelo vento? Sim, que saístes a ver? Um homem vestido de roupas finas? Ora, os que vestem roupas finas assistem nos palácios reais. Mas para que saístes? Para ver um profeta? Sim, eu vos digo, e muito mais que profeta. Este é de quem está escrito: Eis aí eu envio diante da tua face o meu mensageiro, o qual preparará o teu caminho diante de ti. Em verdade vos digo: entre os nascidos de mulher, ninguém apareceu maior do que João Batista; mas o menor no reino dos céus é maior do que ele. (Mt 11.7-11, ARA)

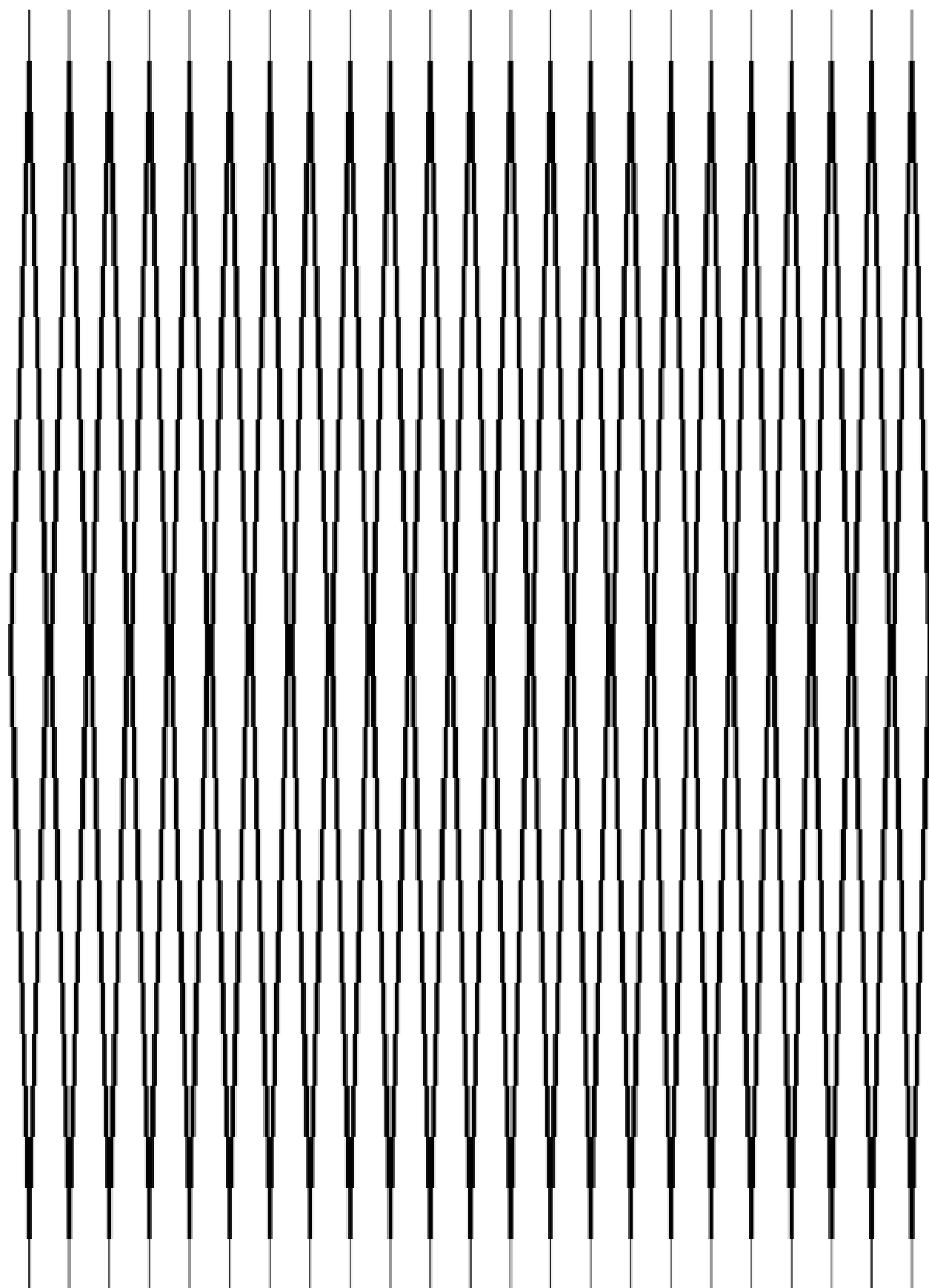
As palavras de Jesus são relevantes não somente pelo que é falado em si, mas principalmente pelo fato de quem está falando. Jesus está afirmando às pessoas que, somente em João, no deserto, poderiam encontrar o que encontraram, pelo simples fato de ser ele o que o Mestre disse que ele foi: “mais que profeta”. Essa declaração reafirma que a vocação de João Batista tinha em Deus a sua origem e estava sendo endossada pelo Senhor Jesus.

Sendo assim, fica claro que, não obstante João não tenha realizado um milagre, o seu ministério é confirmado por Deus. Isso nos ensina a grande lição de que a confirmação de um ministério depende de sua fonte e natureza, e que, sendo de Deus, a seu tempo e pelos métodos estabelecidos pelo próprio, virá a ser confirmado.

A verdade está no íntimo: nós temos de viver interiormente o que professamos. A verdade é social: nós temos de compartilhar com os outros o que pregamos. As estatísticas são uma farsa. A popularidade é apenas uma cortina de fumaça. Tudo o que importa é Deus.

– Eugene Peterson





As Evidências de uma Vocação

Reservei para este último capítulo aquilo que é a manifestação visível de uma verdadeira vocação, ou seja, que evidencia que alguém verdadeiramente é chamado por Deus. A palavra “crise” tem definido o nosso tempo, e tem atingido basicamente todas as áreas da vida humana, inclusive o exercício da liderança, não somente secular, mas também – em alguma medida – a cristã.

Infelizmente, para muitos, a integridade moral não tem sido um requisito ou exigência para o exercício ministerial, sendo substituída pelo talento que tem sido celebrado no altar da idolatria, ou seja, no coração de muitas pessoas. Na busca desenfreada por resultados, quase nunca se poderá respaldar em princípios bíblicos para estabelecer métodos e escolher pessoas para o exercício ministerial, contanto que o que será realizado tenha êxito, e ao final possam dizer que “foi um sucesso”.

Por essa e outras razões, temos visto e presenciado, com tristeza, grandes escândalos que minam as bases da fé de muitos, ofuscam a visão de outros, além de enfraquecer os argumentos daqueles que ainda, pela graça de Deus, têm lutado para buscar manter-se nos padrões bíblicos de evidência de uma verdadeira chamada.

No entanto, devemos continuar crendo que a seara é do Senhor, e que Ele é soberano e tem a história sob o seu controle, e, por isso, continua e continuará levantando pessoas comprometidas, que têm sido preservadas para um tempo especial, que Ele mesmo tem designado.

O pastor George J. Zemek (1998) abordando sobre a importância do “Exemplo” no ministério de liderança cristã, trata desse assunto colocando-o como originário no próprio Deus, pois, de acordo com a sua exposição, o homem foi feito com a finalidade de expressar o caráter de Deus. Por isso, aqueles que possuem um chamado para serem identificados como homens de Deus devem prezar por um modelo que dignifique ao Senhor que os chamou, e que sirva de

padrão aos seus liderados.

Para Zemek,

Uma parte comumente negligenciada na liderança da igreja local é o meio de prover um estilo de vida exemplar a ser seguido pelo rebanho. O uso de modelos tem sua origem na criação do homem à imagem de Deus, mas por causa da queda e da nova criação do homem em Cristo, tal fato assume renovada importância. O uso que o Novo Testamento faz dos termos (tipos, “tipo”) e (mimetes “imitador”) e seus cognatos dá uma boa ideia da responsabilidade de os líderes da igreja viverem como bons exemplos morais diante dos liderados. Somente quando isso ocorre, o ministério pastoral preenche os padrões bíblicos desse ofício. (ZERNEK, 1998, p. 273)

Como temos visto até aqui, ter e cumprir um chamado divino implica ter responsabilidades diante de Deus e dos homens. Isso precisa estar aceso na mente e no coração do vocacionado. No entanto, devemos lembrar também que isso não quer dizer que, por ter um ministério, a pessoa pertence a uma elite cristã; muito pelo contrário, as exigências a um vocacionado são basicamente as mesmas a todos os crentes em Jesus Cristo.

Leiamos e comparemos os seguintes textos bíblicos:

Fiel é a palavra: se alguém aspira ao episcopado, excelente obra almeja. É necessário, portanto, que o bispo seja irrepreensível, esposo de uma só mulher, temperante, sóbrio, modesto, hospitaleiro, apto para ensinar; não dado ao vinho, não violento, porém cordato, inimigo de contendas, não avaro; e que governe bem a própria casa, criando os filhos sob disciplina, com todo o respeito (pois, se alguém não sabe governar a própria casa, como cuidará da igreja de Deus?); não seja neófito, para não suceder que se ensoberbeça e incorra na condenação do diabo. Pelo contrário, é necessário que ele tenha bom testemunho dos de fora, a fim de não cair no opróbrio e no laço do diabo. (1 Tm

3.1-7, ARA)

E não vos embriagueis com vinho, no qual há dissolução, mas enchei-vos do Espírito [...]. As mulheres sejam submissas ao seu próprio marido, como ao Senhor; porque o marido é o cabeça da mulher, como também Cristo é o cabeça da Igreja, sendo este mesmo o salvador do corpo. [...] Maridos, amai vossa mulher, como também Cristo amou a Igreja e a si mesmo se entregou por ela [...] Assim também os maridos devem amar a sua mulher como ao próprio corpo. Quem ama a esposa a si mesmo se ama. [...] Não obstante, vós, cada um de per si também ame a própria esposa como a si mesmo, e a esposa respeite ao marido. Filhos, obedecei a vossos pais no Senhor, pois isto é justo. Honra a teu pai e a tua mãe (que é o primeiro mandamento com promessa), para que te vá bem, e sejas de longa vida sobre a terra. E vós, pais, não provoqueis vossos filhos à ira, mas criai-os na disciplina e na admoestação do Senhor. (Ef 5.18,22-23,28,33; 6.1-4, ARA)

Não negligencieis a hospitalidade, pois alguns, praticando-a, sem o saber acolheram anjos. (Hb 13.2, ARA)

Se traçarmos um paralelo entre esses textos, perceberemos que os princípios éticos e comportamentais são exatamente os mesmos. Por exemplo, quanto à dinâmica familiar, o padrão é o mesmo, não havendo distinção em absolutamente nada; no que diz respeito à hospitalidade, do mesmo modo, tanto o que tem um ministério específico como o que não o tem devem segui-la; a única diferença recai sobre os presbíteros, que devem ter duas qualidades a mais e que servem como critério e condição: 1) não pode ser neófito; 2) deve ser apto a ensinar.

Foquemos neste ponto: ser vocacionado não nos torna superiores em relação às outras pessoas, mas impõe a nós um padrão de vida que, em sua base é o mesmo para todo crente, contudo, em suas manifestações devem ser mais excelentes. Nesse caso, não somos vocacionado porque somos superiores; todavia, somos chamados para alcançar um padrão que sirva de referência a outras pessoas e que o mesmo esteja alinhado àquilo que ensinamos e, principalmente, glorifique

aquEle que nos chamou.

Antes de avançarmos, leiamos o que Dave Harvey tem a nos dizer sobre isso:

Então, alguém pode viver à altura destas qualificações para o ministério? Sim, porque a chamada de Deus produz graça! A chamada de Deus nunca é estéril; ela produz graça para realizar o propósito da chamada. O Chamador nos ordena que sejamos e nos dá poder para chegarmos lá. (HARVEY, 2013, p. 82)

As Marcas de uma Verdadeira Chamada

Deus não erra em suas escolhas! Deus não erra em suas semeaduras! Deus não erra em seus investimentos!

Escolhi abrir esta seção com essas sentenças para deixar claro que é Deus quem dá as condições necessárias a quem por Ele é chamado. Isso quer dizer que tudo vem dEle, está nEle e, ao final, é para Ele (Rm 11.36).

Enquanto refletimos sobre as qualidades necessárias à vida de quem possui e exerce uma chamada específica, é preciso muito cuidado para não confundirmos as virtudes operadas e geradas pelo Espírito Santo no homem com puro legalismo. A ação do Espírito Santo no interior do vocacionado produz frutos que têm finalidades espirituais, servindo como um fim a ser alcançado, e não um meio pelo qual se alcança o favor divino; já o legalismo implica o mero cumprimento de regras estabelecidas tendo como objetivo principal a aprovação de alguém ou de um grupo de pessoas.

Em toda a Bíblia, é possível ler e identificar o fato de que possuir um chamado divino implica possuir e desenvolver padrões espirituais, éticos, morais e intelectuais para cumpri-lo. Isso quer dizer que o vocacionado é também chamado a evidenciar características que o validam como tal. Sobre isso, o

pastor John MacArthur escreve:

A que distância estamos do padrão do Novo Testamento! Repare que em todas as listas de qualificações que o apóstolo Paulo apresentou aos líderes da igreja, a primeira e mais indispensável qualificação para homens em liderança era que eles fossem “inculpáveis” (I Tm 3.2,10; Tt 1.6,7). Paulo empregou uma palavra grega que significa “acima de repreensão” – inculpável, puro, irrepreensível. Literalmente, significa “não sujeito a nenhuma acusação”. É claro que o termo não fala de impecabilidade; ou ninguém estaria qualificado (I Jo 1.8)... Mas descreve uma pessoa cujo testemunho cristão é livre de manchas escandalosas – alguém que é reto, sadio em caráter e sem nenhuma marca moral séria. Simplesmente posto, significa que líderes têm de ter uma reputação de integridade inatacável. (MACARTHUR, 2009, p. 140)

O princípio exposto por MacArthur aplica-se tanto à liderança cristã (que é o seu alvo original), como também a qualquer outra área de atuação vocacional, de ordem cristã. Deus é o autor desse princípio, assim como é a fonte de toda vocação e ministério. Portanto, o padrão é o mesmo sempre.

Ter crédito é indispensável a todo vocacionado, caso contrário, todo trabalho será vão e sempre que falar suas palavras não terão efeito naqueles a quem fala. Ser ouvido pelas pessoas e ter crédito diante delas não é acidental e nem casual, mas fruto de uma vida e conduta ilibadas. Aliás, esta era a ênfase de Paulo a Timóteo e a Tito, sendo ainda assim para os vocacionados de hoje.

Um olhar além do espaço

Estamos inseridos numa sociedade pós-moderna, e isso implica muitos e variados desafios, principalmente diante dos fenômenos que caracterizam esta

época. Por exemplo, o hedonismo, que é a busca a qualquer preço pelo prazer e tem definido a prioridade da grande maioria, regulando, inclusive, os seus princípios normativos.

O respeitado sociólogo Sygmunt Bauman tratou sobre isso da seguinte forma:

[...] os homens e as mulheres pós-modernos trocaram um quinhão de suas possibilidades de segurança por um quinhão de felicidade. Os mal-estares da modernidade provinham de uma espécie de segurança que tolerava uma liberdade pequena demais na busca da felicidade individual. Os mal-estares da pós-modernidade provém de uma espécie de liberdade de procura do prazer que tolera uma segurança individual pequena demais. (BAUMAN, 1998, p. 10)

Na intenção de entender o que Bauman está querendo expor e, então, alinharmos isso ao nosso objetivo, é preciso lembrar que a modernidade exaltava a felicidade através de uma liberdade restrita, enquanto a pós-modernidade busca a liberdade (prazer) a qualquer custo, mesmo que isso implique a perda da segurança. Na verdade, o ponto de tensão entre esses dois momentos da história pode ser resumido na pergunta: “Liberdade sem segurança ou segurança sem liberdade?”.

Em um mundo pós-moderno, o prazer tem mais valor do que valores centrais, como segurança, padrão moral, vida sossegada, além de muitos outros. Esse fenômeno é tão sutil que, a menos que a igreja esteja alerta, ele é capaz de instalar-se nos meios cristãos com formas de “culto”, “doutrinas” e “fundamentos cristãos”; e, não somente isso, até mesmo aqueles que cumprem um ministério são suscetíveis a serem influenciados pela busca de interesses pessoais, priorizarem o que é passageiro em detrimento do que eterno.

Afinal, o que deve prevalecer no cumprimento de uma chamada: espaço ou tempo?

Não são poucos os que, em decorrência desse tempo, têm definido ministério de sucesso pelo espaço, isto é, pelo seu alcance geográfico ou numérico, em vez de

defini-lo assim com base no tempo, isto é, pela durabilidade de tal ministério e de seus resultados. Do que vale um ministério que em pouco tempo alcança o mundo todo, mas que, na mesma intensidade, já não existe mais e seus frutos não podem ser encontrados?

Quanto a essa questão, quero destacar as reflexões de dois importantes puritanos sobre a necessidade de pautarmos um ministério com vistas à durabilidade e não somente ao espaço geográfico. Daniel Dana disse que:

O verdadeiro ministro olha para além do tempo. Ele está cercado por seres imortais que se esquecem da sua imortalidade, com criaturas moribundas que vivem somente para este mundo; com pecadores que, inconscientes da sua culpa e depravação, negligenciam suas almas e o seu Salvador. O verdadeiro ministro vive menos para o presente do que para o futuro. Ele tem a eternidade em seus olhos. Ele vive e ele age, ele ora e ele prega para a eternidade. Assim é que há milhões de anos, sua vida e seus atos, seus sermões e suas preces podem ser lembrados por milhões de seres além dele próprio, com alegria ou angustia indizíveis. (MACDONALD, p.4)

Flavel afirmou:

As almas imortais e preciosas dos homens são a nós confiadas, almas a respeito das quais Deus ocupou os Seus pensamentos desde a eternidade, pelo propósito das quais Cristo derramou o Seu próprio sangue, pela vitória e pelas bodas Dele próprio com as quais Ele vos colocou no ofício, de cujas mãos ele também exigirá contas quanto a elas, no grande dia. (MACDONALD, p. 4)

Exercer um ministério verdadeiramente dado por Deus é estar envolvido com a

eternidade. É verdade, pregamos e servimos a homens, aliás, somos humanos dotados de todas as limitações conhecidas e desconhecidas por nós. No entanto, a vocação divina nos transporta para dentro do que Deus está realizando em um nível que está infinitamente além da nossa compreensão, e isso é obra exclusivamente da graça divina. Limitar algo dessa natureza a critérios humanos de avaliação como espaço geográfico e número é rebaixar algo que é de valor inestimável.

Quem questiona o alcance e a durabilidade do ministério do apóstolo Paulo? A verdade é que não há quem possa questionar com base a ponto de desconstruir tudo o que foi construído no Reino de Deus por esse homem.

Embora Paulo fosse apaixonado e intensamente envolvido com o avanço missionário, espaço e número não ocupavam o primeiro lugar em sua lista de prioridades, mesmo porque ele encontrava-se preso quando escreveu importantes cartas como Filemom, Filipenses, Colossenses, Efésios, 2 Timóteo. Além disso, devemos considerar também que a primeira carta que escreveu a Timóteo se deu entre sua primeira e a segunda prisão em Roma, enquanto as demais foram escritas em contextos semelhantes e de perseguição que buscavam limitá-lo, principalmente em questões geográficas e numéricas.

Não obstante essas limitações, e a própria limitação de sua vida física que foi ceifada, os frutos de seu trabalho perpassam os tempos, as eras e as gerações, chegando até a nós e influenciando-nos positivamente. Portanto, tenhamos como objetivo a durabilidade de nossa vocação e de seus frutos, ainda que o seu alcance geográfico e numérico esteja aquém daquele que tem sido o padrão de sucesso em nossos dias. Afinal, a última palavra sempre será daquele que nos chamou, e, para Ele, mais importante que o sucesso é a fidelidade.

Encerro esta parte citando a brilhante e precisa definição do pastor John MacArthur (2009) sobre a atual tendência de medir o sucesso de um ministério sob uma perspectiva humana, bem como a estratégia para vencê-la:

É um engano sério para cristãos em posições de liderança terem mais interesse com o que é atualmente popular no mundo empresarial do que com o que nosso Senhor ensinou sobre liderança. Estou convencido de que os princípios de

liderança que ele ensinou são essenciais ao sucesso autêntico em campos espirituais e seculares. E só porque uma técnica de liderança parece “funcionar” efetivamente em um ambiente incorporado ou político não significa que deva ser abraçada inquestionavelmente por cristãos. (MACARTHUR, 2009, p. 9)

Semelhança com Cristo

Dave Harvey cita um texto de Joel Nederhood, que afirmou:

O pastor contemporâneo é realmente nada mais do que um membro comum da igreja de Jesus Cristo, um membro que é chamado a expressar a natureza de Cristo como um ‘homem de Deus’ em um grau especialmente elevado. (HARVEY, 2013, p. 80)

Escolhi abrir esta seção com essa reflexão pela parte que aponta para aquilo que considero ser o maior objetivo de todo trabalho ministerial, de toda vocação cristã: “expressar a natureza de Cristo”. Cumprir isso é ter tido sucesso ministerial, por outro lado, não alcançar esse alvo é ter um ministério fracassado, ainda que muitos digam o contrário.

Naturalmente, Cristo é muito mais do que um modelo a ser seguido. Contudo, devemos ter em alta estima o fato de que, se desejamos agradar a Deus efetivamente, precisamos estar com os olhos fitos em Cristo, que nos serve também como referência para um ministério aprovado por Deus. Afinal, Ele pôde encerrar o seu ministério terreno dizendo “Está consumado” (Jo 19.30), que, dentre outras coisas, quer dizer: “o que Eu vim fazer, foi feito, e com perfeição”.

Na mesma direção

Assemelhar-se a Cristo quanto ao exercício ministerial é caminhar na mesma direção que Ele e implica possuir a mesma motivação (obediência irrestrita), utilizar o mesmo método (pregação e ensino da Palavra como base de tudo) e ter o mesmo propósito (a glória de Deus). Entretanto, ao contrário do que muitos pensam, alinhar-se a Cristo quanto a essas questões não se trata de uma tarefa simples; prova disso é o número inexpressivo daqueles que assim o fazem.

Mais uma vez nos deparamos com a distância entre os vocacionados e quem vocaciona, e mais uma vez, somos desafiados a nos aproximarmos dEle para que possamos ser aperfeiçoados para melhor servi-lo em sua obra. Devemos olhar para Cristo e nos aproximar dEle com o objetivo de sermos tratados e moldados à sua imagem, o que resultará também em um ministério capaz de refletir a sua própria natureza.

O Espírito do Senhor é sobre mim, pois que me ungiu para evangelizar os pobres, enviou-me a curar os quebrantados do coração, a apregoar liberdade aos cativos, a dar vista aos cegos, a pôr em liberdade os oprimidos, a anunciar o ano aceitável do Senhor. (Lc 4.18-19)

Essas palavras de Jesus não somente confirmam sua divindade e missão, como também apontam para a direção que Ele exerceu o seu ministério. Observe que, logo após informar que havia sido ungido pelo Espírito Santo, o Senhor utiliza-se da palavra “para”, que indica “objetivo”, “propósito”, “direção” e “finalidade”, ensinando-nos algumas lições, tais como: 1) a unção estava nEle, mas não era para Ele; 2) Ele sempre trabalhou em favor dos outros, e nunca para si mesmo.

Um vocacionado que não tem ou perdeu o senso de direção de seu ministério, deixando de ter em mente seu propósito e objetivo, fatalmente será enganado

sendo levado a negociar princípios inegociáveis. Por essa razão, Jesus sempre teve em mente a quem Ele foi enviado, o motivo pelo qual Ele havia sido ungido e qual direção Ele deveria tomar enquanto exercia o seu ministério aqui na terra. Todavia, essa convicção de Jesus não o isentou de ser tentado a desviar-se da direção estabelecida pelo Pai:

Jesus, cheio do Espírito Santo, voltou do Jordão e foi guiado pelo mesmo Espírito, no deserto, durante quarenta dias, sendo tentado pelo diabo. Nada comeu naqueles dias, ao fim dos quais teve fome. Disse-lhe, então, o diabo: Se és o Filho de Deus, manda que esta pedra se transforme em pão. Mas Jesus lhe respondeu: Está escrito: Não só de pão viverá o homem. E, elevando-o, mostrou-lhe, num momento, todos os reinos do mundo. Disse-lhe o diabo: Dar-te-ei toda esta autoridade e a glória destes reinos, porque ela me foi entregue, e a dou a quem eu quiser. Portanto, se prostrado me adorares, toda será tua. Mas Jesus lhe respondeu: Está escrito: Ao Senhor, teu Deus, adorarás e só a ele darás culto. Então, o levou a Jerusalém, e o colocou sobre o pináculo do templo, e disse: Se és o Filho de Deus, atira-te daqui abaixo: porque está escrito: Aos seus anjos ordenará a teu respeito que te guardem; e: Eles te sustentarão nas suas mãos, para não tropecares nalguma pedra. Respondeu-lhe Jesus: Dito está: Não tentarás o Senhor, teu Deus. Passadas que foram as tentações de toda sorte, apartou-se dele o diabo, até momento oportuno. (Lc 4.1-13, ARA)

É evidente que há muitas lições a serem extraídas desse importante acontecimento que envolveu Jesus e o Diabo. No entanto, cumprindo o nosso propósito, devemos observar algumas lições deixadas por Jesus quanto à firmeza de sua direção e de seu objetivo, bem como a grande estratégia do adversário ao tentá-lo. Vejamos, separadamente, algumas dessas lições:

Abrindo mão de direitos por uma causa maior

O Espírito Santo conduziu Jesus ao deserto para ser tentado pelo Diabo (vv. 1-2);

durante quarenta dias o Senhor Jesus esteve em jejum diante do Pai (v. 2) e, ao final disso, foi tentado de forma específica (v. 3). Não há dúvida de que, para alguém que esteve quarenta dias jejuando, comer trata-se não somente de necessidade como também de direito. Sendo assim, qual o problema em Jesus seguir a indicação do Diabo quando recomendou a Ele que transformasse aquela pedra em pão?

Contudo, por trás de uma proposta legítima do diabo, havia uma intenção maligna de levar Cristo a utilizar-se do seu poder em benefício próprio. Isso fica claro nas palavras “se és o Filho de Deus”. Isso iria contra o propósito maior de Jesus no exercício de sua missão, pois Ele havia acabado de apontar para a direção e o propósito do seu ministério: servir aos outros, e não a si mesmo.

Posicionando-se como servo

Depois de tentar levar Jesus a beneficiar-se por meio de suas prerrogativas divinas e de ter sido vencido, o Diabo levou Jesus a ver o que ele chamou de seu reino e o ofereceu em troca de ser adorado. A promessa feita a Jesus era de colocá-lo em posição de domínio e destaque sobre os demais, o que também contrariaria e confrontaria diretamente o espírito e o propósito do seu ministério, que sempre esteve fundamentado no serviço aos outros.

Dizendo não à autopromoção

O Diabo sabia das promessas feitas a Jesus como Filho de Deus, inclusive a de Salmos 91.11-12, de que os anjos o guardariam e protegeriam. Com base nessa promessa, tentou levá-lo a quebrar alguns princípios espirituais, o que resultaria na perda do verdadeiro propósito do seu ministério.

Muito provavelmente, havia uma multidão em Jerusalém. A intenção do Diabo era levar Jesus a aproveitar-se do fato de ser Filho de Deus, de possuir uma

promessa e de haver muitas pessoas na cidade, para induzi-lo a dois grandes erros: a) adiantar o processo natural do propósito divino; b) promover a si mesmo.

O Diabo utiliza argumentos legítimos e bíblicos, no entanto, sua intenção e motivação são impuras e malignas, pois visavam tirar Jesus de sua direção vocacional. Jesus sabia que em tempo oportuno Ele teria que se manifestar como Filho de Deus, por isso não deveria atropelar as coisas; e promover-se a si mesmo seria contrariar um princípio fundamental de um ministério verdadeiramente aprovado por Deus (Fp 2.5-9).

Assim como nas demais tentações, o Diabo foi vencido nessa terceira também; contudo, o texto nos informa que ele deixou Jesus por algum tempo, esperando uma nova oportunidade para tentá-lo, ou seja, ele continuaria tentando tirar Jesus da direção, buscando levá-lo a abandonar o verdadeiro propósito do seu ministério.

Nunca nos esqueçamos de que Jesus não transformou pedra em pão para matar a sua própria fome (Lc 4.3-4), mas multiplicou cinco pães e dois peixes para saciar a fome de outras pessoas (Jo 6.1-15).

Todo vocacionado deve manter-se firmado nos princípios deixados por Jesus para a execução do seu chamado, aguardando pacientemente o tempo de Deus, guardando-se de promover-se a si mesmo, além de trabalhar sempre na intenção de abençoar aos outros. Cumprir um ministério com esse espírito é estar alinhado ao sentimento de Deus, podendo então ser reproduzido e conhecido por outros; mas, afinal, isso é possível a algum mortal? Sim, definitivamente, é possível que um homem comprometido com o Senhor que o chamou, reflita esse sentimento. Eugene Peterson (2003), falando sobre o profeta Jeremias, escreveu sobre isso:

Agora, ele estava sentindo em seu próprio ser toda a dor e o sofrimento de um amor não correspondido. Ao identificar-se tão plenamente com a mensagem divina para o povo, Jeremias também sentia rejeição em cada osso e músculo de seu corpo. As blasfêmias o feriam; as rebeliões provocavam-lhe hematomas, os imprudentes rituais salgavam suas feridas abertas. (PETERSON, 2003, p. 124)

Ser vocacionado é ser chamado a reproduzir os sentimentos de Deus e exercer o ministério com os mesmos propósitos demonstrados por Cristo.

Servir: A Verdadeira Missão de um Vocacionado

Temos assistido a uma série de escândalos envolvendo figuras cristãs, inclusive aquelas que têm vocação e cumprem algum ministério. E, uma das principais causas disso é o afastamento do modelo deixado por Cristo de um ministério aprovado por Deus, isto é, o de serviço.

De acordo com Cristo, então, o mais verdadeiro tipo de liderança requer serviço, sacrifício e abnegação. Uma pessoa orgulhosa e que se promove não é um bom líder de acordo com o padrão de Cristo, independente de quanta influência ela teria. Líderes que olham para Cristo como seu Líder e seu modelo supremo de liderança terão corações de servos. Eles exemplificarão sacrifício. (MACARTHUR, 2009, p. 7)

Em primeiro lugar, um ministério só será verdadeiramente aceito e aprovado por Deus caso esteja dentro do modelo deixado por Jesus, pois Ele é o modelo a ser seguido e aceito; em segundo lugar, arrogância e prepotência são atitudes contrárias ao verdadeiro sentido de ministério; e, finalmente, ser vocacionado é ser convocado a ser servo, buscando sempre o interesse do outro, mesmo que isso implique autossacrifício.

É preciso considerar que, no Novo Testamento, ministério origina-se da expressão diakonia, que quer dizer “serviço”. Logo, então, trabalhar no

ministério, ou cumprir uma vocação, é servir, e não ser servido. Trabalhar pelo Reino sem que haja disposição em servir é trabalhar em vão, pois o grande sentido da execução de determinada vocação é única e exclusivamente o serviço.

O próprio Senhor Jesus afirma que Ele veio para servir, e não para ser servido: “Porque o Filho do Homem também não veio para ser servido, mas para servir” (Mc 10.45). Além disso, somos advertidos por Ele acerca da postura que todo crente (principalmente os vocacionados) deve ter quanto à forma de atuarmos em sua obra: “Na verdade, na verdade vos digo que não é o servo maior do que seu senhor, nem o enviado, maior do que aquele que o enviou” (Jo 13.16).

A linha argumentativa aqui é simples, porém, poderosa e eficaz: 1) Jesus deixou claro que sua missão tem o “serviço” como alvo maior, apresentando-se como servo; 2) o Senhor sempre estará à frente e acima dos seus liderados, por isso, Ele é o padrão a ser seguido.

Antes de avançarmos, consideremos ainda este importante exemplo: “Ora, antes da festa da Páscoa, sabendo Jesus que já era chegada a sua hora de passar deste mundo para o Pai, como havia amado os seus que estavam no mundo, amou-os até ao fim” (Jo 13.1, grifo do autor).

A partir desse texto, que relata o episódio conhecido como “lava-pés” e aponta para a disposição de Jesus em servir, iremos expor duas lições básicas a partir da seguinte questão: O que levou Jesus a estar resoluto em demonstrar tamanha humildade, lavando os pés dos discípulos?

Jesus sabia perfeitamente o que estava para acontecer, e isso lhe deu a tranquilidade suficiente para lidar com a indiferença daqueles que não eram capazes de compreender sua atitude em lavar os pés de seus discípulos. Conhecer a origem e as formas de executar uma vocação dá condições à pessoa para cumprir seu papel de servo mesmo que isso cause espanto em muitos e não haja o devido reconhecimento.

Além do mais, o texto ainda nos informa que Jesus amou seus discípulos até o fim, tratando-se também de mais uma razão que o levou a surpreender a todos com a atitude de lavar aos seus pés. Portanto, somente por intermédio de um conhecimento apurado sobre a própria vocação e o coração queimando de amor pelo próximo é que utilizaremos da vocação que o Senhor nos confiou e seremos verdadeiramente servos de Deus no cumprimento do nosso ministério, nos

assemelhando assim a Cristo.

Que os homens nos considerem

Nesta hora, convido-o a uma leitura atenta do texto bíblico a seguir:

Que os homens nos considerem como ministros de Cristo e despenseiros dos mistérios de Deus. Além disso, requer-se nos despenseiros que cada um se ache fiel. Todavia, a mim mui pouco se me dá de ser julgado por vós ou por algum juízo humano; nem eu tampouco a mim mesmo me julgo. Porque em nada me sinto culpado; mas nem por isso me considero justificado, pois quem me julga é o Senhor. Portanto, nada julgueis antes de tempo, até que o Senhor venha, o qual também trará à luz as coisas ocultas das trevas e manifestará os desígnios dos corações; e, então, cada um receberá de Deus o louvor. (1 Co 4.1-7)

Paulo não está tratando de outro assunto a não ser o ministério em seus mais diversos aspectos, como por exemplo, em sua natureza, as expectativas dos homens, o temor que deve haver no coração daquele que o exerce e o fato de que haveremos de prestar contas diante de Deus, que nos confiou determinada vocação.

Observemos agora algumas lições específicas a um vocacionado:

Não podemos esquecer que a palavra ministro quer dizer serviço;

Paulo diz que os homens devem nos considerar servos (ministros);

De certa forma, no exercício do ministério, o que conta é o testemunho das pessoas quanto à forma que o executamos;

Considerar quer dizer “que eles nos vejam”, e só há uma forma de as pessoas nos enxergarem como servos: servindo;

Paulo faz uma convocação para que os vocacionados ao ministério comportem-se de tal forma que as pessoas identifiquem em nós as características de servo e de serviço em nosso trabalho;

Além de servos, Paulo ainda se dirige aos vocacionados chamando-os de despenseiros, o que implica duas lições: 1) muitas vezes trabalha praticamente só, mas são muitos os que são beneficiados com a refeição que preparou; 2) é preciso que tenha disposição de trabalhar onde não é visto;

Como despenseiro, o obreiro precisa ser encontrado fiel, pois este é o modelo bíblico de sucesso;

No dia de prestação de contas diante do Senhor da seara, a pergunta não será “A quantos você pregou?”, mas “O que você pregou”, pois o critério será a fidelidade (Mt 25.21);

Essa fidelidade diz respeito ao Senhor que vocaciona;

Haveremos de prestar contas diante de Ele que nos vocacionou e chamou;

Nossas intenções serão provadas pela presença do Senhor. Afinal, não basta trabalhar para Deus; é preciso que nossos sentimentos e propósitos sejam compatíveis aos dEle.

Esse padrão só poderá ser alcançado se mantivermos os nossos olhos fitos em Cristo, mui especialmente no seu sofrimento, isto é, exercer o nosso ministério sob os princípios da cruz de Cristo, conforme disse D. A. Carson:

A cruz estabelece não somente o que devemos pregar, mas também a maneira como pregamos. Ela prescreve o que os líderes cristãos têm de ser e como devem ser vistos pelos membros das igrejas. A cruz nos diz como servir e nos atrai a prosseguir no discipulado, até que entendamos o que significa ser cristãos

transculturais. (CARSON, 2011, p. 11)

Essas palavras do pastor Carson mostram e nos estimulam a olhar na direção certa enquanto trabalhamos: para a cruz de Cristo. No entanto, além de olharmos para a direção certa, precisamos também desviar o nosso olhar dos padrões que militam em nos afastar do verdadeiro sentido e propósito do ministério. O pastor John Piper nos auxilia na tarefa de identificar para onde não devemos olhar:

Porque me parece que Deus nos colocou a nós, em último lugar no mundo. Somos loucos por causa de Cristo, mas os profissionais são sensatos; somos fracos, os profissionais, porém, são fortes. Eles são sempre honrados; mas ninguém nos respeita. Não tentamos garantir um estilo de vida profissional; antes, passamos fome, sede, nudez e falta de morada. Quando somos amaldiçoados, abençoamos; quando perseguidos, suportamos; quando caluniados, respondemos com amabilidade. Até agora nos tornamos a escória da terra, o lixo do mundo (I Co 4.-13). Temos mesmo? (PIPER, 2009, p. 16)

De maneira direta e objetiva, o pastor Piper apresenta-nos um vivo e atualíssimo contraste entre o padrão ministerial estabelecido por Cristo nos moldes da cruz, e o apresentado pelo mundo, em que o homem torna-se o centro das atenções. No entanto, somos convidados a deixar esse padrão profissionalizado de ministério, a fim de abraçarmos – mesmo custando caro – aquele que foi proposto pelo Senhor que nos vocacionou.

Chegamos ao fim deste capítulo em que foram destacadas, de forma resumida, as evidências de uma pessoa verdadeiramente vocacionada. As características aqui elencadas são aquelas que podem ser chamadas de elementares, isto é, em cada uma delas residem outras que formam o conjunto de todas as exigências necessárias a alguém que é chamado por Deus.

Para encerrar, trago uma reflexão do pastor Dave Harvey na qual ele explica – à

luz da Bíblia – que um vocacionado demonstra que sua vocação é verdadeira por meio de qualidades já presentes em sua vida:

Em I Timóteo 3 e Tito 1, vemos evidências extraordinárias da atividade de Deus que antecede qualquer senso claro de chamada. Pense novamente no uso que Paulo fez do tempo presente no verbo principal – “é necessário” – em I Timóteo 3.2. É necessário que o presbítero seja irrepreensível, temperante, sóbrio, modesto, etc. Esse tempo verbal se estende a toda a passagem. Paulo não está apresentando uma lista de alvos de caráter que ainda devem ser atingidos. Está falando de qualidades já presentes. São pré-condições para os presbíteros e não resultados pelos quais se espera. (HARVEY, 2013, p. 81)

Certamente, tanto as que já estão presentes são aperfeiçoadas pela ação do Espírito Santo como aquelas que ainda não foram alcançadas, à medida que o ministério é exercido com fidelidade, são acrescentadas.

Graça sincera é um princípio poderoso na alma, e o seu poder se manifesta, em parte, na natureza de suas ações. Ela não é uma coisa obscura, inativa, ineficaz. Há um fervor e um vigor santo nas ações da graça.

– Jonathan Edwards

Conclusão

■

Chegamos ao final de nossa jornada em direção à descoberta e potencialização de nossa vocação. Minha proposta final é recordar os pontos centrais de nossa reflexão, nos quais se encontram os princípios aqui apresentados.

Para o desenvolvimento desta conclusão, convido-o a ler Josué 22.1-9, e em seguida considere as lições extraídas que servem como complementação de toda a nossa trajetória em torno do tema aqui abordado.

O texto sugerido encontra-se inserido em um momento extremamente importante da história de Israel no qual há um misto de sentimentos, pois Josué está prestes a morrer e encontra-se dividindo as heranças entre as tribos como fruto de todas as muitas vitórias que o Senhor havia lhes concedido. Nesse caso, o sucessor de Moisés está dirigindo-se aos rubenitas, aos gaditas e à meia tribo de Manassés para direcioná-los e recompensá-los.

A partilha de bens se deu principalmente em virtude de tarefas concluídas com êxito. No entanto, não há uma palavra de elogio ou expressão semelhante a “parabéns” e nem ênfase quanto ao belíssimo trabalho desenvolvido pelos bravos soldados que lutaram incansavelmente pelo bem das pessoas e da própria história de Israel.

Na verdade, em um primeiro momento, parece estar havendo uma grande injustiça por parte de Josué em relação aos integrantes dessas tribos, todavia, precisamos considerar o que o próprio texto tem a nos informar.

Leiamos Josué 22.4:

E agora o Senhor, vosso Deus, deu repouso a vossos irmãos, como lhes tinha prometido: voltai-vos, pois, agora, e ide-vos a vossas tendas, à terra da vossa possessão, que Moisés, o servo do Senhor, vos deu dalém do Jordão.

Notemos, entretanto, que Josué é muito claro em apontar para quem, verdadeiramente, efetuou a obra. Ele diz que foi Deus quem deu repouso ao povo, como fruto de sua própria promessa, e, embora os membros dessas tribos tenham tido sua parcela de contribuição (na condição de instrumentos), os méritos são de Deus, porque foi Ele quem operou por meio desses instrumentos.

Desse modo, a primeira lição que podemos extrair é a de que devemos reconhecer que, uma vez que foi Deus quem realizou a obra, não cabe aos homens – mesmo que tenham sido instrumentos usados por Ele – uma palavra de celebração. Portanto, somente a Deus seja a glória e a Ele devemos agradecer por conceder a nós o privilégio de servi-lo naquilo que Ele está realizando no mundo, pois isso é obra de sua graça.

Há uma segunda lição nesse texto, no versículo 5, que pode servir como conclusão de nossa reflexão.

Tão somente tende cuidado de guardar com diligência o mandamento e a lei que Moisés, o servo do Senhor, vos mandou: que ameis ao Senhor, vosso Deus, e andeis em todos os seus caminhos, e guardeis os seus mandamentos, e vos achegueis a ele, e o sirvais com todo o vosso coração e com toda a vossa alma.

Atentemos para o fato de que, mesmo em um momento de distribuição de recompensas por batalhas vencidas, há uma palavra de alerta: “tende cuidado”, e significa que o perigo de afastar-se de Deus continuava existindo. Além disso, Josué lembra ao povo que o mandamento e a lei de Deus não haviam mudado, e que o compromisso que eles tinham de cumpri-los continuava em vigor. Por isso, não deveriam distrair-se mesmo em tempos favoráveis como aquele que estavam experimentando.

De fato, é em tempos de refrigério, descanso e comemorações que ficamos mais vulneráveis a esquecermos de nossos compromissos com os princípios estabelecidos por Deus. Na verdade, as grandes quedas geralmente ocorrem após grandes conquistas. É por essa razão que Josué não suavizou suas colocações ao

povo, mesmo porque a fidelidade a Deus não prescreve, e uma vitória não encerra a história. Afinal, somos a continuidade de uma história que não é nossa, mas de Deus, e assim como Ele, ela é eterna.

Finalmente, leiamos o versículo 8:

E falou-lhes, dizendo: Voltaís às vossas tendas com grandes riquezas, e com muitíssimo gado, com prata, e com ouro, e com metal, e com ferro, e com muitíssimas vestes; reparti com vossos irmãos o despojo dos vossos inimigos.

Como bem sabemos, os bens estavam sendo repartidos com aqueles que fizeram por merecer. Era um momento especial em que, além da sensação de dever cumprido, eles ainda estavam sendo recompensados pelo que fizeram com êxito. No entanto, Josué ordena que os bens recebidos como recompensa, em vez de serem desfrutados única e exclusivamente por eles, deveriam ser compartilhados com outras pessoas.

Essa ordem de Josué encontra-se enraizada em alguns princípios espirituais, a saber:

- 1) quando há consciência de que a riqueza recebida tem em Deus a sua origem, não há dificuldades em entender que elas deverão ser usadas para propósitos maiores, isto é, servirão aos interesses do próprio Deus;
- 2) é preciso combater o orgulho pessoal, e não há forma mais eficaz do que reconhecendo que o que temos vem de Deus e que devo compartilhar com outras pessoas, como evidência dessa consciência;
- 3) a luta contra a avareza deve ser algo constante na vida daqueles que servem ao Senhor, em especial em algum ministério específico, evitando assim queda e escândalo;

4) compartilhar com outras pessoas aquilo que recebeu de Deus é seguir o princípio normativo de uma verdadeira vocação divina, além de ser uma grande oportunidade para manifestar o Espírito de Cristo, que em seu ministério terreno sempre atuou na direção dos outros, e nunca em benefício próprio.

Concluo dizendo que a minha sincera oração é para que Deus vocacione a muitos, levando-os a identificar o propósito da sua vida. Que essa vocação seja potencializada à medida que o tempo passe, e que tanto a igreja como o mundo, que carecem de homens inflamados pelo Espírito Santo, encontrem em você tudo aquilo que Cristo pode dar. Amém.

O que a igreja precisa hoje não é de mais ou melhores mecanismos, nem de nova organização ou mais e novos métodos. A igreja precisa de homens a quem o Espírito Santo possa usar, homens de oração, homens poderosos em oração. O Espírito Santo não flui através de métodos, mas através de homens. Ele não vem sobre mecanismos, mas sobre homens. Ele não unge planos, mas homens. Homens de oração!

– E. M. Bounds

Referências

-

BAUMAN, Z. O mal-estar da pós-modernidade. Rio de Janeiro, RJ: Editora Zahar, 1998.

BÍBLIA. Português. Bíblia Sagrada: Revista e Atualizada. Antigo e Novo Testamentos. Tradução de João Ferreira de Almeida. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012.

BRUCE, F. F. Paulo, o apóstolo da graça. São Paulo, SP: Shedd Publicações, 2003.

CARSON, D. A. A cruz e o ministério cristão. São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 2009.

COSTA, H. M. P. A vocação cristã: algumas reflexões inquietantes, consoladoras e desafiantes. Paraíba do Sul, RJ: Instituto Teológico Edificar, 2015.

HARVEY, D. Eu sou chamado? – a vocação para o ministério pastoral. São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 2013.

HOEKEMA, A. Criados à imagem de Deus. São Paulo, SP: Editora Cultura Cristã, 1999.

HORTON, S. M. I e II Coríntios: os problemas da igreja e suas soluções. Rio de Janeiro, RJ: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2003.

MACARTHUR JR, J. F. Deus: face a face com a majestade de Deus. São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 2013.

_____. O livro sobre liderança. São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 2009.

_____. Ministério pastoral. Rio de Janeiro, RJ: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 1998.

MACDONALD, D. J. Os puritanos e o ministério. Trad. Eli Daniel da Silva. Disponível em http://www.monergismo.com/textos/pastores/puritanos_ministerio_macdonald.htm Acesso em 10/01/ 2018.

MARSHAL, C.; PAYNE, T. A treliça e a videira. São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 2015.

MOHLER, JR. R. A. Deus não está em silêncio. São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 2011.

PETERSON, E. H. Corra com os cavalos. Viçosa, MG: Editora Ultimato, 2003.

PIPER, J.; TAYLOR, J. A supremacia de Cristo em um mundo pós-moderno.

Rio de Janeiro, RJ: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2007.

SCHNELLE, U. Paulo: vida e pensamento. Santo André, SP: Paulus, 2010.

THOMPSON, R. D. A arte da distinção. Rio de Janeiro, RJ: Central Gospel, 2013.